

ROCOCÓ

DE P.R.BERTON

ORATÓRIO DRAMÁTICO EM SETE PARTES

LISTA DE PERSONAGENS:

PAI, 77

MENINO, seu neto, 13

K, sua filha

MORIBUNDO, seu filho, 37

VIÚVO, seu genro, 38

PROFESSOR, seu irmão, 75

COMPOSITOR, 38

GIULIETTA, 29

INTRUSA, irmã de Giulietta, 32

MÉDICO, 38

DANÇARINO, 37

EMPREGADA, 44

JARDINEIRO, 46

LOCAL DA AÇÃO:

UMA FAZENDA DE CAQUIZEIROS NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL

PRIMEIRA PARTE**INTRODUÇÃO**

(Noite de quarta-feira santa, que desta vez caiu na metade de abril. O campo está coberto de geada. K flutua no sereno. Ouve-se uma voz ao longe que diz "volta!" chamando por K. K ignora o chamado.)

K - O Gott, warum sich entfernen müßen, was man so liebt.

(Dentro de um carro, na estrada.)

COMPOSITOR - Pela manhã, meu anjo, meu tudo, meu eu, hoje, somente poucas palavras, e ainda por cima a lápis...alguma coisa assim.

GIULIETTA *(arrepiada)* - Tão...lindo... *(pronunciando com cautela e deleite)* was man so liebt...

INTRUSA - Mas a lápis? Pouco romântico esse cara. No tempo desse betovem aí, não tinham inventado a caneta ainda?

(GIULIETTA chora. INTRUSA olha para GIULIETTA.)

INTRUSA - Giú, assim não dá, cara. Isso que eu nem reclamei que tu começou a falar nessa língua horrorosa. Não para de chorar desde que a gente atravessou a ponte do Guaíba, pô! Se me contasse ao menos que que foi. Tu tá sabendo o que que tá causando dessa vez, maestro?

(Silêncio.)

INTRUSA - Ninguém tem um chiclé?

(Silêncio.)

INTRUSA - Falta muito pra chegar, hein? Que breu que tá lá fora!

(Silêncio.)

COMPOSITOR *(murmurando)* - Poucas palavras...

(No campo.)

K - Eu estou aqui.

(Ouve-se uma voz ao longe que diz "volta!" chamando por K.)

K - Sempre do teu lado.

RECITATIVO

(Na cozinha "velha", que fica dentro da casa principal. Uma porta dá acesso ao jardim. EMPREGADA mistura uma poção numa grande panela sob o fogão.)

EMPREGADA - Ela não existe mais.

(JARDINEIRO grunhe.)

EMPREGADA - Rasguei há muito tempo.

(JARDINEIRO grunhe.)

EMPREGADA - Por que? *(Pra si mesma.)* Por que.

(JARDINEIRO afasta EMPREGADA do fogão e passa a mexer na poção. EMPREGADA se senta.)

EMPREGADA - Porque eu não queria que ela fosse embora junto com ele.

(JARDINEIRO grunhe.)

EMPREGADA - Ia sim. Se ele fosse, ela iria atrás dele. E eu sabia quem ...

(Ouve-se a mesma voz da introdução chamando por K. EMPREGADA faz menção de sair para fora da casa. JARDINEIRO a detém. JARDINEIRO grunhe. EMPREGADA se solta do JARDINEIRO. EMPREGADA dá um suspiro.)

(No campo.)

K - A cena dele indo embora em direção ao carro parecia uma daquelas imagens oníricas de cinema mudo a la Murnau e a dor era maior do que as minhas células sendo devoradas lentamente em meio a um frio cortante mas ao mesmo tempo acolhedor de abril porque este sempre foi e sempre será um mês gelado que me traz à memória os acordes histéricos daquele maldito Beethoven um compositor que sempre me deu ânsia de vômito e ironicamente tão idolatrado tanto por ele quanto por meu pai e isso me fazia pensar que eu era louca por um homem que escutava as mesmas músicas que o déspota do velho enquanto meu irmão se trancava no quarto e chorava porque ele sabia que de nada adiantava a natureza era sábia e impiedosa ao mesmo tempo prova disso que os filhotes de morcego tinham nascido mortos. Nossa empregada bem que

tinha tentado de tudo enrolado eles com as folhas do caquizeiro e acho que aquela vez em que eu vi ela chorar foi a primeira.

4

(No quarto de dormir do MORIBUNDO. As aconchegantes paredes forradas com madeira contrastam com móveis austeros que devem estar ali há cinquenta anos no mínimo. Em várias partes da madeira, inscrições feitas com objetos pontiagudos, poesias, gritos de liberdade de um prisioneiro encarcerado. MÉDICO cantarola a 'Abendsegen' da ópera Hänsel und Gretel de Humperdinck. Depois de um tempo, MORIBUNDO irrompe pelo quarto tossindo. MÉDICO para de cantar e olha para o MORIBUNDO de forma inexpressiva.)

MÉDICO - Tu sabe muito bem que mudança de temp...

MORIBUNDO *(indo sentar-se na cama)* - Cala a boca.

MÉDICO *(consultando um caderno)* - Eu não sabia que eram tantas as pragas que acometiam os caquizeiros. Olha só: as moscas das frutas, nome científico *anastrepha spp* ou *ceratitis capitata*. A lagarta dos frutos, nome científico *hypocala andremona*. Até o ácaro...

MORIBUNDO *(jogando-se na cama de barriga pra cima)* - Ela tá lá fora.

(MÉDICO fecha o caderno.)

MORIBUNDO *(olhando pro MÉDICO)* - Tu não acredita, né? *(Olha pro teto.)* Nunca acreditou. Cético.

MÉDICO - Cético.

(Pausa.)

MÉDICO - No fundo eu acho que teria gostado mais de ter administrado uma fazenda de caquis como essa do que ter sido um médico.

(Pausa. MORIBUNDO tem um acesso de tosse.)

MÉDICO - Na verdade eu ainda sou um médico.

(MÉDICO faz menção de ir até o MORIBUNDO.)

MORIBUNDO *(repentinamente senta-se na cama)* - Será que ele já tá perto?

MÉDICO *(parando no meio do caminho)* - Por que que tu não volta pra cama?

MORIBUNDO - Eu tô na cama. Eu passo quase o tempo todo em cima dessa merda dessa cama. Já não é o suficiente?

MÉDICO - Eu não sei. Contigo a gente nunca sabe.

(MORIBUNDO vai até a janela).

MORIBUNDO - Eu achei que eu tinha ouvido o barulho de pneu quando eu tava lá fora. Mas deve ter sido o vento.

MÉDICO - Tá frio nesse quarto.

MORIBUNDO - Ou então, algum filhote de morcego perdido sem pai. Teu jardineiro andou achando muito morceguinho solto por aí, em pleno dia.

MÉDICO - Vai ver que eles não gostam da noite. *(Levantando-se)*. Eu vou ligar esse aquecedor. Foi tu que desligou ele?

MORIBUNDO - É ela sim. É a minha irmã.

(O MÉDICO se vira para MORIBUNDO.)

MORIBUNDO - É ela que fica caminhando em volta da casa como ela sempre gostou de fazer.

MÉDICO - Acho melhor tu te esquent...

MORIBUNDO - É sim. Eu escuto a delicadeza do pisar dela na grama. Só eu mesmo pra poder reconhecer isso.

(Pequena pausa.)

MORIBUNDO *(ênfatizando cada palavra)* - Só eu.

(Pequena pausa.)

MORIBUNDO - Parece que eu tô vendo ela no dia do casamento, dando voltas e mais voltas na casa, indo até quase a colina e voltando, enterrando o salto do sapato no gramado... *(virando-se para MÉDICO)*. Eu quero te pedir uma coisa.

(Na cozinha velha.)

EMPREGADA - Eis que aparece o esposo no meio da noite...

(Na grande sala da casa. Janelas amplas que dão para o jardim e uma imponente porta de entrada de folhas duplas envidraçadas e laqueadas,

fazendo com que quem estiver do lado de fora não seja completamente identificável por quem estiver dentro da sala, que dá para a varanda de entrada. Um piano de cauda preto quase no centro da sala. Estantes com muitos livros e partituras. Partituras sobre o piano e em cima da mesa de centro. Um busto de Beethoven consideravelmente grande em cima do piano parece controlar quem quer que ouse invadir esse espaço sagrado da música. Um relógio de canto antigo. Frente a frente, PROFESSOR de pé com um sorriso irônico e PAI, sentado, encarando-se. Por um longo tempo, PROFESSOR segura um copo de conhaque sem tomar dele, enquanto que PAI sorve vários goles de uma forma um pouco nervosa. PAI se levanta e coloca uma música no aparelho de CD.)

PROFESSOR - Tão estranho a casa cheia e ninguém aqui sentado pra beber conhaque contigo.

(Curto silêncio. Ouve-se um barulho de asas. PROFESSOR procura pela origem do barulho.)

PAI (sem olhar para PROFESSOR) - Deve ser algum morcego. Tá cheio deles. (Para PROFESSOR com ironia.) Incrível, não é mesmo? Cheio. (Mexendo no aparelho de CD.) Eu estou muito contente de tu teres aceitado o meu convite.

PROFESSOR - Faz quase dois anos que eu fiquei viúvo.

(Curto silêncio. Ouve-se a introdução do oratório 'Cristo no Monte das Oliveiras' de Ludwig van Beethoven.)

PAI - O guri tá indo muito bem.

PROFESSOR - Dois anos é bastante tempo.

(PAI volta pra sua poltrona.)

PAI - Eu já te expliquei que eu tava muito envolvido com...

PROFESSOR -...com o oratório.

(Curto silêncio.)

PAI - Sim, com o oratório.

(Curto silêncio.)

PROFESSOR (indo até a janela) - A gente se sente muito sozinho quando...

PAI - Eu também já perdi a minha mulher.

(Professor se volta para PAI.)

PROFESSOR (*cantarola junto com a música*) - Jehova, mein Vater!

PAI - Teu ódio nunca foi embora pelo visto.

PROFESSOR (*em tom levemente agressivo.*) - Então o menino está bem preparado para a longa viagem? Foi bem instruído pelo tutor dele? Com que idade mesmo que ele começou a tocar piano, com sete, né? Nossa, que prodígio. (*Lento e destacado.*) Que prodígio!

PAI - Foi com seis.

(*PROFESSOR encara PAI surpreso.*)

PROFESSOR (*rindo*) - Lembra que o nosso pai controlava o nível da bebida na garrafa pra saber se alguém tinha tomado escondido?

PAI - Como que tu ficou sabendo da viagem dele? Por aquela idiota lá na cozinha?

PROFESSOR (*indo sentar-se na poltrona*) - Curioso que nesta família de (*abrindo as palmas das mãos feito um cantor de musical*) artistas nós temos os artistas de sucesso e os artistas fracassados. Aqui, na minha frente, senhoras e senhores, temos uma das maiores sumidades em se tratando do gênio da música, ludovico de be-e-thoven. Seu neto, brilhante, segue pelo mesmo caminho. Enquanto isso, o irmão mais velho, o Caim rancoroso, nunca passou de um reles professor, e o filho...

PAI (*levantando-se irritado*) - Ah, foi ele então. Aquele morre-não-morre desgraçado. Que se junte logo com a mãe dele. (*Curta pausa. Indo em direção ao PROFESSOR.*) Eu não fui no enterro porque era a primeira vez que eu ia reger o oratório com uma soprano japonesa de primeira linha, uma cantora top.

PROFESSOR - Pop?

PAI - Top.

(*PROFESSOR gargalha.*)

PAI - Idiota. O que é que tu entende de arte? Eu construí uma vida porque eu acreditei no meu talento. Não fui me esconder atrás duma mesa empoeirada repetindo a mesma merda, dia após dia...eu achei que a gente tava falando de coisas sérias. Eu achei que tu tava falando do teu luto. Mas pelo jeito alguém aqui tá fazendo papel de palhaço.

PROFESSOR - Se eu repeti a mesma...merda, tu ficou regendo a mesma coisa por trinta anos porque sabia que isso ia te trazer fama e dinheiro.

PAI - E trouxe. Os dois.

PROFESSOR - Nunca ousou nada.

PAI - Eu nunca pensei que fosse tanta inveja assim.

PROFESSOR - Inveja do que, da tua mediocridade? (*Vai até o piano. Toca o início da ária 'Suse, liebe Suse' da ópera Hänsel und Gretel de Humperdinck.*)

PAI - Para com essa merda, Mariazinha.

(*PROFESSOR para de tocar o piano rindo alto. Fecha a tampa bem devagar.*)

PROFESSOR - Pelo menos não me chamou de bruxa. (*Sério.*) Vamos então ao que interessa?

PAI - E ainda por cima eu vou ter que aguentar, além do meu querido irmão que eu não via há quase dois anos, aquele projeto de maestrozinho de merda que o teu simpático sobrinho resolveu convidar pra passar o feriado de páscoa com ele. E de sobra, comigo. Sim, porque ele não percebe que a casa ainda é minha.

PROFESSOR - Não mais por muito tempo.

(*Pausa longa.*)

PROFESSOR (*cantarola*) - 'Gross sind die Qual, die Angst, die Schrecken, die Gottes Hand auf ihn ergiesst'...este violoncelo sublime...vem cá, o menino não queria uma época estudar violoncelo?

PAI (*cauteloso*) - Eu achei estranho tu ter aceitado o convite assim, de cara.

PROFESSOR - Caim cansou.

PAI - Então desembucha.

(*Curto silêncio.*)

PROFESSOR - Eu me aposentei.

PAI - E daí. O que é que eu tenho a ver com isso? Vai se tornar presença mais constante aqui na fazenda? Vai vir morar aqui na minha casa comigo? (*Ri.*) Perfeito. Um filho apodrecendo na cama, um genro à beira da demência, uma grega louca pronta pra colocar veneno na minha comida, e agora, tu.

PROFESSOR - Na nossa casa.

PAI - Ah, e tava me esquecendo do jardineiro mudo. Aquele monstro que tá em todos os lugares ao mesmo tempo. (*Vira-se para PROFESSOR. Espantado*). Como é que é?

PROFESSOR - Eu não vou mais trabalhar como professor.

PAI - Tá, essa parte eu já entendi.

PROFESSOR - A partir de agora eu quero me dedicar à poesia. Escrever muito. Fazer cursos, oficinas. (*Com deboche*.) Workshops. Viajar pra participar de eventos literários. Comprar livros, muitos livros. Pra um dia quem sabe alguém ler no jornal que eu estou indo pra, digamos... (*com deboche*) Suíça, pra completar a minha formação artística.

PAI - Hum. Foi no jornal então. Tá bom. Boa sorte. Parabéns. Seja muito feliz. Eu sabia que isso ia acontecer um dia. Caim ficou quieto por muito tempo. Enterrado numa universidade vagabunda de terceira. Varando a noite escrevendo só artigo que ninguém nunca quis ler, muito menos publicar. Inclusive se eu soubesse dos teus planos, poderia ter te mandado pra ser o tutor do meu neto na Suíça. Não um tutor musical, mas tipo um mordomo...alguém pra cuidar da comida dele, da roupa, essas coisas que um menino de treze anos não tem a mínima noção como fazer.

PROFESSOR - Nem meninos de treze, nem velhos de...ah, deixa pra lá. A família é tua e o problema não é meu.

PAI - E qual é o teu problema então? Que pelo jeito é meu também.

(*PROFESSOR estica o copo de conhaque na direção do PAI.*)

PROFESSOR - Não vai me servir? Tudo bem. Eu nem poderia esperar outra coisa. Também tava achando estranha a tua calorosa recepção.

(*Curto silêncio.*)

PROFESSOR - Eu vou vender a minha parte da fazenda.

PAI (*rindo*) - Não acredito. Mas e a tua aposentadoria não cobre as tuas despesas?

PROFESSOR - Eu tenho outros projetos mais ambiciosos.

PAI (*levanta-se. Andando irritado pela sala*) - Tu é sozinho! A mulher morreu. Não tem filho. Não tem neto.

PROFESSOR - Melhor não ter do que matar. A mulher e a filha. O filho tu tá quase conseguindo. E o neto tu tá mandando embora.

PAI (*segura o PROFESSOR pela gola*) - Olha aqui ó seu filho da puta...

PROFESSOR - Eu sou o próximo da lista, é isso? Esse era o motivo pra me convidar pra tua páscoa? Só que Cristo só é crucificado na sexta-feira, ainda tenho dois dias, maestro.

(*PAI joga o PROFESSOR na poltrona e vai até a janela.*)

PROFESSOR - Já consultei advogado e tudo. É meu direito.

(*PAI cobre o rosto com as mãos.*)

PROFESSOR - Por que nunca fiz isso antes? Porque algumas pessoas demoram pra acordar na vida. E eu quero aproveitar o fim da festa. Com tudo o que eu tenho direito.

(*Curto Silêncio.*)

PROFESSOR (*levanta-se da poltrona*) - E eu vou pra cama. Aproveitar bem estes dias aqui na nossa propriedade. Andar de cavalo, passear por entre os caquizeiros, comer bem, ouvir um pouco de Beethoven... (*desliga o CD*).

(*PROFESSOR se dirige à escada.*)

PAI (*virando-se pro PROFESSOR*) - E assistir de camarote a minha derrocada né?

PROFESSOR (*para no sopé da escada e se vira pro PAI*) - Eu sempre achei curioso tu ter te dedicado a vida inteira a esta obra do surdo. A quinta sinfonia combina mais com este teu jeito dramático. Um oratório e que ainda por cima enfatiza o caráter humano do filho de deus. Tu teria tido mais prazer regendo óperas, se bem que Beethoven só escreveu uma. Gozado. A gente nunca entende o outro mesmo. Isso que ele é nosso irmão!

PAI - Eu vou ter que vender isso aqui. E pra onde vão todas as lembranças?

PROFESSOR - O mais interessante é que Beethoven não dramatiza a crucificação de Jesus, mas sim o momento de decisão dele de morrer pelos homens.

PAI - Foi aqui que eu me fiz. Isto tudo sou eu.

PROFESSOR - Foi um dos primeiros sucessos dele. Foi o teu constante sucesso. Tu já teve o teu. Sai de cena agora. (*Sobe os degraus lentamente.*)

PAI (raivoso) - Vai querer começar o que depois de velho? Ninguém vai querer te ler. Tu tem pouco tempo.

PROFESSOR - Então saio eu. (Sai.)

(PAI se serve de mais conhaque.)

(Na cozinha da casa. O VIÚVO entra agitado. JARDINEIRO mexendo na poção sobre o fogão.)

VIÚVO - Nada?

(O JARDINEIRO grunhe.)

VIÚVO (ansioso) - O que foi que ele disse?

EMPREGADA (olhando para o JARDINEIRO) - Faz tanto tempo assim? É mesmo. Foi num domingo de páscoa.

(O VIÚVO pega um caqui da gamela de frutas no centro da mesa e o examina.)

EMPREGADA (puxando a cortina) - Alguma coisa aconteceu. Já era pra eles terem chegado. Não sei porque é que ele resolveu aparecer. Depois de anos sem dar as caras. (Suspira.)

(EMPREGADA se depara com o olhar do VIÚVO.)

EMPREGADA - Não tenho nada a ver com isso. Eu só cumpro ordens nesta casa. Tu sabe muito bem de quem foi a ideia de convidar ele. (Pausa.) E justamente na páscoa...ele sabia disso. Claro que sabia. A saúde dele é frágil, mas ele é esperto. (Sorrindo.) Quando ela ainda era viva, eu me lembro que a função de pintar os ovos me deixava louca. Tudo isso acabou. Se foi com ela. Ele bem que tentou continuar com o menino. Mas não conseguiu. Foi ficando cada vez mais fraco. (Encara o VIÚVO.) Como todo mundo nessa casa. Todo mundo menos... (com raiva) quando é que tu vai me deixar limpar o teu quarto de novo, hein? Faz horas que eu não entro lá.

(O VIÚVO parte o caqui em dois.)

EMPREGADA - Deram tão vermelhinhos esse ano.

(O JARDINEIRO grunhe.)

EMPREGADA - Deu aí?

(O JARDINEIRO assente com a cabeça e vai até um armário.)

VIÚVO - Tu entrou lá no mês passado. Eu vou dar uma volta.

EMPREGADA (*pegando a panela com a poção e largando-a no balcão*) - Eu entrei antes do natal.

VIÚVO - A cavalo.

(*O JARDINEIRO grunhe e vai com duas garrafas até o balcão. O JARDINEIRO larga-as sobre o balcão.*)

EMPREGADA - Ele disse que tá um frio do cão lá fora. Aquela tela deve estar imunda. É horrível de deixar ela branca. (*Abre a gaveta da mesa e pega um funil*). Parece que fica sempre manchada.

(*A EMPREGADA vai até o balcão, sobre o qual estão as garrafas. Ela coloca o funil na garrafa menor.*)

EMPREGADA - Hoje ele tá mais calmo. Não colocou nenhuma daquelas músicas o dia inteiro. (*Para o JARDINEIRO.*) Me ajuda aqui. (*Os dois derramam o líquido oleoso da panela para a garrafa menor.*)

VIÚVO - A tela é manchada. Sempre foi. (*Enfia uma das metades do caqui inteira na boca. Cospe na mesa.*) Tá podre. (*Arremessa a metade podre na lata de lixo.*)

EMPREGADA - O velho tava ameaçando queimar todos os cedês dele.

(*Ouve-se alguém tossindo no andar de cima da casa. A EMPREGADA e o JARDINEIRO largam a panela no balcão.*)

EMPREGADA - Vai começar tudo de novo?

ÁRIA

(*No quarto do MORIBUNDO. MORIBUNDO começa a tossir com força. MORIBUNDO para de tossir e põe a mão no peito. Examina as paredes. Fixa o olhar numa parte da parede perto da porta. Abre a gaveta da mesinha de cabeceira e tira um canivete pequeno. Levanta, vai até a parede, abre o canivete e entalha algumas palavras na madeira. Olha para a parede. Vira-se para MÉDICO. Aproxima-se lentamente da poltrona.*)

MORIBUNDO - Não faz essa cara. É muito importante pra mim. Não só pra mim. É importante.

(*MÉDICO fica na espera do pedido.*)

MORIBUNDO (*caminhando pela sala*) - É importante pra minha irmã.

MÉDICO (*calmamente*) - Ela tá morta.

MORIBUNDO - Tu não precisa me lembrar disso.

MÉDICO - Será que não?

(*MORIBUNDO fica encarando MÉDICO.*)

MORIBUNDO - Eu sei muito bem o que tu pensa sobre a minha pessoa. Tu já cansou de dizer. (*Tosse.*)

MÉDICO - É melhor tu voltar pra cama.

MORIBUNDO - Me ouve. Eu preciso muito da tua ajuda.

MÉDICO - Desde que eu me conheço por gente eu tô aqui te ajudando.

MORIBUNDO (*caminhando pelo quarto*) - Deixa de ser idiota. Eu tô falando sério. (*Olhando para MÉDICO.*) Tu sabe que eu não vou durar mais muito.

MÉDICO (*de costas pra MORIBUNDO*) - Isso é coisa da tua cabeça. Asma não mata ninguém.

(*MÉDICO bate num copo. O copo cai no chão e se estilhaça.*)

MORIBUNDO - Tu pode prestar atenção em mim?

MÉDICO (*juntando os cacos*) - Eu preciso de água.

(*Pequena pausa.*)

MORIBUNDO - Eu preciso que tu falsifique um exame médico pra mim.

(*MÉDICO, ajoelhado, se vira pra MORIBUNDO.*)

MORIBUNDO - Um exame de DNA.

MÉDICO - Ai! Merda, me cortei.

MORIBUNDO (*se ajoelhando ao lado de MÉDICO e segurando o braço dele*) - Tu faz isso por mim?

MÉDICO - Cuida os cacos, tu vai acabar se cortando também. Tu tem noção do que tu tá me pedindo?

MORIBUNDO - Tenho. Que se fodam os cacos.

(MÉDICO se levanta e procura alguma coisa pra limpar o sangue do dedo.)

MORIBUNDO (ansioso) - Não vai me perguntar nada?

MÉDICO (olhando para MORIBUNDO) - Eu não vivo vinte e quatro horas do teu lado. Não me interessa saber com quem tu...

MORIBUNDO - Não, seu idiota. O filho não é meu.

(MÉDICO olha para MORIBUNDO tentando entender aonde MORIBUNDO quer chegar.)

MORIBUNDO - Eu quero detonar com o velho. (Dá um soco na parede.) Acabar com ele.

MÉDICO - Hein?

MORIBUNDO (com raiva) - Eu vou tirar o guri dele. Entendeu?

MÉDICO - Hum...não muito.

MORIBUNDO (perdendo a paciência) - O que que é a coisa mais importante pro velho? Ou melhor, quem é a coisa mais...a pessoa mais importante...a única pessoa que conta pra ele? (Tosse.)

MÉDICO - O neto.

MORIBUNDO (com ironia) - Bingo. Brilhante.

MÉDICO - Hum. Tô vendo aonde tu quer chegar. Mas e o pai dele?

MORIBUNDO (muito agitado) - O meu cunhado tá ficando louco! Ele não conta mais e nem vai se importar. Um dia ele desaparece por trás de alguma coxilha pra sempre. E o suposto verdadeiro pai fica com a tutela do guri. (Dá um grito de raiva.)

MÉDICO - A princípio isso é uma loucura. Mais um devaneio teu. E como não podia ser diferente, tu me pede isso horas antes do nosso amigo mais famoso, mais brilhante, mais tudo chegar. A casa tá toda em polvorosa: teu pai, teu cunhado, a louca da empregada tá todo mundo numa agitação só. Tu viu a quantidade de caqui que ela espalhou pela casa? Não me espantaria encontrar uma bandejinha dentro do banheiro também. Até o guri tá curioso em conhecer esse tal (com deboche) jovem mas nem tanto compositor e maestro. Cheio de prêmios. E mulheres. Sim, isso nunca faltou. Enquanto isso os outros ficam chupando dedo. (Vai até a janela.) Às vezes eu fico me lembrando do tempo que a gente era novo e não precisava se preocupar com nada. Os fins-de-semana que a gente passava aqui. Nós todos. Cinco caras e a tua irmã. Ela era o

centro de tudo. (*Ri sozinho.*) Me lembro bem dos dois cortejando ela. (*Olha pra MORIBUNDO.*) E tu não deixava ninguém chegar perto dela. Protegia ela feito uma relíquia, uma pedra preciosa. (*Olha através da janela.*) Pra te falar a verdade, eu não duvido que ela esteja por aqui, sabendo que a gente vai se reunir de novo depois de tanto tempo.

(*Pequena pausa. MORIBUNDO está com a respiração ofegante.*)

MÉDICO - (*Olha pra MORIBUNDO*) Só tem um problema nessa história toda. Onde a gente vai achar um pai pra ele?

(*MÉDICO percebe a respiração de MORIBUNDO. MORIBUNDO tem um acesso de asma. MÉDICO corre até o oxigênio e traz a máscara até MORIBUNDO. MORIBUNDO respira com a ajuda do oxigênio. Depois de um tempo, MORIBUNDO se recupera. Os dois ficam se olhando.*)

MORIBUNDO - E eu ainda preciso te responder?

(*Dentro de um carro na estrada.*)

GIULIETTA - Sim, infelizmente tem que ser. Tu...

INTRUSA - Tá, chega. Cansei de ficar escutando um negócio que foi um grande fracasso. E tu nunca quis ter filho então?

GIULIETTA - ...vai acabar se recompondo por completo, porque tu sabe o quanto eu te sou fiel...

COMPOSITOR - Eu nunca quis. Sei lá.

K - ...nunca um outro vai poder possuir o meu coração...

INTRUSA - Mas a Giulietta quer. Ficava pedindo pra brincar de boneca comigo quando a gente era criança. (*Libidinoso.*) E eu já bem mais interessada em outras coisas...

K - ...nunca...

GIULIETTA (*com voz cansada*) - Já deixei de querer.

(*INTRUSA olha para GIULIETTA.*)

K - ...nunca.

INTRUSA - E os outros caras. Também não?

COMPOSITOR - Só um de nós acabou sendo pai. O médico não foi, nem o coreógrafo. E o cara que me convidou, o dono da casa pra onde a gente tá indo, também não. Curioso, né?

INTRUSA - O que tá doente?

(Curta pausa.)

COMPOSITOR - É. O próprio.

(Curta pausa.)

INTRUSA - Que história mais triste essa. Me dá a sensação de estar indo prum velório.

(No campo. K no galho de uma árvore.)

K - A última vez que eu te vi a varanda já rangia e ninguém consertava porque estavam todos preocupados com as suas próprias vidas que continuavam enquanto que a minha ia se despedindo e eu cuidava para não esmagar as ervas da pequena horta tentando me afastar do cenário triste enquanto tu entrava tão lentamente no carro que parecia estar fazendo aquilo a contragosto e que de uma hora pra outra sairia correndo para me abraçar mesmo que aquele que legalmente ainda era meu marido estivesse nos olhando do alto de uma coxilha sobre um cavalo, que meu irmão estivesse tendo uma crise de asma e que meu pai estivesse colocando o coro da nona sinfonia como se estivesse comemorando a liquidação gradual da sua família. Abraçando meu corpo já um tanto quanto esquelético, e só eu sabia disso e mais ninguém, numa neblina numa manhã de julho que tinha se tornado os milhões de luzinhas da via láctea de uma noite santificada de abril eu me perguntava por quê.

SEGUNDA PARTE

RECITATIVO

K - ...bis ich in deine Arme fliegen kann, und mich ganz heimatlich bei dir nennen kann...

(Na cozinha da casa.)

VIÚVO - Não existe uma tela que seja completamente branca.

EMPREGADA - Foi só um alarme falso. Ele anda muito agitado desde que resolveu convidar o amigo de vocês pra passar a páscoa com a gente. (*Guarda a garrafa grande no armário.*) O outro claro que aceitou. Parece que teve um fracasso.

VIÚVO - Ah, é?

EMPREGADA - Uma coisa assim. O...alguém me contou mas eu nem prestei muita atenção.

MORIBUNDO (*aparecendo do interior da casa e se apoiando no marco da porta*) - Então eu não vou mais te contar nada.

EMPREGADA (*subitamente agitada*) - Mas é tarde. Tu tinha que estar dormindo. E não acordado.

MORIBUNDO - Se eu estivesse dormindo eu naturalmente não estaria acordado.

EMPREGADA - Não tem graça nenhuma.

MORIBUNDO (*cortante*) - Tô sem sono. Eles já não deviam ter chegado?

EMPREGADA - Eles? Achei que ele vinha nos torturar sozinho.

MORIBUNDO (*se divertindo*) - Ele tem uma namorada e a namorada tem uma irmã. Sempre bem-acompanhado, diria o nosso estetoscópio ambulante.

(*VIÚVO come a outra metade do caqui.*)

MORIBUNDO (*olhando para VIÚVO*) - Como é que tu consegue comer?

EMPREGADA - Ele não tem falta de apetite. Isso é doença de gente rica e mimada.

MORIBUNDO (*sentando-se, para VIÚVO*) - O último espetáculo dele, com a colaboração de tu sabe quem, foi literalmente demolido pela crítica. (*Irônico.*) Então ele vem aqui pra buscar (*com deboche*) inspiração.

(*JARDINEIRO entra pela porta do jardim. Ele usa botas novas. Ele vai até o fogão e coloca as mãos acima da chapa.*)

MORIBUNDO - Nada deles?

(*O JARDINEIRO grunhe.*)

MORIBUNDO (*saindo*) - Se ele chegar, tu me avisa. (*Vira-se para JARDINEIRO.*) Botas novas? Alguma comemoração pra qual eu não fui convidado?

(JARDINEIRO olha para EMPREGADA. EMPREGADA fica sem jeito.)

MORIBUNDO - Tão de segredinho, é? (Sai achando graça.)

EMPREGADA (irritada, olhando pras botas) - Fazem um barulho muito esquisito.

(EMPREGADA vai até o armário e pega uma pistola. Ela se senta à mesa e limpa a arma. VIÚVO observa a ação de EMPREGADA. O JARDINEIRO grunhe para a EMPREGADA.)

EMPREGADA - Não precisa dar explicação das botas pra ele. (Para VIÚVO.) Só não sei pra que comprar botas novas a essa altura do campeonato.

(O JARDINEIRO grunhe para a EMPREGADA batendo os braços como se fossem asas. O JARDINEIRO se encolhe.)

EMPREGADA - Qual o problema? Eles não mordem e não fazem mal pra ninguém. São ratinhos com asas. (Para VIÚVO.) Não são vampiros.

(O JARDINEIRO pega um caqui na mão e grunhe satisfeito olhando para a fruta.)

VIÚVO (olhando para a arma) - Ele não se parece comigo.

(EMPREGADA para de limpar e olha para VIÚVO. O JARDINEIRO pega a arma da mão da EMPREGADA e começa a limpá-la.)

EMPREGADA (para VIÚVO) - Como é que é?

(O JARDINEIRO vai até a janela e espia pra fora com a arma na mão.)

VIÚVO - Ele não é meu filho.

(VIÚVO vai até a pia, lava as mãos e seca-as num pano de prato. JARDINEIRO grunhe para EMPREGADA em tom de pergunta. VIÚVO joga o pano de prato na mesa e sai. JARDINEIRO observa. JARDINEIRO grunhe.)

EMPREGADA - Não te mete onde tu não é chamado. Patrão é patrão. Vai lá fora ver então se eles já chegaram ou não já que tu tá tão preocupado.

(JARDINEIRO olha para EMPREGADA. JARDINEIRO pega uma tina de debaixo da pia, enche de água e coloca ao lado dos pés de EMPREGADA. EMPREGADA observa JARDINEIRO. JARDINEIRO tira a arma da mão de EMPREGADA e coloca sobre a mesa. JARDINEIRO se agacha e tira os sapatos apertados de EMPREGADA com dificuldade. JARDINEIRO coloca os pés de EMPREGADA dentro da tina e lava-os com as mãos. EMPREGADA fecha os olhos.)

EMPREGADA - Feliz o servo que ele encontrar acordado, infeliz o que ele encontrar indolente.

(*JARDINEIRO beija os pés de EMPREGADA.*)

EMPREGADA - Vigia, pois, ó minh'alma: não te deixes vencer pelo sono! À morte tu serias entregue, para fora do Reino banida.

(*EMPREGADA acaricia o seu próprio ventre e chora.*)

(*Dentro de um carro na estrada.*)

INTRUSA (*sussurrando*) - Parou de chorar. Dormiu. Não tinha uma história de viajar de noite?

COMPOSITOR - Tinha.

INTRUSA - O público achou graça.

COMPOSITOR - Foi o dedo pós-moderno do maior coreógrafo da atualidade.

INTRUSA - O pós o que?

(*Silêncio.*)

INTRUSA - Conta de novo.

(*Silêncio.*)

INTRUSA - É a *história* que as pessoas queriam saber. Não aquele monte de coisa que ninguém entendia, mas o simples, se a carta era realmente pra ela ou não.

(*Silêncio.*)

COMPOSITOR - Eu só acabei chegando aqui ontem lá pelas quatro da manhã, porque eles não tinham cavalos, o serviço postal escolheu outra rota, e que caminho horróroso...

INTRUSA - Meu Deus, pássaro a essa hora da noite não pode ser.

COMPOSITOR - São morcegos.

(*Silêncio.*)

COMPOSITOR - ...na penúltima estação eles me advertiram dos perigos de se viajar à noite, me botaram medo por ter que atravessar a floresta, mas isso apenas me provocou mais ainda...

ÁRIA

(Na grande sala. PAI sentado na poltrona com o olhar perdido. MORIBUNDO entra na sala sem que PAI o veja. MORIBUNDO espera um certo tempo antes de falar.)

MORIBUNDO - Eu escutei o piano lá de cima. Pra ser Humperdinck, ele devia tá te provocando.

(PAI se vira. PAI encara MORIBUNDO.)

MORIBUNDO - Encheu a cara.

PAI - Por favor. Tá tarde.

MORIBUNDO - Tudo pronto pra última ceia?

PAI - Tá consultando a pessoa errada.

MORIBUNDO *(indo se sentar na poltrona em frente a PAI)* - Não consigo dormir. Ela não para de caminhar em volta da casa.

(PAI olha para MORIBUNDO com um olhar de quem já bebeu um pouco demais.)

MORIBUNDO - Ela tá agitada.

PAI - Me poupa disso.

MORIBUNDO - Já se desentenderam, não foi? Confessa, velho.

PAI - Tu gostaria que eu cantarolasse 'che gelida manina' pra te ninar?

MORIBUNDO - Desse jeito vai terminar logo o estoque de conhaque do gran maestro.

PAI *(debochado)* - Ah, eu me esqueci que a arma do inimigo se chama Humperdinck e não Puccini. Scusa.

(Longo silêncio. MORIBUNDO olha para PAI com os olhos cheios de lágrimas. PAI olha para o copo tentando derreter o último cubo de gelo sacudindo o copo de vez em quando. Ouve-se uma voz ao longe que diz "volta!" chamando por K. K entra pela porta de entrada e fica apoiada de costas pro marco.)

MORIBUNDO - Eu vou morrer.

K - Eu estou aqui.

PAI - Eu também.

MORIBUNDO - Eu tô morrendo. *(Começa a tossir.)*

(PAI olha para MORIBUNDO com olhar analítico.)

K - Sempre do teu lado.

MORIBUNDO - Como é triste ter um p...um ser assim como... pai.

PAI *(indo pra janela)* - Tu sabe que o teu tio até que entende bastante do oratório? Claro, a análise dele não é musical, ele não saberia falar do uso da escala de mi bemol menor na introdução, mas compreende o caráter geral da obra, a aproximação da figura de cristo com a figura de prometeu, e o sacrifício embutido no texto.

MORIBUNDO *(levemente irônico)* - Não saberia falar...

PAI *(sem entender)* - Sim, ele não saberia falar do por que Beethoven teria composto a primeira ária em dó menor... *(rindo sozinho)* ...que idiota. A gente sempre acha que no fundo, bem no fundo, um dia...

MORIBUNDO - Um dia a gente poderia se entender. Mas isso é uma ilusão.

PAI *(suspira)* - Teu tio já me cansou o suficiente. Vai dormir. Eu não quero ser aquele que vai ter que avisar todo mundo que tu morreu.

MORIBUNDO - Avisar quem? Minha mãe? Minha irmã?

K *(cantarola)* - Suse liebe Suse, was raschelt im Stroh?

(MORIBUNDO sorri.)

PAI - Tu tá bem mais doente do que parece.

MORIBUNDO - O teu neto já fez as malas?

PAI - Pergunta pra ele. É o teu sobrinho.

MORIBUNDO - E a guarda dele?

PAI *(surpreso)* - A guarda? Ele não tem mais mãe, mas tem pai.

MORIBUNDO - Tem mesmo?

PAI - Meio desmiolado que nem tu, mas ainda tem.

MORIBUNDO - Era isso o que eu queria ouvir. *(Levanta-se e faz menção de sair da sala.)*

PAI (*empurrando MORIBUNDO que cai sentado na poltrona de volta.*) - Tu quer saber se eu vou pedir a guarda dele, não é isso? E tu acha que mais alguém teria condições de oferecer alguma coisa pra esse guri? O pai, que só fica andando de cavalo pra cima e pra baixo feito um dom quixote e que não conversa com ninguém? Ou quem sabe o tio dele, um cara com tanta experiência de vida, uma pessoa satisfeita consigo mesmo, alguém que...

MORIBUNDO - Foi obrigado a se sacrificar pra que o maestro pudesse tocar por aí o seu oratório. É, o guri certamente não ia achar graça nenhuma em ficar dependendo dum cristo crucificado, dum prometeu acorrentado numa pedra, numa fazenda de caquizeiros no meio do nada.

PAI - De novo essa lenga-lenga? Qual é o problema agora que eu não tô entendendo? Ele tá indo pra Suíça pra estudar e virar um pianista de renome internacional. Não tem mais volta.

MORIBUNDO - Será?

(*Curta pausa.*)

PAI - Tu também? Quanto tempo faz que tu e o meu irmão tão mancomunados pra me derrubar, hein? Diz!

MORIBUNDO - Derrubar? (*Docemente sarcástico.*) Deixa de ser paranóico, pai. Eu sempre te amei e respeitei muito. Tu foi e sempre será o meu exemplo. (*Saindo.*) Vem cantar pra mim, vem.

PAI - Pensa bem. O que que um administradorzinho numa fazenda de aqui no meio do nada morrendo de tuberculose vai poder legar pruma criança?

MORIBUNDO - Tuberculose é o Puccini. Eu tenho asma. Monstro. (*Sai tossindo.*)

(*PAI observa MORIBUNDO sair. PAI dá um murro na caixa do piano.*)

(*Dentro de um carro na estrada.*)

COMPOSITOR (*quase sussurrando*) - Ele queria ser escritor, mas o pai conseguiu fazer com que ele ficasse administrando a fazenda. Dos outros quatro, além do mister-dança-contemporânea só eu queria ser artista.

INTRUSA - Não precisa falar baixo. Ela tá ferrada no sono. Não achei que era tão longe assim.

K - Olha pra essa natureza exuberante e tranquiliza a tua alma sobre aquilo que tem que ser.

(Longa pausa.)

INTRUSA - Foi por causa dele?

COMPOSITOR - O quê?

INTRUSA - Que tu virou um músico.

COMPOSITOR - Do velho?

(Pausa curta.)

COMPOSITOR - Foi por causa dela.

K - Seja paciente. Ame a mim. Hoje. Ontem.

INTRUSA - Dela quem?

COMPOSITOR - Esquece.

(Na cozinha. EMPREGADA esmigalhando um pão dormido. PAI entra. EMPREGADA se vira e vê PAI. EMPREGADA volta a esmigalhar o pão. PAI vai em direção à EMPREGADA mexendo no que vê sobre as superfícies dos móveis. PAI chega perto de EMPREGADA por trás.)

PAI - O guarda-costas já foi dormir?

EMPREGADA - Tá tarde, o senhor deveria ir também.

PAI - Pelo jeito ninguém tá querendo ir dormir. Tão brincando de apóstolo acordado no monte das oliveiras. Mas eles não pegam todos no sono e é por causa disso que Jesus fica incomodado?

EMPREGADA *(vira-se para PAI com uma faca de pão na mão)* - Isso o senhor que deveria saber melhor do que ninguém.

(PAI olha para EMPREGADA. PAI vai até o vidro da porta que dá pro jardim.)

PAI - A visita ilustre deve ter se perdido. *(Vira-se para EMPREGADA.)* O que que tá saindo de bom aí?

EMPREGADA - A sua filha gostava de pudim de pão.

PAI - Mas e ela vai vir também pra poder comer?

(EMPREGADA olha com ar de raiva e desprezo para PAI.)

EMPREGADA - Seu filho tá tossindo muito desde semana passada.

PAI (*indo se sentar*) - Eu não sou surdo. Ainda moro nesta casa. (*Ri sozinho.*) Ainda.

EMPREGADA - Se precisar levar ele lá no hospital, vamos ter um problema já que o carro vai tá sendo usado.

PAI - Meu filho não me interessa.

EMPREGADA - Mas devia.

PAI - A mala do guri já tá pronta?

EMPREGADA - Já.

PAI - No sábado ele não pode morrer porque eu tenho que levar meu neto até o aeroporto. Isso vai dar duas horas de ida e duas de volta.

EMPREGADA (*se vira para PAI*) - Coitada da sua mulher.

PAI - É mesmo?

EMPREGADA - Eu não queria tá no lugar dela.

PAI - Morta?

EMPREGADA - Não. Casada com o senhor.

PAI - Por que não quer.

(EMPREGADA abre a geladeira e tira o leite. EMPREGADA mistura o leite no pão dormido dentro de uma tigela.)

EMPREGADA - Agora falta pouco.

(PAI de um salto agarra EMPREGADA por trás. EMPREGADA derrama o leite pela pia e no chão. PAI tenta beijar o pescoço de EMPREGADA. EMPREGADA tenta se desvencilhar de PAI.)

EMPREGADA (*com voz abafada*) - Me solta.

PAI (*soltando EMPREGADA*) - Quanto tempo mais tu vai fazer esse beicinho, hein?

EMPREGADA - Esse cheiro de álcool. Nojo.

PAI - Tu te lembra como era gostoso há um tempo atrás? Nós dois juntinhos?

EMPREGADA - O senhor bebeu demais. Tem gente estranha na casa.

PAI - Estranha? O doutor não é um estranho. Meu irmão já tá bem soltinho. Até demais, o filho da puta.

EMPREGADA (*olha nos olhos do PAI, com os dentes cerrados*) - Agora falta pouco.

PAI - Tu já disse isso. Vê se termina logo esse tal pudim então. Pra mim não perguntaram nada o que que eu ia querer.

(*Entra o MÉDICO.*)

EMPREGADA - Tá tudo bem?

(*MÉDICO confirma com a cabeça e se senta à mesa.*)

PAI - Vocês perdem muito tempo com o meu filho.

MÉDICO (*olha pro PAI sem expressão*) - Eu preciso dum café. Ele tá exigindo muito de mim.

PAI (*pra EMPREGADA*) - A nossa conversa ainda não terminou, viu? (*Sai.*)

EMPREGADA - Eu tô preocupada com ele. Ele não se cuida.

MÉDICO - É muita agitação nessa casa. Ele ia tá melhor longe daqui. E agora ele inventou de encher a casa.

(*Ouve-se ao longe o tango 'Soñar y nada más'.*)

EMPREGADA - Ai, meu Deus... (*senta-se*). Tá escutando ela de novo.

MÉDICO - Sem parar.

EMPREGADA - A gente precisa convencer ele a se internar.

MÉDICO - Até domingo acho que vai ser difícil.

(*EMPREGADA suspira. EMPREGADA vê a sujeira do leite e vai até a pia. EMPREGADA limpa a sujeira.*)

MÉDICO - Ele me pediu uma coisa.

(*EMPREGADA se vira para MÉDICO com um pano na mão.*)

MÉDICO - Eu não sei o que fazer. A coisa é muito maluca.

EMPREGADA - Maluca?

MÉDICO - É proibida. Um crime.

EMPREGADA (*vira-se pra janela*) - Um crime?

MÉDICO - É. Uma coisa que se eu decidir fazer e me descobrirem, eu vou preso.

(*Longo silêncio.*)

MÉDICO - Tem café?

EMPREGADA (*servindo o café numa caneca*) - Isso vai deixar ele feliz?

MÉDICO - Tá com açúcar?

EMPREGADA - Eu não quero que tu me conte.

MÉDICO - Pelo jeito vai.

EMPREGADA - Eu sempre faço amargo. (*Entrega o açucareiro.*)

MÉDICO - Deixa que eu ponho.

EMPREGADA - Se for pro bem dele...

MÉDICO - Eu não sei o que fazer.

EMPREGADA - Tá bom assim?

MÉDICO - Ajuda pra ficar acordado.

EMPREGADA - Mas tem uma coisa que eu posso fazer pra te ajudar a decidir.

(*EMPREGADA pinga óleo no seu dedo.*)

EMPREGADA - Fecha os olhos.

(*EMPREGADA unge a testa do MÉDICO.*)

EMPREGADA - Concede a teu servo o espírito da temperança de humildade de paciência e de caridade.

(*MÉDICO suspira.*)

MÉDICO - Foi por isso que eu vim aqui atrás de ti. Eu sabia que tu ia poder me ajudar.

EMPREGADA - Amigo da gente a gente não pode trair.

MÉDICO - Que ótimo conselho quando a ajuda é ilegal.

EMPREGADA - O que importam as leis dos homens? (*Bate nas costas de MÉDICO.*) Vai descansar agora que o óleo vai te ajudar a pensar.

(MÉDICO toma o último gole de café e sai. EMPREGADA junta as mãos, cruza os dedos apertadamente e baixa a cabeça.)

CORO

(*Madrugada de quinta-feira santa.*)

K - O momento pelo qual eu tanto aguardava tinha finalmente chegado esperando por anos a fio as estações iam se passando e eu no fundo sabia que valia a pena esperar escutando incessantemente um dia o oratório e o outro João e Maria num ringue musical feroz sementes de caqui espalhadas como sinal do casamento as palavras se tornando confusas com tanta excitação poeira na curva da estrada iluminada por uma nesga de lua no céu nenhum cachorro uivando silêncio absoluto negado pelo pneu cortando a terra e a minha alma ouvindo o cuco, cuco, cuco, calor que saía da narina das éguas anúncio de vida porque a morte não podia coexistir com um pudim de pão quente no forno, com uma imagem preservada num vídeo e com uma melodia de tango argentino pronta pra vibrar o farol do carro na porteira ilumina a varanda eles chegaram ele está aqui.

(*Na grande sala. COMPOSITOR de pé perto do piano. K apoiada sobre o piano encara COMPOSITOR. EMPREGADA segurando duas malas na frente de GIULIETTA e INTRUSA perto da escada. INTRUSA examina a sala com os olhos impressionada.*)

COMPOSITOR (*indicando EMPREGADA*) - Ela leva vocês até o quarto onde vocês vão ficar.

EMPREGADA - E as suas, quem carrega?

COMPOSITOR - Eu mesmo depois, pode deixar. (*Olha em volta com um sorriso de satisfação.*) Eu não vou me perder.

(*EMPREGADA sobe as escadas seguida de GIULIETTA e INTRUSA. COMPOSITOR acaricia o piano. Abre a tampa. Vai até a janela e olha para fora tentando enxergar alguma coisa. MORIBUNDO entra sem que o COMPOSITOR o veja.*)

MORIBUNDO - Ela também veio te receber.

(*COMPOSITOR se vira.*)

MORIBUNDO - A gente sentiu a tua falta.

(Curta pausa.)

MORIBUNDO - Mas nem o tempo...nem a distância...nem a ausência...e nem a morte puderam separar nós três um do outro.

K - Agora ele tá aqui. Com a gente.

COMPOSITOR (com a voz presa) - Desculpa.

(Curta pausa.)

K - Onde eu estiver, tu vai estar comigo.

(Curta pausa.)

MORIBUNDO - Eu achei que não ia dar tempo.

(Curta pausa.)

K - Mas deu.

(COMPOSITOR tenta falar alguma coisa mas não consegue. K abraça MORIBUNDO por trás. COMPOSITOR se ajoelha. MORIBUNDO abraça os braços de K. COMPOSITOR chora convulsivamente. K empurra MORIBUNDO de leve em direção do COMPOSITOR. MORIBUNDO olha para K sorrindo. K sorri para COMPOSITOR. MORIBUNDO vai até COMPOSITOR. MORIBUNDO ergue COMPOSITOR e o abraça.)

TERCEIRA PARTE

RECITATIVO

K - Ach, wo ich bin, bist du mit mir...

(Cedo de manhã na quinta-feira santa. COMPOSITOR na varanda da casa tomando chimarrão. Uma bruma paira sobre o campo. Depois de um tempo a porta de entrada se abre e o MENINO surge de dentro da casa com um i-phone na mão. O MENINO fica sem saber o que fazer e os dois ficam se encarando como se aquele encontro não devesse ter acontecido. Perplexidade e constrangimento.)

COMPOSITOR - Oi.

(Curta pausa.)

MENINO - Tu viu meu pai por aí?

COMPOSITOR - O teu pai?

(Curta pausa. O MENINO fecha a porta e se senta perto do COMPOSITOR. O COMPOSITOR se atrapalha com a aproximação do MENINO.)

COMPOSITOR - Hmm...tu toma chimarrão?

MENINO - Tu que é o amigo do meu pai?

COMPOSITOR - Do teu pai, do teu tio. E da tua mãe.

MENINO - Minha mãe morreu.

(COMPOSITOR fica estarrecido. Tenta disfarçar a emoção.)

MENINO - Tu não sabia?

COMPOSITOR *(sem jeito)* - Eu...

MENINO - Meu tio me falou de ti. Que vocês estudaram juntos e que como tu não tinha onde cair morto tu não saía daqui.

COMPOSITOR *(achando graça)* - Ah, ele disse isso, é?

(PAI aparece sorrateiramente pelo lado da casa sem que os dois o percebam.)

MENINO - Sim, e que tu é um cara bem famoso e que por causa disso não conseguiu nem vir no enterro da minha mãe. Que tu vive dando concerto pelo mundo afora. Eu tô indo pra Suíça, sabia?

(COMPOSITOR fica surpreso com a articulação verbal do MENINO.)

COMPOSITOR - E ... tá feliz?

PAI *(indo até COMPOSITOR)* - Muito feliz! Que honra poder receber um maestro desse nível na minha singela fazendinha. *(Estica a mão para cumprimentar COMPOSITOR.)*

(MENINO ri. COMPOSITOR fica estarrecido com a chegada relâmpago do PAI.)

PAI *(para MENINO)* - Qual é a graça?

MENINO - Falou fazendinha e eu me lembrei do primeiro movimento da sexta *(olhando para COMPOSITOR)* que se chama 'despertar de sentimentos alegres diante da chegada no campo'. Cadê meu pai, vô?

(PAI fica olhando para COMPOSITOR sorrindo com a mão esticada. COMPOSITOR se levanta sem jeito e com um sorriso amarelo cumprimenta PAI.)

PAI - Quem diria que tu chegaria lá, hein? Te vi correndo por esse jardim com meu filho por tanto tempo e não dava nada por ti. *(Solta a mão da do COMPOSITOR. Para MENINO.)* Deve tá por aí naquela água fedorenta dele. *(Para COMPOSITOR.)* Tu vai estranhar, ele não é mais o mesmo. *(Para MENINO.)* Vai praticar um pouco. Não vai querer chegar lá destreinado, né? *(Para COMPOSITOR.)* Vai me fazer passar vergonha. *(Pega a térmica de água quente e entrega pro MENINO.)* Antes disso, pede pra esquentarem a água.

MENINO *(levanta-se e entrega o i-phone pra PAI.)* - Vô, tira uma foto minha com ele. *(Chega perto de COMPOSITOR e coloca o braço por sobre o ombro dele. A semelhança física é gritante.)*

PAI *(examinando o i-phone pra descobrir como tirar a foto)* - Logo logo essa geração nova vai me ultrapassar.

(EMPREGADA entra com um balde cheio d'água e ao ver COMPOSITOR e MENINO abraçados solta um grito abafado e deixa cair o balde esparramando a água pela varanda.)

PAI *(se virando para EMPREGADA)* - Tá louca, mulher? *(Para COMPOSITOR.)* Ela fica bem assim quando é páscoa. Bem transtornada. *(Focando os dois com o i-phone.)* Inventou de fazer um pudim de pão por que a mãe dele gostava. *(Tira a foto. Examina a foto. Para o COMPOSITOR.)* Ei, tu saiu de cabeça baixa.

COMPOSITOR - É que eu me lembrei do pudim de pão. Ela adorava mesmo. *(Para EMPREGADA.)* Te assustei? Tô tão envelhecido assim?

(A EMPREGADA tenta secar a molhaceira o mais rápido possível.)

PAI - Outra, pra posteridade?

(No quarto do MORIBUNDO. MORIBUNDO olhando pela janela, MÉDICO dorme numa poltrona. EMPREGADA entra sem fazer muito barulho. MORIBUNDO se vira para ela.)

MORIBUNDO *(falando baixo e indicando MÉDICO com a cabeça)* - Ele foi te consultar, não foi?

EMPREGADA *(falando baixo)* - O cara tá lá embaixo com o velho e com o menino.

MORIBUNDO *(falando baixo)* - Tu não vai com a cara dele mesmo, né?

EMPREGADA *(falando baixo)* - Eu tenho as minhas razões. Só não entendo o que tu quer com ele trazendo ele de volta pra cá.

MORIBUNDO (*falando baixo*) - Agora então tu entendeu por que é que eu queria ter ele aqui?

EMPREGADA (*falando baixo e indicando MÉDICO com a cabeça*) - Esse aqui não me contou qual é a loucura da vez. Mas tava bem transtornado ontem de noite. E eu nem quero saber. O que me deixa desolada é que eu vou ficar sozinha nessa casa, todos vocês tão indo embora, um por um.

MORIBUNDO (*falando baixo*) - Ele não te contou mesmo?

EMPREGADA (*falando baixo*) - Tu podia ter pelo menos um pingão de consideração contigo mesmo ao invés de ficar te matando a cada dia que passa...

MORIBUNDO (*falando alto*) - Então vamos falar alto pra que ele te conte.

(*MÉDICO acorda.*)

EMPREGADA (*quase sussurrando*) - ...e também comigo.

(*MÉDICO vai se espreguiçando lentamente. EMPREGADA vai até MORIBUNDO.*)

EMPREGADA - Eu não vou ficar sozinha nessa casa.

MORIBUNDO (*indo até MÉDICO*) - E então, qual foi o conselho que essa bruxa helênica te deu?

MÉDICO (*sonolento*) - Meu Deus, eu dormi muito. Que horas são?

MORIBUNDO (*sentando-se no braço da poltrona e espremendo o MÉDICO*) - O sono pelo menos te ajudou a tomar a tua decisão de ajudar o teu amigo moribundo? (*MORIBUNDO tem uma crise de tosse.*)

(*EMPREGADA acode MORIBUNDO e leva ele até a cama, sentando-o nela.*)

EMPREGADA - Tá na hora do teu banho. Hoje tu não vai enforçar.

MORIBUNDO - Muito bem. Eu não gosto de mistério. A idéia é simples. A gente consegue um exame de DNA falso e tira o guri do velho, antes que o velho naturalmente fique com a guarda dele.

(*EMPREGADA olha estupefata pro MÉDICO. EMPREGADA olha pra MORIBUNDO.*)

MÉDICO - Quem sabe tu grita mais alto pra casa toda ouvir?

EMPREGADA - Ele vai ter um outro (*temendo a resposta*) ...pai?

(*COMPOSITOR abre a porta e enfia a cabeça na fresta.*)

COMPOSITOR - Posso entrar?

MORIBUNDO (*saindo de fininho*) - Tô indo pro banho. O resto faço eu, ouviram? (*Sai.*)

(*COMPOSITOR fica parado sob o marco da porta. EMPREGADA olha estarrecida para COMPOSITOR depois para MÉDICO. EMPREGADA sai quase empurrando COMPOSITOR.*)

COMPOSITOR - Ela não gosta de mim.

MÉDICO (*emocionado*) - Meu Deus, como tu envelheceu!

(*COMPOSITOR e MÉDICO se abraçam com força.*)

COMPOSITOR - Me disseram que tu precisa dormir aqui agora perto dele.

MÉDICO (*sério*) - A doença dele avançou muito. Ele não se cuida.

COMPOSITOR - Por que não levam ele prum...

MÉDICO - Que que tu acha?

(*COMPOSITOR ri.*)

MÉDICO - Ele diz que a irmã veio passar a páscoa conosco. Ele sai no sereno pra ver se encontra ela. E tosse sem parar.

(*Os dois se encaram por curto tempo.*)

MÉDICO - Ele quer morrer. Diz que não tem mais por que viver.

(*COMPOSITOR sacode a cabeça desanimado. COMPOSITOR vai até a janela.*)

COMPOSITOR - Lembra que ela gostava de pudim de pão?

MÉDICO - Hu-hum. Lembro sim.

COMPOSITOR - E ele conseguiu?

MÉDICO - Conseguiu o que?

COMPOSITOR - Falar com ela.

MÉDICO - Ah, meu amigo, eu meio que já cansei disso. Desse constante tom de funeral, esse cheiro de morte no ar.

COMPOSITOR (*vira-se para MÉDICO*) - Mas isso não faz parte da vida do médico?

MÉDICO - Também disso eu tô cansado. Dessa solidão. Desse noivado com a senhora da foice que não termina nunca.

COMPOSITOR - A irmã da minha namorada disse uma coisa parecida no carro. Que a gente tava vindo prum funeral.

MÉDICO - Nossa, então tu veio muito bem-acompanhado. Duas!

COMPOSITOR (*rindo*) - Lá vem tu de novo com essa velha história...

MÉDICO - Tu sabe que é verdade. Tu sabe que elas sempre te rondaram feito abelhas.

COMPOSITOR (*fica sério de uma hora pra outra*) - Elas?

MÉDICO (*cabisbaixo*) - Ela.

(*Longa pausa. COMPOSITOR olha pela janela procurando alguma coisa no jardim.*)

MÉDICO - A gente tem muita coisa pra conversar.

COMPOSITOR - Eu vou te apresentar a irmã da minha namorada.

MÉDICO - Tem um assunto sério que eu preciso tratar contigo.

COMPOSITOR - Fale.

MÉDICO - Hoje de tarde. Ou amanhã de manhã. Eu tenho que pensar como te dizer isso.

COMPOSITOR - Pra que tanto mistério. Faz tempo que a gente não se vê, mas é como se eu tivesse te visto ontem, tu é um irmão pra mim. Não sou muito bom pra dar conselhos, mas...

MÉDICO - Não, a cena não é o amigo solitário pedindo conselho pro amigo garanhão.

COMPOSITOR - Eu já te disse que vou apresentar ela pra ti.

(*GIULIETTA abre a porta devagar. MÉDICO olha para GIULIETTA. GIULIETTA olha para MÉDICO. GIULIETTA faz menção de entrar no quarto.*)

MÉDICO (*segurando no braço dela*) - Espera! Quebrei um copo ontem e pode ter caquinhos espalhados pelo chão ainda.

COMPOSITOR - Essa é a Giulietta.

MÉDICO - Oi.

GIULIETTA (*constrangida com a mão do MÉDICO no seu braço*) - Tudo bem?

COMPOSITOR - Minha namorada.

MÉDICO - Ah! (*Solta o braço dela, sem jeito.*)

GIULIETTA - Eu ouvi tua voz e vim atrás de ti...não quis descer sem conhecer ninguém...

MÉDICO - Eu te levo então, vem comigo.

(*GIULIETTA e COMPOSITOR riem juntos.*)

COMPOSITOR - Esse é o nosso bufão.

(*No Jardim. COMPOSITOR segura um saco enquanto que JARDINEIRO trepado num galho do caquizeiro colhe algumas frutas e lança para dentro do saco. K está sentada em outro galho do caquizeiro.*)

K - Quanta perda de tempo nisso.

(*O JARDINEIRO grunhe.*)

COMPOSITOR (*dando uma risada*) - Mas as mulheres são assim mesmo. Reclamam de tudo.

(*O JARDINEIRO grunhe bastante.*)

COMPOSITOR - Tem que insistir.

(*Longa Pausa.*)

COMPOSITOR (*pra si mesmo*) - Que foi exatamente o que eu não fiz.

K - Por que essa tristeza tão profunda?

COMPOSITOR - É tão engraçado. Eu tô tão feliz de tá aqui, mas ao mesmo tempo...

(*O JARDINEIRO grunhe.*)

COMPOSITOR - Uns...cinco anos.

K - Jamais te esconde de novo de mim.

(*O JARDINEIRO grunhe.*)

COMPOSITOR - Reconheceu, sim. Eu que fiquei espantado como ele mudou.

(*O JARDINEIRO grunhe.*)

COMPOSITOR - Como assim, nem com a mãe nem com o pai. Alguém ele tem que ter puxado.

(O JARDINEIRO grunhe. K desce da árvore.)

COMPOSITOR (*rindo*) - Eu também espero que não. (*Pra si mesmo*) Mas mesmo não parecendo com o velho, ele foi moldado por ele.

(K abraça COMPOSITOR por trás. COMPOSITOR se arrepia. O JARDINEIRO grunhe)

COMPOSITOR - Claro que conheci. Eu praticamente me criei aqui depois de uma certa idade.

(O JARDINEIRO grunhe. COMPOSITOR baixa a cabeça. K solta COMPOSITOR. O JARDINEIRO desce da árvore. JARDINEIRO pega o saco cheio de frutas e sai.)

COMPOSITOR - Tarefa cumprida.

(K beija COMPOSITOR na boca. K se separa de COMPOSITOR.)

COMPOSITOR (*colocando a mão na boca*) - Deus.

K - Tu estás sofrendo, tu, a criatura mais querida.

COMPOSITOR - Por que é que eu aceitei voltar pra cá? (*Pausa.*) É tu, não é? (*Pausa.*) Tu tá aqui, não tá? (*Pausa. Irritado.*) Essa é a minha condenação? Por ter feito o que eu fiz? Ou o que eu não fiz? (*Levemente desesperado.*) Me beija de novo. (*Cai ajoelhado na grama. Choroso.*) Me beija.

K - Ah, tem horas em que eu acho que a palavra não vale nada.

DUETO

(*Tarde modorrenta de quinta-feira santa, um mormaço fora do normal pra aquela época do ano. INTRUSA, PAI e MENINO sentados na varanda. JARDINEIRO chega do jardim com um vasinho com flores do campo. JARDINEIRO coloca o vaso na mesinha da varanda. PAI observa com olhar de reprovação. JARDINEIRO tira um caqui do bolso, esfrega na roupa e o dá sorridente para INTRUSA.*)

INTRUSA (*de forma bastante afetada e sorrindo*) - Nossa. Que gentileza. (*Para PAI.*) O senhor está muito bem servido pelo jeito aqui na fazenda.

PAI - Cai fora.

(JARDINEIRO grunhe.)

INTRUSA (*tentando disfarçar o espanto e a repulsa*) - Nossa, que é isso?

MENINO (*calmo*) - Ele não sabe falar.

PAI - Não quero saber disso agora. Conserta e pronto.

(*JARDINEIRO sai.*)

PAI - Onde já se viu. Quem tem que cuidar do carro é ele, e não eu.

INTRUSA - Ele...só sabe soltar esses sons?

PAI - Só. Ainda acha que sou bem servido?

INTRUSA (*um pouco sem jeito*) - A senhora da cozinha...com aquele lenço na cabeça...

MENINO - Ela é de uma família de gregos. Por isso.

INTRUSA (*para MENINO*) - Ela é viúva?

PAI - Não.

INTRUSA - Perguntei por causa do lenço preto. (*Sussurando.*) Parece uma turca.

MENINO - Ela é grega. Eles odeiam os turcos.

INTRUSA - Não, eu tô falando do pano na cabeça.

MENINO - Uma burca?

INTRUSA - É isso. O que as orientais usam.

MENINO - Orientais? Que orientais?

PAI - Ela é chata mesmo.

INTRUSA - Pois é. Eu achei ela um tanto quanto...rústica.

PAI (*descabelando o MENINO*) - Esse aqui que vai se safar dessa gente. Tá indo estudar fora.

INTRUSA - Olha! Que chique!

MENINO (*arrumando o cabelo*) - Para com isso, vô.

(*VIÚVO chega do jardim, passa por eles, cumprimenta rapidamente e entra na casa.*)

INTRUSA - Este também é empregado?

MENINO - Não. Este é o meu pai.

PAI - Mas é como se não fosse. Sempre foi meio ausente com os bichos dele. Ele é o agrônomo aqui da fazenda. Depois que a mãe desse aqui morreu, foi piorando cada vez mais.

(INTRUSA franze as sobrancelhas.)

PAI - Da cabeça. *(Olha para MENINO.)* Se não fosse eu o que seria desse menino.

(Silêncio levemente constrangedor.)

INTRUSA - Mas que legal, pra Suíça!

PAI - Eu escolhi uma das melhores escolas de música pra idade dele.

INTRUSA *(com falsidade)* - Eu estou então rodeada de músicos neste lugar! Uau!

(MENINO olha com estranhamento para INTRUSA. INTRUSA fica sem jeito.)

INTRUSA - Deixa eu adivinhar o instrumento que tu toca. *(Fecha os olhos.)* Hum...deixa eu ver...Cello! *(Rindo de forma artificial.)* Eu sempre achei o máximo dizer *(faz um biquinho)* Cello.

MENINO - Eu realmente gosto muito do som do violoncelo...

PAI - ... mas a gente escolheu o piano pra ele. Tem mais futuro.

INTRUSA - A gente...eu achei que o senhor era viúvo...a gente quer dizer vocês dois juntos?

MENINO - Não. É o jeito dele falar. Foi ele que escolheu pra mim.

PAI - Que é isso menino? Achei que esse tema já tava resolvido.

INTRUSA - Ah, mas um pianista é tudo de bom. Aquele piano branco no meio do palco, e tu ali, sozinho, muita luz colorida...

MENINO - Concerto de piano não é um show de banda de rock.

INTRUSA - Hmm...como assim? *(Ri para PAI.)* Não entendi.

PAI - Ele toca piano esplendidamente bem. Os dedos dele são longos demais prum violoncelista.

INTRUSA - Deixa eu ver tua mão.

(MENINO mostra a mão para INTRUSA meio que a contragosto. EMPREGADA entra pela porta de entrada da casa.)

INTRUSA - Nossa! Mas é a mão do...

EMPREGADA (*arrancando MENINO de perto de INTRUSA*) - Vem que eu quero que tu escolha umas camisetas que eu passei pra tu levar junto.

INTRUSA - Depois tu vai tocar alguma coisa pra nós, não vai?

(*MENINO sai.*)

INTRUSA - Que comportadinho esse menino.

PAI (*para INTRUSA*) - Tá com sede?

INTRUSA (*para EMPREGADA*) - Ah, se a senhora não se importasse de fazer um suco de laranja natural, feito na hora (*para PAI, coquete*), eu iria adorar.

(*EMPREGADA faz menção de sair.*)

INTRUSA - Ei!

(*EMPREGADA se vira.*)

INTRUSA - Sem açúcar, tá?

(*EMPREGADA sai.*)

INTRUSA - Antipática, mesmo.

PAI - Tu trabalha com que?

INTRUSA (*surpresa*) - Eu?

(*Curta pausa.*)

PAI - Esse menino ainda não esqueceu essa história do violoncelo.

INTRUSA (*pega na mão de PAI*) - Ai, desculpa, foi tudo culpa minha.

PAI - Instrumento idiota.

INTRUSA - Eu até tentei dar uma consertada...

PAI - Tudo bem. Deixa pra lá. Não era pra tá tão quente numa quinta-feira santa no meio de abril.

INTRUSA (*em falso tom confessional*) - É que o menino é fogo.

PAI - Não sei a quem puxou. A mãe e o pai eram dois molengas.

(*INTRUSA fica impressionada com a agressividade de PAI.*)

PAI - E a sua irmã?

INTRUSA - No que que ela trabalha?

PAI - Não. Cadê ela? Não quis vir se sentar com a gente?

INTRUSA - Disse que ia dar uma volta na propriedade com o médico esse que mora aqui.

PAI - Ele vai fazer ela suar, isso sim.

INTRUSA - Puxa, até um médico o senhor tem dentro da própria casa, hein?

PAI - Esse aí nem incomoda. É boa gente.

INTRUSA (*consulta seu celular*) - Eu combinei de encontrar eles. E já tô a-tra-sa-da. (*Levanta-se*) Adorei conversar com o s ... contigo. (*Sai saltitando pelo jardim.*) Até loguinho!

(*PAI observa INTRUSA se afastar.*)

(*Na cozinha. K sentada em cima do armário de louças. EMPREGADA de pé em frente à mesa olhando para o pudim de pão recém-tirado do forno. COMPOSITOR surge na porta que dá para dentro da casa. EMPREGADA se empertiga. EMPREGADA com um olhar de cobrança. COMPOSITOR com um olhar de culpa. Os dois se encaram por um tempo.*)

COMPOSITOR - Quanto tempo.

EMPREGADA - Hoje é quinta-feira santa.

COMPOSITOR - Por isso o pudim?

EMPREGADA - Sim, também o dia em que os apóstolos todos se reúnem para a última ceia.

COMPOSITOR (*tentando descontrair*) - Alguém contou pra ver se somos treze à mesa?

EMPREGADA - Se não tivesse sido por ti, quase seríamos.

(*COMPOSITOR se surpreende com a resposta de EMPREGADA.*)

EMPREGADA - Jesus, sabendo que era chegada a hora de passar deste mundo para seu Pai, tendo amado os que estavam neste mundo, amou-os até o fim.

COMPOSITOR (*incomodado com a provocação*) - Isso é pra eu me sentir mais culpado ainda?

EMPREGADA - Mas a gente não pode esquecer também de outro acontecimento importante desta noite.

COMPOSITOR - Por que tu acha que eu levei tanto tempo pra poder voltar?

EMPREGADA - A traição de Judas.

COMPOSITOR - Às vezes na vida a gente precisa escolher.

EMPREGADA - Aquele que traiu Jesus.

COMPOSITOR - Eu iria sempre estar traindo alguém. E eu escolhi não trair a mim mesmo.

EMPREGADA - Será mesmo?

(*Curta pausa.*)

COMPOSITOR - Eu vim aqui na cozinha pra dizer que a minha namorada...

EMPREGADA - Eu já conversei com a sua *namorada*.

COMPOSITOR -...tem alergia a glúten.

EMPREGADA - Ela veio falar comigo.

COMPOSITOR - Então eu nao tenho mais nada pra fazer aqui. (*Vira-se e faz menção de sair.*)

EMPREGADA - Vinde, vós os que acreditam! Alegremo-nos na hospitalidade do senhor no banquete da imortalidade, na câmara alta, elevando nossos corações.

COMPOSITOR (*com raiva*) - Esse teu ódio encrustado não vai trazer ela de volta.

EMPREGADA - Judas, como servidor, mostrou-se pérfido em suas obras...

COMPOSITOR - Ah, que maravilha. Eu começo a desconfiar que eu sou uma persona non grata por aqui.

K - Meu coração está cheio de contas pra te contar.

EMPREGADA - ...como discípulo mostrou-se urdidor de conspiração...

COMPOSITOR - Não, tu tá é muito enganada.

K - Fica tranquilo...

EMPREGADA - ...como amigo, revelou-se demônio.

COMPOSITOR - Eu tô muito tranquilo.

K - ... somente através de uma contemplação silenciosa da nossa existência a gente vai alcançar o nosso objetivo...

EMPREGADA (*com a voz embargada*) - Ele acompanhava seu Mestre...

K - ...que é vivermos juntos.

COMPOSITOR - Eu não aguento ter que ouvir isso.

EMPREGADA (*chorando*) - ... mas no seu íntimo...

(*COMPOSITOR sai.*)

EMPREGADA (*com as mãos no rosto*) -...meditava a traição.

(*No pomar dos caquizeiros. MÉDICO e GIULIETTA passeiam por entre os caquizeiros repletos de frutas no pé.*)

GIULIETTA - Será que a minha irmã se perdeu?

MÉDICO - Não é difícil se perder no meio destas árvores todas iguais.

GIULIETTA - Eu nunca tinha visto caquis tão vermelhinhos.

MÉDICO - Quanto mais sementes eles tem, mais escuros eles são.

GIULIETTA - Eu gosto daqueles que são suaves e doces.

MÉDICO - Sabia que no Japão, nas festas de casamento, os docinhos de caqui são oferecidos em sinal de amizade e agradecimento aos presentes?

GIULIETTA - É mesmo?

MÉDICO - Dizem os orientais que a origem da árvore é mágica.

GIULIETTA - E como é que tu entende tanto assim de caqui sendo médico?

MÉDICO (*achando graça*) - Passei muito tempo da minha vida aqui com eles, desde que a gente foi colega na escola.

GIULIETTA - Mas e a tua família?

MÉDICO - Eu sou solteiro. Nunca casei.

(GIULIETTA ri.)

MÉDICO - O que que foi? É engraçado ser solteiro?

GIULIETTA - Não é isso.

MÉDICO - Não tem graça ser sozinho e não ter ninguém.

GIULIETTA (*repentinamente triste*) - Eu também acho.

MÉDICO - Então por que riu de mim?

GIULIETTA - Porque eu tava falando dos seus pais.

MÉDICO - Hum.

(MÉDICO se constrange com a tristeza de GIULIETTA.)

MÉDICO (*pegando na mão de GIULIETTA*) - Fui muito ríspido. Desculpa.

GIULIETTA (*com lágrimas nos olhos*) - Tudo bem.

MÉDICO - Você tá bem?

(GIULIETTA se abraça em MÉDICO e começa a chorar. PROFESSOR aparece com uma bengala.)

PROFESSOR - Espero não estar atrapalhando o jovem casal.

(GIULIETTA se solta de MÉDICO e fica de costas para PROFESSOR enxugando as lágrimas.)

MÉDICO - O jovem deve ser para ela, ou então o senhor já está com algum problema de visão.

(PROFESSOR gargalha.)

MÉDICO - Por que a bengala?

PROFESSOR - Pra me ajudar nos deslocamentos loooooongos. (*Para GIULIETTA*) A sua irmã está a sua procura. Passei por ela.

GIULIETTA (*virando-se*) - Mas e o senhor não disse que nós estávamos aqui?

PROFESSOR (*olha para os lados*) - Mas aqui onde? (*Para GIULIETTA*). Eu não sabia que iria encontrá-los no meio deste matagal.

MÉDICO - O senhor quer dizer este pomar?

PROFESSOR - Se o doutor prefere uma referência mais sofisticada, neste jardim dos caquizeiros então. Entrou algum cisco no seu olho? (*Pega um lenço de tecido e alcança para GIULIETTA.*)

(*MÉDICO se irrita com a gentileza de PROFESSOR.*)

GIULIETTA - Obrigada.

PROFESSOR - Esta época é insuportável, muito vento e ele acaba trazendo hóspedes indesejáveis para dentro das nossas cavidades oculares.

MÉDICO - Mas como uma pessoa urbana entende tanto assim das manifestações eólicas no campo?

PROFESSOR - Ah, meu jovem, um professor precisa estar sempre se atualizando. (*Para GIULIETTA.*) Ainda não fomos devidamente apresentados. Eu sou dono de metade deste lugar, assim (*faz uma reverência antiquada e teatral para GIULIETTA*) seja muito bem-vinda na minha propriedade. É verdade que estive ausente por muito tempo daqui, pois a universidade exigia a minha dedicação exclusiva, mas agora que eu me aposentei, e que eu fiquei viúvo, a minha esposa já faleceu faz dois anos, eu tenho um pouco mais de liberdade para fazer o que nunca consegui.

MÉDICO - Que seria...?

PROFESSOR - Escrever, por exemplo.

MÉDICO (*para GIULIETTA*) - É verdade, a profissão nos consome de tal forma, que a gente acaba protelando aquilo que às vezes é o mais importante pra nós na vida.

GIULIETTA (*fazendo troça com MÉDICO*) - Que seria?

(*MÉDICO e GIULIETTA se olham e cria-se um clima de confiança entre os dois.*)

PROFESSOR - E também, depois de cumprir o luto, me casar.

MÉDICO - Se casar?

PROFESSOR - Sim. Por que tamanha surpresa? Eu não acho graça na solidão.

MÉDICO - Mas e alguém acha?

GIULIETTA (*para MÉDICO*) - Então por que nunca se casou?

(MÉDICO olha para PROFESSOR. PROFESSOR morde os lábios para não rir com um certo sarcasmo.)

PROFESSOR (para GIULIETTA) - A mocinha aprecia flutuar?

GIULIETTA - O que?

PROFESSOR - Andar de balão.

GIULIETTA (para MÉDICO) - Eu nunca fiz isso.

PROFESSOR - Então será a minha convidada.

GIULIETTA (para MÉDICO) - Vamos?

PROFESSOR - Mas o balão só tem lugar para duas pessoas.

GIULIETTA - A gente se aperta. (Para MÉDICO.) Eu me sinto mais segura com um médico ao meu lado.

PROFESSOR - Mas não precisa ter medo.

GIULIETTA (espevitada) - Mas eu não tenho.

(GIULIETTA olha para MÉDICO sorrindo. MÉDICO olha para PROFESSOR. PROFESSOR está com cara de quem comeu e não gostou.)

GIULIETTA (como se tivesse levado um susto) - Meu Deus, que loucura que eu tô fazendo?

PROFESSOR - Não é nenhuma loucura. Totalmente seguro. Eu posso garantir.

GIULIETTA - Eu vou procurar a minha irmã. Ela pode ter se perdido no meio desses caquis. (Sai correndo.)

MÉDICO - Espera!

PROFESSOR - Alguma coisa a assustou.

MÉDICO - Ou alguém.

PROFESSOR - Eu não teria feito nenhuma investida se não tivesse visto com que frieza ela está sendo tratada pelo nosso jovem maestro. Estes maestros são todos iguais: entendem tudo de notas musicais, mas nada de mulheres. (Enrosca o braço no braço do MÉDICO.) Vamos para casa. Até eu tenho medo de me perder por aqui.

(Saem caminhando.)

QUARTA PARTE

RECITATIVO

(Na sala de jantar, com grandes janelas que dão para o jardim. Por volta das oito horas da noite. A ceia da quinta-feira santa, a primeira refeição em que os que moram na casa e os que a visitam estão reunidos juntos.)

PAI - Quanta gente idiota, quanto fracassado ao redor desta mesa, olhem só pra cada um deles. Tudo um bando de fraco, nunca souberam lutar por nada, e agora ficam se lamentando daquilo que deixaram de fazer. Médicos sonolentos, professores pedantes, criaturas com toda cara de serem parasíticas, se eu tivesse percebido o engodo não teria permitido esta juntação bem embaixo do meu nariz. O único por quem valeria a pena queimar um charuto por duas longas horas é esse maestro metido a besta, que mal e mal me dirigiu a palavra até agora desde que chegou. Mesmo parecendo um jogador de futebol que só foi até a sexta série do ensino fundamental, mesmo se *(pausadamente)* com-por-tan-do como tal, tirando fotos com todo mundo, ele deve ter algo a contribuir para uma discussão mais interessante, uma conversa sobre a decadência da ópera, a qualidade dos pianistas russos na atualidade ou até mesmo a recepção do oratório nas grandes praças musicais, as que realmente contam. Mas com essa franja caindo no rosto e esse movimento contínuo de colocar ela de volta pra trás ele tem cara de regente chinfrim, que se mete a experimentar e cai do cavalo. E parece que o último tombo dele foi feio ... Ah, viu *(debochado)* maninho, que isto sirva de lição pra ti, advogado de acusação fechador de feridas desse teu recalque, de ter sido sempre um merda, um zero, com um capelo ridículo enterrado nessa cabeça branca.

INTRUSA - É óbvio que esse cara tem muuuuito dinheiro. Eu levei horas pra achar a saída daquele labirinto de caquizeiro, tava ficando quase louca. Perdi um tempo achando que ele viria atrás de mim e que eu ia continuar a jogar o meu charme, mas não deu certo. Ele deve ser osso duro. Mas não tem problema. Hoje é recém quinta, tem mais três dias pra eu poder cercar ele por todos os lados. O brabo vai ter que ser aguentar ele na cama, em cima de mim, com aquela barriga e um bafo de homem pinguço, mas o que que a gente não aguenta em nome da ...necessidade? O filho seria interessante se não tivesse nesse estado lastimável, uma cara horrível de doente, já tá até meio amarelado, não sei por que que não deixam ele lá no quarto. A comida cai do garfo, ele não tem nem força pra segurar os talheres. Essa casa é fria, e passa uma sensação de velório. Quando ele cair na minha teia, aqui que eu não moro, de jeito nenhum.

MÉDICO - Ela é linda. A boca carnuda, os olhos de uma cor que eu não sei nem dizer qual é. E completamente abandonada. Não tá sentada nem do lado dele. Por que que ele trouxe ela então? A hora que ela desceu chorando a vontade que deu foi ir correndo até ela pra poder abraçar e sentir a lágrima dela molhando a minha camisa, mas ia ficar muito na cara. Isso sem falar desse professor semi-dândi que vai fazer ela se engasgar de tanto que ele fala com ela. Mas ela não responde. Bem feito pra ele. Ela tá tentando evitar olhar pra mim. Será que o sapo finalmente vai conseguir dar um beijo na princesa?

MENINO - Se eu for atrás do contato que ele me passou, meu vô vai ficar putto. Mas e ele nem vai ter como controlar o que eu tiver fazendo lá longe. Será que ele me botou naquela escola só por que ali eles não têm aula de cordas? Pelo menos lá eu vou poder assistir um milhão de concertos, ir nas lojas especializadas e ficar passando a mão na caixa, cello por cello, esticar as cordas pra ouvir o som e guardar um dinheiro pra poder comprar um meu. Só pra mim. Escondido. O brabo vai ser aguentar as aulas de contraponto e de piano. Seria legal se ele tivesse perto de mim. Ele entende meu gosto e acho que ia me dar a maior força. (Ri.) Que louco isso. Por que será que o próprio pai da gente é sempre um estranho, e de repente chega um estranho do nada e a gente pensa, porra, por que que esse cara não podia ter sido o meu pai?

GIULIETTA - Não consegui engolir direito nem o creme de couve-flor. Isso que foi feito especialmente pra mim. Quando ela entra da cozinha eu percebo com o canto do olho que ela cuida pra ver se eu deixei alguma coisa no prato. Eu como tudo pra poder me ver refletida no fundo dele. E eu vejo que eu tô com medo. Medo de fazer o que eu tô com vontade de fazer, porque finalmente alguém me trata feito um ser humano e não como um apêndice. O velho não para de falar aqui do lado e só falta ele ficar com a impressão de que eu tô interessada. Eu também preciso explicar pra esse médico que a minha história com o amigo dele já acabou, que a gente só tá juntos porque a inércia acaba fazendo com que as coisas acabem depois do que deveriam. Vou ter que pedir alguma coisa pra ele me alcançar, só pra eu poder olhar pra ele e mostrar que aquele choro foi o último, e que sim, eu quero ver no que vai dar, o pirê de batata, a salada de folhas, o bolinho de espinafre, o bife de fígado com molho de caqui...o bife de fígado com molho de caqui.

MORIBUNDO - Seu velho filho-da-puta, todo esse esforço de sobe escada desce escada, minha garganta ardendo como se eu tivesse bebido uma garrafa de álcool puro, é só pra fazer de conta que somos uma família destruída mas inteira, preservada após alguns assassinatos insignificantes, eu, com esse rosto com barba por fazer, esse cachecol

puído completamente fora da estação, tudo é um grande teatro, é o momento em que o público acha que tá tudo bem e que nem desconfia que a catástrofe se aproxima. A única coisa que me deixa angustiado é não saber se o guri vai ficar do lado da gente ou vai se tornar um frankenstein do velho, um cara chato, enjoado, criador de uma obra só. Até onde eu consegui, eu tentei, eu mostrei pra ele o outro lado, qualquer lado que não fosse o lado do crápula, esse jeito dele de mastigar como se fosse quebrar os dentes, vontade de jogar essa travessa na cara dele e gargalhar do molho escorrendo pela barba branca que ele faz questão de manter tão aparada. E eu não quero que ele morra logo também. Eu quero que ele passe anos a fio se contorcendo de ódio por ter perdido a sua obra mais querida.

VIUVO - Não foi delírio, delírio eu sei muito bem o que que é, quando eu tô no topo da coxilha tentando afastar qualquer pensamento, expulsar o desespero pra fora do peito, eu ouvi sim, era uma voz de mulher, uma voz que eu não conheço, por isso só pode ser de uma dessas duas. Ela cantarolava suavemente, mas eu não consigo identificar pela voz falada delas. Merda. Anos a fio tentando decifrar esse mistério, essa traição, e agora eu tenho a sensação de que falta pouco, muito pouco, e a solução dele não é aquela que eu queria encontrar. Tortura ter que ficar encarcerado dentro desta casa, com essa gente, o passado não me interessa, eu não quero voltar, eu vejo que eles se eletrizam só de lembrar tudo o que a gente fez, tudo o que a gente passou juntos, mas o meu caminho foi sempre em direção à tristeza, à perda e a solidão. Eu quero resolver isso de uma vez e ficar em paz.

EMPREGADA - Essa pose, esse sorriso de satisfação vai terminar logo. Sentado na cabeceira ele pede pra ser o Cristo, aquele que é sacrificado. Esse sacrifício, no entanto, não é o sacrifício pelo amor, mas pelo ódio, por tudo o que ele fez cada um de nós sofrer, tudo o que ele arrancou da gente, a alegria, a vontade de viver...segura esse choro, mediterrânea maldita, eu não posso agora entregar tudo nessa hora santa, no momento em que os apóstolos renunciam o filho do Senhor, pegando no sono um por um, porque não compreendem a importância do acontecimento. Um bando de gente egoísta, que só tá preocupada com o seu mundinho mais próximo, sem ter a mínima noção do banho de sangue que se aproxima. Da dor que vai ser purgada causando dor. Do alívio que cada um de nós busca quando o caroço do caqui prende na garganta e fica ali por anos a fio. Isso, pensa que o pedestal dura pra sempre. Pro tombo ser maior ainda.

K - Todos eles reunidos e as lembranças rodopiam com as carícias que nunca foram e as verdades que jamais teriam sido porque o sentimento sempre fala mais forte atropelando aqueles que a gente ama no afã de dar conta de tudo o destino nos reduz à nada mas se o tempo não existe

meu irmãozinho logo logo tu vai estar comigo e a tristeza se dissipa e os caminhos se formam com os que se pertencem e a terra chama quando a dissonância aguda espeta eu olho pro que foi meu marido eu olho pro que teria sido meu marido eu olho pro que sempre quis ser meu marido e eu fui a mulher de todos todas as mulheres não suportam o peso do afeto que se espalha dentro da gente o amor de irmã o amor de esposa o amor da amante e um filho que tem que seguir sem mim e buscar a inspiração da brisa que sopra em noites de abril sim eu amo na tontura da etérica presença eu quero compor a falta flutuando ao redor dos teus olhos molhados. Olha pra mim.

PROFESSOR - A tática dele é me ignorar como se eu não estivesse aqui. O pouco que ele participa da conversa não me inclui. No fundo ele tá se contorcendo porque a mamata terminou. A bondade de Caim chegou ao fim. Ele vai ter que procurar um outro lugar pra se enfiar. Não é raiva, e nem vingança. Pensem o que quiser. Simplesmente chegou a hora da colheita e eu quero poder aproveitar o tempo que me resta. Só eu sei o que foram todos estes anos, os alunos medíocres, os colegas tirando o corpo fora o tempo inteiro, as coordenações e comissões sem fim, e a ampulheta correndo rápido demais. Quando eu olho pra vastidão destes campos na primeira hora da manhã, eu respiro a liberdade que agora me restaura.

COMPOSITOR - Nunca imaginei estar aqui, assim, dessa forma, e agora eu entendo por que eu demorei tanto tempo pra voltar, se é que algum dia eu cheguei a sair daqui é porque eu tinha medo de te encontrar e mesmo te sabendo morta tu continuava viva e tu continua viva aqui do meu lado dentro de mim e eu só voltei porque eu queria te dizer isso e achava que montreal oslo e melbourne não iriam entender a minha língua que mesmo sendo o idioma universal do delirante amor ia acabar faltando o cheiro da grama molhada pelo orvalho da manhã que tantas vezes nos impedia de enxergar o rosto um do outro mas que era vencido pelo calor dos corpos tão próximos e a ausência é uma falsa distância o que importa é o que tá dentro da gente e por isso eu chego à conclusão que a morte realmente inexistente nem pro que se foi nem pro que ficou e eu fecho os olhos e os sons de todos eles se transformam numa sinfonia desconexa que me tonteia e me leva até ti, *verkenne nie das treuste Herz deines Geliebten...*

EMPREGADA - Recebe-me Senhor neste dia na tua mística ceia eu não desvendarei os mistérios aos teus inimigos eu não te darei um beijo como Judas mas como o ladrão arrependido eu te confesso. Lembra-te de mim Senhor no Teu Reino. Aleluia! Aleluia! Aleluia!

VIÚVO - Soñar y nada más, con mundos de ilusión...Soñar y nada más, con un querer arrobador...;Soñar que tuyo es él y vive para ti!...Soñar, siempre soñar que dicen que, en amor, es triste despertar. Soñar y nada más, con noches de quietud, que, misteriosas, van, cantando amor y beatitud. Volar a las estrellas de divinos resplendores y, en esa eternidad, vivir un ideal... Soñar y nada más!

MENINO - Na escola eu sofro de bullying. Ficam dizendo que não é normal alguém com treze anos gostar de tocar violoncelo, ou ir embora pra estudar fora do Brasil. Dizem que eu sou um bicho estranho, que eu não sou desse planeta. Mas aí eu fico pensando, o que é que ser normal? Se é pra virar um fazendeiro de bota toda embarrada que come todo dia a mesma coisa, a anormalidade me apetece. O mundo é muito vasto pra nos segurar no mesmo lugar.

MORIBUNDO - E assim que o sol se pôs, o rei disse para os caçadores: "Agora venham e me mostrem a cabana da floresta," e quando o rei estava na porta, bateu e chamou: "Querida irmãzinha, me deixe entrar." Então a porta se abriu, e o rei entrou, e lá estava a jovem mais adorável que ele já viu. A jovem ficou assustada quando viu não o seu veadozinho, mas um homem que vinha usando uma coroa de ouro na cabeça. Mas o rei olhou gentilmente para ela, estendeu a sua mão, e disse: "Você iria comigo para o meu palácio e seria a minha esposa adorada?" - "Sim, majestade," respondeu a jovem, "mas o pequeno veadozinho deve ir comigo, não posso deixá-lo." O rei disse: "Ele ficará com você enquanto você viver, e não lhes faltará nada." Só então o veadozinho veio correndo, e a irmã novamente o amarrou com a corda feita de juncos, o pegou em suas mãos, e foi embora da cabana com o rei.

GIULIETTA - O caquizeiro precisa de um solo úmido para se desenvolver, ou seja, os areno-argilosos e bem profundos. Pelo fato de possuir um sistema radicular pivotante, que em outras palavras quer dizer poucas raízes secundárias, o caquizeiro não aguenta os solos superficiais. Exige muita chuva para poder crescer, precipitações anuais entre mil e mil e quinhentos milímetros. O terreno para o seu plantio precisa estar limpo de matos ou restos de outras culturas.

K - Eu falo para mim e para ti, faz com que eu possa viver ao teu lado, que vida! Deste jeito! Sem ti. Perseguida pela gentileza das almas em todo o lugar, que no fundo eu acho que quero merecer tão pouco quanto eu realmente mereço, humildade de um ser para o outro, em mim dói, e quando eu me vejo na moldura do universo o que eu sou e o que ele é, ele a quem chamam de Senhor, aí então, que se percebe o elemento divino no homem, e eu choro quando percebo que tu só vai receber alguma notícia de mim lá pelo sábado, o quanto tu me ama, eu te amo muito mais do que isto, ...boa noite.

PROFESSOR - Balões são mais seguros do que médicos. Enquanto que um médico promete e não cumpre, os balões nos levam até as alturas sem nenhum risco aparente. Dentro de um balão, celebramos euforicamente a alegria de estarmos vivos. Nas mãos de um médico, rezamos para que nada saia errado e que ele consiga diminuir a dor ou prolongar a vida. O que não estava no script era um medicozinho de província, uma mistura de astrov com tchebutikin, ficar no meu percalço e estragar o passeio de balão. Com uma precisão cirúrgica, ele conseguiu se imiscuir e agora vou ter que aguentar este sujeito estragando o que era pra ser um momento único, depois de uma solidão prolongada. E ele ainda por cima chora. Um homem que verte lágrimas furtivas.

INTRUSA - Nesse lugar só se fala de música. E música pra eles é betovem. A furada que foi o espetáculo deles não foi o suficiente pra partirem pra outra? Eu gosto de ver. Música não dá pra ver, só pra ouvir. A convivência com o namorado da minha irmã, quer dizer ex, pelo jeito não tá mais rolando, mas ela não me diz nada e eu não pergunto, não tô nem aí, me fez sacar um pouco mais de arte. Arte pra mim é cinema. Eu gosto de filme que tem sexo junto. Acabei vendo umas coisas interessantes quando iam lá em casa, ele e o dançarino, pra ficar vendo dvd pro tal espetáculo deles. Eu curti a gueixa ninfomaniaca naquele império dos sentidos, curti o cara em paris passando manteiga por que não tinha um caipsilonzinho básico pra poder meter, enfim, e muitos outos mais, eu fico olhando pra essa gente e me pergunto quantos deles efetivamente transam, são normais, sabem viver de verdade? Porra, já tô nessa casa há quase vinte e quatro horas e até agora no seco total. Pode?

PAI - E aí ela me vem falar do amor desfigurado de Judas, que de certa forma também era um amor, e eu penso por que que eu deixei essa grega ortodoxa louca continuar nesta casa depois de tantos anos, ela com esse olhar de assassina, provavelmente deve ter botado cianureto nesse pudim de pão, e o que que ela quer dizer com isso, que eu fui o culpado da minha mulher e da minha filha terem sido levadas pelo câncer, ou pelo meu filho estar definhando numa cama, ou será que a resposta é que ela nunca esqueceu aquela criança que eu fiz nela e que nasceu morta e tá enterrada lá embaixo no arroio, e como ela ficou transtornada com aquilo, mas isso acontece quando um homem e uma mulher se deitam, e eu tenho certeza que ela dá pra esse jardineiro porque ninguém aguenta ficar sem trepar por muito tempo, eu deixei porque eu ainda sonho em pegar ela de novo como eu fazia, a sobancelha grossa dela me deixa excitado por demais, e ela tá olhando pra mim de uma forma diferente nessa páscoa, vai ver que alguma ressurreição vai acabar acontecendo e se esqueceram de me avisar.

COMPOSITOR - Então Jó respondeu ao Senhor sei que podes fazer todas as coisas nenhum dos teus planos pode ser frustrado tu perguntaste quem é esse que obscurece o meu conselho sem conhecimento certo é que falei de coisas que eu não entendia coisas tão maravilhosas que eu não poderia saber tu disseste agora escute e eu falarei vou fazer perguntas e você me responderá meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito mas agora os meus olhos te viram por isso menosprezo a mim mesmo e me arrependo no pó e na cinza.

MÉDICO - O que é legal na vida da gente é que depois da tempestade sempre vem a bonança. Mas é a gente que tem que perceber isso. Ela pode vir de diferentes formas, ou mais escancarada e óbvia, ou mais sorrateira e sutil. A espera paciente compensa. A asma é uma doença crônica psicossomática causada por um desequilíbrio nos receptores beta-adrenérgicos da mucosa brônquica do paciente. O tango é um ritmo musical originariamente dançado por dois homens, em passos vigorosos e numa atmosfera de tristeza e melancolia. Ludwig van Beethoven escreveu uma carta de duas páginas, à lápis, repleta de paixão e encantamento, para uma mulher misteriosa cuja identidade até hoje se desconhece. Na grande e santa quinta-feira santa, os cristãos celebram a revelação última do amor do divino pelo humano, o pão e o vinho concretizam uma comunhão, uma entrega que só pode ser incondicional. Yoshitsune, de uma valentia sem igual, derrotou o gigante Benkei com um único golpe, o que fez o tomo abrir uma enorme cratera, da qual, num rugido estarrecedor surgiu uma árvore alta, tomada de frutas vermelhas. Juntos, eles colheram cada um uma fruta e assim se tornaram inseparáveis amigos.

CORO

(Na Grande Sala. MENINO toca a Sonata para piano número quatorze de Beethoven ao piano. PAI de olhos fechados segurando um copo de conhaque e acompanhando o ritmo com a cabeça. PROFESSOR sentado na frente do PAI o observa. COMPOSITOR de pé apoiado numa das estantes. VIÚVO de pé perto da janela que dá pra rua olha pra fora. GIULIETTA sentada no sofá segura um livro olhando para o MENINO. INTRUSA, ao lado de GIULIETTA, procura uma posição durante o recital mostrando o seu aborrecimento para com a música. MÉDICO com as mãos na cabeça visivelmente preocupado. MENINO depois de um tempo erra um acorde. Ele para de tocar.)

PAI (abrindo os olhos) - O que aconteceu?

(Curto silêncio.)

PROFESSOR - Ele não pode nem errar?

PAI (para PROFESSOR) - Não na Sonata ao Luar, pelo amor de Deus.

MORIBUNDO (entrando na sala, debochado) - Pelo amor de quem?

(MÉDICO olha para MORIBUNDO. GIULIETTA olha para MÉDICO. PROFESSOR olha para GIULIETTA.)

PAI (sem se virar) - Não acredito. Ele não tava dormindo já? Tá fazendo o que aqui?

K (entrando delicadamente pela porta de entrada) - Cuidando do meu filho. Do... meu filho.

COMPOSITOR - O que que foi isso?

K - O amor tudo exige.

INTRUSA (assustada) - Isso o que?

MORIBUNDO - Me divertir, ora. (Sentando-se no espaldar da poltrona onde o PAI está sentado.) Provar um pouco da casinha da bruxa.

INTRUSA (indo até o COMPOSITOR) - Bruxa? Ai, gente. Parem com isso.

MORIBUNDO - Essa casa é cheia de fantasmas, não sabia? (Olhando pro COMPOSITOR) Ninguém te contou?

K (para COMPOSITOR) - Leva ele pra cama.

(VIÚVO corre até MENINO. Se ajoelha na frente dele por alguns segundos. Levanta-se olhando pra K. Olha pra COMPOSITOR. Sai pela porta de entrada.)

COMPOSITOR (vai até o MENINO) - Eu acho que tu deve tá cansado, não tá?

PAI (incomodado com a interferência do COMPOSITOR, para o MENINO) - Vai me explicar o que que houve naquele acorde tão fácil?

MÉDICO (se levantando) - Os dois deveriam ir pra cama.

(MORIBUNDO começa a forçar uma tosse para ridicularizar a preocupação do MÉDICO. GIULIETTA vai até K. MORIBUNDO para de tossir e olha para GIULIETTA. GIULIETTA entrega o livro para K. K sorri. MORIBUNDO baixa a cabeça.)

MÉDICO (indo até o MORIBUNDO) - Vem. Eu te levo. (Para Giulietta.) Traz ele também?

MENINO - Mas eu não tô cansado. Eu queria ficar mais. Ouvir o tio contar as histórias dele. *(Para COMPOSITOR.)* E eu gostei de ti também.

(Silêncio constrangedor enquanto K larga o livro no sofá.)

K - Te alegra.

(COMPOSITOR sorri pro MENINO.)

K - Continua sendo meu único tesouro fiel, meu tudo, assim como eu sou o teu, o resto os Deuses que decidam o que tem que ser e o que será.

(MENINO pega na mão de GIULIETTA e sai da sala com ela em direção à escada. MÉDICO tenta levar MORIBUNDO que resiste. MÉDICO segue MENINO e GIULIETTA e sai.)

INTRUSA *(voltando pro sofá)* - Acho que esses dois...

PROFESSOR - Por que as mulheres escolhem tão mal os seus parceiros?

MORIBUNDO - Mas ela não era a tua namorada?

(COMPOSITOR fica constrangido.)

INTRUSA *(pega o livro que Giulietta estava olhando)* - Minha amada imortal. Uma interpretação.

K *(abraçando COMPOSITOR por trás)* - Por causa dos banhos, eu preciso ir dormir. *(Vai em direção à porta de entrada e para ao chegar nela.)*

INTRUSA - Ai, só se fala desse cara nessa casa? *(Indo se sentar no braço da poltrona do PAI.)* Agora que as crianças foram dormir a gente não pode botar uma música mais animadinha?

MORIBUNDO - Isso! Um dancing! *(Começa a tossir, agora de verdade.)* Mas sem o nosso coreógrafo mega-star?

COMPOSITOR - Ele deve tá vindo aí amanhã.

MORIBUNDO - É o único apóstolo que tá faltando? *(Gargalha e tosse, quase se sufocando.)*

COMPOSITOR *(indo até MORIBUNDO)* - Deu. Agora vai descansar no teu quarto.

(MORIBUNDO se desvencilha de COMPOSITOR e o empurra em direção ao piano.)

K *(virando-se)* - Oh, Deus! Tão perto e tão longe! *(Sai.)*

INTRUSA - Essa é a tal carta que tu tava falando no carro?

COMPOSITOR (*olhando em direção à porta de entrada*) - Que estrutura mais divina que é o nosso amor, e tão firme quanto a abóbada celestial? Primeira carta.

MORIBUNDO - Eu achei que ia ficar interessante, mas com dois maestros reunidos, vai ser difícil. (*Saindo. Vira-se para INTRUSA.*) Se eu fosse tu, faria o mesmo. Vou nessa. (*Sai assobiando a melodia do coro da quarta parte do oratório Cristo no Monte das Oliveiras de Beethoven.*)

PAI - Já vai tarde.

INTRUSA - Seu filho é tão baixo astral!

PROFESSOR - Ele tá morrendo.

(*INTRUSA põe a mão na boca em choque.*)

PROFESSOR - Desculpa, fui direto demais. (*Vai servir-se de bebida.*) Culpa daquele médico idiota. Se fosse bom teria salvado meu sobrinho.

COMPOSITOR (*para PAI*) - É tão sério assim?

PAI - Exagero. Ninguém morre de asma. (*Fazendo menção com a cabeça para PROFESSOR.*) Tá de mal com a vida e fica puxando pra baixo. Ele sim que é um baixo-astral.

PROFESSOR (*sentando-se*) - Mas eu não matei minha mulher de desgosto.

(*Silêncio constrangedor.*)

INTRUSA - Matou? Como assim?

PROFESSOR - Quando a gente se dedica muito pruma determinada coisa, o que fica de lado murcha. Apodrece.

COMPOSITOR - Mas as vezes a gente não tem opção.

(*Todos olham para COMPOSITOR.*)

INTRUSA (*tentando quebrar o clima pesado*) - Olha. Eu me esforço pra encontrar um cara legal (*olha para PAI*), sincero, divertido, descolado, bem-humorado, mas é difícil. Então essa história de se dedicar...

PAI (*para PROFESSOR*) - Primeiro anuncia que vai me roubar metade da minha fazenda. Agora me acusa de assassino? Nem um pouco cordial prum catedrático.

COMPOSITOR - Na vida a gente não tem tudo o que se quer. Beethoven, por exemplo, nunca encontrou alguém que...

INTRUSA - Mas é uma questão de opção. Ele era muito famoso.

COMPOSITOR - E ...?

PROFESSOR - A fazenda é minha também. É meu direito.

INTRUSA - As pessoas famosas sempre se dão mal no amor.

PAI - Que culpa tenho eu da minha mulher ter morrido de câncer?

(COMPOSITOR encara PAI. PAI olha para COMPOSITOR.)

COMPOSITOR - Eu acho que eu vou me deitar.

INTRUSA - Vai ver que Beethoven não tava nem aí com a vida amorosa dele.

PAI - Esse assunto tá chato. Eu também vou pra cama.

PROFESSOR - Eu fiz o contrário. Deixei minha carreira de lado.

PAI *(achando graça)* - Que carreira?

PROFESSOR - E fui muito feliz com a minha mulher.

COMPOSITOR - Que música é essa?

PAI *(para PROFESSOR)* - Parabéns, então.

INTRUSA - Tu fica ouvindo barulhos que ninguém mais ouve. *(Para PAI)* essa casa é mal-assombrada?

PAI - A única que entende de feitiçaria é aquela grega louca lá na cozinha.

INTRUSA - Pera. Tem uma música mesmo.

PAI - Ah. É o meu genro. O maldito tango que ele escuta o tempo todo. Repertório limitado.

INTRUSA - Coitadinho, né? Bem lelé.

PROFESSOR - Eu, pelo menos, tô com a consciência limpa e vou morrer sem remorsos. Chega pra mim. *(Larga a bebida no piano.)* Amanhã tem passeio de balão. E eu quero me divertir nesta páscoa. Boa noite pra todos. *(Sai.)*

INTRUSA - Mas e alguém veio pra cá pra não se divertir?

(Silêncio. PAI olhando pra sua bebida. COMPOSITOR encara INTRUSA.)

INTRUSA - Tá tarde, né? Eu também vou pra cama. (*Falsamente animada.*)
Qual a programação de amanhã? (*Sai constrangida.*)

(*Na Cozinha. EMPREGADA enche uma garrafa de vidro com um líquido espesso cor de vinho. MÉDICO entra na cozinha com ar confuso. EMPREGADA olha para MÉDICO sem parar de encher a garrafa. MÉDICO olha para EMPREGADA. EMPREGADA indica a cadeira com o olhar. MÉDICO se senta quase de forma automática.*)

EMPREGADA - Ela não comeu o creme de couve-flor que eu fiz.

MÉDICO (*sem entender*) - O que?

EMPREGADA - Mas não porque não gostou.

MÉDICO - Ela quem? Do que tu tá falando?

EMPREGADA - Comeram bem o fígado?

MÉDICO - Se tão comendo o meu fígado? Tão sim. Tu sabe bem quem que tá acabando com o meu fígado. E eu tô no meu limite.

EMPREGADA - Já decidiu se vai ajudar? Amanhã já é a sexta-feira.

MÉDICO - E?

EMPREGADA (*indo até a pia para lavar as mãos*) - Judas já traiu quem ele tinha que trair.

MÉDICO - Tá me chamando de traidor?

EMPREGADA (*vira-se para MÉDICO*) - Não. Judas sou eu. Por isso que tu pode ajudar o teu amigo sem remorso nenhum.

(*Os dois se encaram.*)

EMPREGADA - Faz isso por ele. Carrega um pouco a cruz dele. Limpa o rosto ensanguentado. (*Com lágrimas, mas a dureza de sempre*). Deixa ele morrer tranquilo.

MÉDICO - Mas eu não posso...eu prometi...

(*EMPREGADA coloca a mão dela na boca de MÉDICO.*)

EMPREGADA - Olha pra tua vida. Pensa um pouco em ti. Todo mundo tá mais ou menos arranjado. De uma forma ou de outra. Alguns nem arranjo mais tem, mas pra isso que a gente comemora a páscoa.

MÉDICO - A páscoa?

EMPREGADA - Ela não quer saber do creme de couve-flor e de nenhuma comida especial. Nenhum alimento pro estômago.

MÉDICO - Como que tu sabe?

EMPREGADA - Me promete que vai nos ajudar?

MÉDICO - Nos ajudar?

EMPREGADA - Faz o que ele tá te pedindo e eu te ajudo também.

MÉDICO - Eu não quero que pareça que...

EMPREGADA - Quietos. Não tem que querer nada. Toma esta garrafa e leva junto amanhã no passeio de balão. Cheira.

(MÉDICO desenrosca a tampa da garrafa e cheira o líquido.)

MÉDICO *(sorrindo)* - Delícia!

(GIULIETTA entra na cozinha. MÉDICO fica de pé sem saber o que fazer.)

GIULIETTA - Eu escutei a tua voz e vim até aqui.

MÉDICO *(sem jeito)* - Ele dormiu?

GIULIETTA - Sim. Morro de pena. Não tem mãe. E praticamente, sem pai. E o avô dele é tão grosseiro.

EMPREGADA - Ele sobreviveu. Alguns sobrevivem, outros não. São que nem os meus morceguinhos no galpão lá atrás da casa.

GIULIETTA *(apontando pra garrafa na mão do MÉDICO)* - O que que é isso?

MÉDICO - Ah...ela preparou pro nosso passeio de amanhã.

GIULIETTA - Que querida.

MÉDICO - Assim ninguém fica com sede.

GIULIETTA - Eu não avisei o meu...do passeio.

EMPREGADA - Não precisa. Ele tá muito ocupado com outras coisas.

GIULIETTA - Eu percebi.

(EMPREGADA arruma a cadeira para GIULIETTA se sentar. EMPREGADA senta GIULIETTA com delicadeza na cadeira. EMPREGADA faz menção para que MÉDICO sente na sua cadeira. MÉDICO se senta. EMPREGADA mergulha o dedo num recipiente com óleo.)

EMPREGADA (*ungindo a testa de GIULIETTA e de MÉDICO*) - Recebe-me senhor neste dia, na tua mística ceia, eu não desvendarei os mistérios aos teus inimigos, eu não te darei um beijo como Judas, mas como o ladrão arrependido eu te confesso, lembra-te de mim Senhor no teu reino, aleluia! Aleluia! (*Saindo chorando pela porta que dá para o jardim*) Aleluia!

(*MÉDICO e GIULIETTA ficam se olhando.*)

(*Na Grande Sala. Pai sentado na sua poltrona. COMPOSITOR olhando pra fora através da porta de entrada aberta.*)

PAI - Alívio. Gente chata. Todos chatos. Fecha aí que tá entrando um vento gelado.

(*COMPOSITOR se vira para PAI.*)

PAI - Eu não sei o que que eu fiz pra merecer isso bem quando eu devia estar comemorando uma missão cumprida. Essa gente não entende disso porque nunca alcançaram nada na vida. Tu entende né?

(*COMPOSITOR fecha a porta. PAI vai servir-se de mais bebida.*)

PAI (*colocando conhaque no copo*) - Eu achei injusto o que a crítica fez com vocês.

(*COMPOSITOR se senta em frente à poltrona.*)

PAI - Apesar de não gostar da tua condução musical. Um pouco dura demais. E nesta obra específica, assim como no oratório, a gente tem um compositor mais dramático, quase rococó. (*Voltando para sua poltrona.*) Ninguém entende que este é o leitmotiv de Beethoven, o sacrifício de uma criatura pra arrancar os homens da dor e das trevas.

COMPOSITOR - Quase rococó?

PAI - Claro. Poucos entendem que mesmo sendo o ápice do classicismo, no oratório, o único que ele escreveu, o único...

COMPOSITOR - Eu não entendi o quase.

(*Curto silêncio.*)

PAI - Dá graças a deus por não ter um filho. (*Pausa.*) Nem um irmão metido a Caim. (*Pausa.*) E por ter uma mulher do teu lado que não fica te cobrando e nem exigindo o que nenhum ser humano consegue dar.

(*Curto silêncio.*)

COMPOSITOR - O que a gente tentou na verdade foi dar um pouco mais de humanidade prum compositor que...

PAI - Humanidade já tem de sobra. Tanto Cristo como Prometeu esbanjam humanidade. O problema não foi esse.

COMPOSITOR - Ah, não? Qual foi o problema na sua opinião?

PAI - Não foi só na minha.

COMPOSITOR - Então eu não tô entendendo. O senhor acabou de condenar a crueldade da crítica.

PAI - Eles foram um pouco demais. Como sempre. Invejosos porque nunca conseguiram criar nada. Aí então, destróem. Mas estavam certos.

COMPOSITOR - Em relação ao que?

PAI - À pretensão de vocês em serem contemporâneos. Palavra enjoada.

COMPOSITOR (*rindo*) - Mas é exatamente isso o que Beethoven tava tentando fazer! Quebrar com a tradição!

PAI - O importante é o equilíbrio. Buscar um meio termo entre...

COMPOSITOR - Eu me lembro de um crítico retalhando uma regência sua do oratório há uns anos atrás, porque o oratório não era uma das obras mais representativas por ser pretensiosa e contemporânea demais pra época.

PAI - Aquele idiota não entende nada de música. Confundiu a escala de mi bemol na introdução da orquestra com si bemol, uma das escalas mais importantes na paleta de Beethoven pra criar a sensação de agonia no jardim de Getsemani. Alguém tem que orientar esses jornalista-zinhos que a parte musical é tão importante quanto as outras bobagens que eles tanto enfatizam, a vida privada, a depressão, a surdez, aquelas cartas idiotas.

COMPOSITOR - Acontece que o meu trabalho não é puramente musical. É cênico. E visual. E estas coisas que o senhor chama de bobagens são importantes em se tratando de uma arte visual.

PAI - Não precisa me chamar de senhor.

COMPOSITOR - Chamo de que então?

PAI - O problema é esse.

COMPOSITOR - O jeito que eu te chamo? Prefere que seja como? O pai do meu melhor amigo de infância que tá definhando no segundo andar? O avô

do menino que tá indo estudar piano mesmo que prefira violoncelo? O pai da mulher que...

PAI - Não tô falando disso. (*Rindo.*) Agora sim que eu entendo o teu fracasso. A tua natureza é que é rococó. Não ia nunca dar certo regendo Beethoven.

COMPOSITOR - Prefiro tomar isso como um elogio. Porque ser rococó pra mim significa ter a coragem de ousar e de experimentar. De fazer alguma coisa diferente, que estabeleça uma ponte entre a obra, entre mim e entre o público.

PAI - Todo mundo tem direito a sua pretensão.

COMPOSITOR - Então deixa o menino estudar o que ele quer.

PAI - Ele não sabe o que quer.

COMPOSITOR - Sabe muito bem.

PAI - Como que tu sabe? Tu foi embora daqui já faz muito tempo e nunca mais voltou.

(*COMPOSITOR vai se servir de bebida.*)

PAI - Faz quanto tempo que tu não vinha mais aqui? Uns dez anos?

COMPOSITOR - Treze.

PAI - Viu. E eu nem tô te condenando por isso. Se os meus filhos lamentavam a tua ausência, isso é problema deles. Era, né. Eu entendo que uma pessoa precisa se dedicar ao seu trabalho, senão não chega a lugar nenhum. Olha só o meu irmão, ele é um exemplo vivo disso. Um fracasso em pessoa.

COMPOSITOR - Quem lamentava a minha ausência?

PAI - Meus filhos.

(*COMPOSITOR vai até a janela que dá pra rua. K entra pela porta de entrada.*)

PAI - Ela mais do que ele. Chegava a ser insuportável. A porta se abriu sozinha?

K - O teu amor me faz a mais feliz e a mais infeliz ao mesmo tempo.

COMPOSITOR (*se virando para PAI*) - O que tu talvez não entendas é que este equilíbrio na arte tem que existir também na vida.

(PAI olha para COMPOSITOR sem entender.)

K - Não foi ele quem me matou.

COMPOSITOR (se virando pra K) - Me perdoa.

K - O meu coração tá tão cheio de coisas pra te dizer.

COMPOSITOR - Sou eu que não entendo nada de equilíbrio. De arte. De vida.

K (acariciando o rosto de COMPOSITOR) - Só de saber que tu tá de volta o tempo não importa ele não conta nem significa teu rosto chicoteado pelo remorso faz com que a saudade e o desejo de te beijar tomem conta de uma vontade rebelde meu lugar não é aqui mas a poeira na estrada e as lembranças enfileiradas eu me esqueço de tudo dos pertencimentos das obrigações porque o que conta é a vontade sempre forte e nunca fugitiva o importante é tu entender que a vida segue o seu fluxo com ou sem mim comigo sozinho ou junto com os outros que não são permanentes ninguém é não dá ouvido pro velho ele já tá babando de boca aberta não sabe mais o que diz o que me importa é tu e só tu a presença nesse lugar o tempo congelado o frio que tá lá fora o mês de abril o cheiro do caqui a crina do cavalo que eu sinto roçando nos dedos nesse teu cabelo comprido que vai ser sempre meu por onde tu andares acalma o teu espírito escuta a ti mesmo e continua. (Sai em direção à escada para o andar superior.)

PAI - Fecha a porta. Vou morrer congelado aqui.

(COMPOSITOR fecha a porta.)

PAI - Às vezes eu acho que só me resta morrer mesmo. Já fiz tudo o que eu tinha que fazer.

COMPOSITOR - Pois eu não.

PAI - Então faz. (Sai cambaleando levemente em direção ao andar superior. Sai.)

(COMPOSITOR senta ao piano. Coloca o pedal na surdina. Toca a canção *Ich liebe Dich* de Ludwig van Beethoven.)

(No quarto de VIÚVO. VIÚVO adormecido sobre um monte de almofadas e cobertores. Numa das paredes, uma enorme tela. Um filme em super-8 mostra K logo depois de casada. No filme ela fala com quem segura a câmera. Batidas na porta. VIÚVO acorda de sobressalto. Leva uns segundos para perceber onde está. Desliga o filme.)

VIÚVO - Quem é?

(A porta se abre lentamente e COMPOSITOR espia pra dentro. VIÚVO se enrijece.)

COMPOSITOR - Posso?

(VIÚVO manda COMPOSITOR entrar com a cabeça. VIÚVO se levanta.)

COMPOSITOR (rindo sem jeito) - Eu não quero ir embora de novo sem poder falar contigo de verdade.

VIÚVO (constrangido) - Agora que tá famoso é assim. Vai te acostumando.

(COMPOSITOR vai até VIÚVO e o abraça forte.)

COMPOSITOR (soltando VIÚVO) - Cara, o que que tá acontecendo?

VIÚVO (vai em direção à tela como se interpondo entre ela e COMPOSITOR. Fungando) - Tá acontecendo nada.

COMPOSITOR - Tu não tá com uma cara boa. Praticamente não trocou uma palavra comigo desde que eu cheguei. Fica me evitando.

VIÚVO (rindo nervoso) - Nessa casa ninguém tá bem. Ninguém consegue ficar bem.

COMPOSITOR - Pára com isso. Não cai nessa.

VIÚVO - Tu não vive aqui. Foi embora faz tempo.

COMPOSITOR - Mas voltei. Tô aqui.

VIÚVO - Tarde demais.

(COMPOSITOR olha pra tela. VIÚVO vai pra janela.)

VIÚVO - Eu perdi tudo, cara.

COMPOSITOR - Tu tem o teu filho. Um guri saudável. Cheio de vida.

VIÚVO - Ele não tá nem aí pra mim. Eu sou o pai demente que fica cavalgando pelas coxilhas.

COMPOSITOR - Pra que dizer isso?

VIÚVO (virando-se) - O velho tirou ele de mim. Eu sou um agrônomo tosco. Ele é um músico. É uma outra raça.

COMPOSITOR - Eu sou um músico. Deixa de bobagem.

(COMPOSITOR passa a mão na tela brancada manchada.)

VIÚVO (tremendo) - Ela faz muita falta.

(COMPOSITOR se vira para VIÚVO.)

VIÚVO - Ela gostava de um outro cara. Já tinha perdido ela também há algum tempo.

(COMPOSITOR se empertiga.)

VIÚVO - Eu até posso perder o meu filho, mas perder a mulher que...

COMPOSITOR - Tu não perdeu o teu filho.

VIÚVO - Ela me traía com um outro. Em pensamento. A cabeça dela tava sempre longe. Aí teve uma páscoa que ele apareceu de volta. E ele resolveu filmar ela. No mesmo campo em que a minha égua rasga o barro do chão. (Ri.) O que que eu tô dizendo. (Nervoso.) Calma.

COMPOSITOR (Inquieto) - Cara. Ela casou foi contigo. Com ninguém mais.

VIÚVO - E daí? Isso não quer dizer nada. Uma puta. Não! (Esconde o choro com as mãos.)

(COMPOSITOR abraça VIÚVO.)

VIÚVO (se desvencilhando de COMPOSITOR) - Deixa eu te mostrar uma coisa? Tu sempre foi o meu melhor amigo, o cara que eu sempre confiei. Eu até achava que era tu, mas tu tava longe, sempre regendo, fazendo a tua música. Era loucura da minha cabeça. A história de vocês já tinha acabado. Tu não ia ficar preso nesse fim de mundo por causa duma mulher, tu mesmo tinha me dito isso uma vez, lembra? (Ri.) Eu acho que até ia ficar mais tranquilo comigo mesmo se fosse tu ... (Sério.) Mas não pode ser. Tu não ia fazer isso comigo, né? Conosco. (Perdendo a voz.) Conosco.

(COMPOSITOR olha para VIÚVO sem saber o qe fazer.)

VIÚVO - Ah. Senta ali.

(COMPOSITOR se senta no monte de almofadas e cobertores. VIÚVO rebobina o filme. Tensão no ar. O filme inicia. K correndo pelo campo, ouve-se o tango 'Soñar y nada más'. COMPOSITOR apreensivo olha para VIÚVO que está concentrado no filme.)

QUINTA PARTE

RECITATIVO

K - Leben kann ich entweder nur ganz mit dir oder gar nicht.

(Uma tela. Um filme super-8. No campo, K corre com um buquê de flores. A câmera se aproxima de K.)

K *(envergonhada)* - Bom, hoje é sexta-feira santa, tá frio, dá pra ver a neblina espalhada pelo gramado, filma ali, ali ó, em volta do caquizeiro *(a câmera foca a neblina em volta do caquizeiro)*, deu, agora volta pra mim *(a câmera procura K em vão)* pra mim, eu aqui, *(a câmera filma K)* bobo, hoje é o dia em que Jesus Cristo é crucificado pelos homens, mas *(coloca as flores na frente do rosto)* apesar da tristeza e do luto *(tira as flores da frente do rosto)* é um dia de alegria porque a morte é também um sacrifício...*(num tom mais natural)* e eu achei que nós nunca mais íamos passar uma páscoa juntos o meu corpo perto do teu o calor do teu rosto me esquentando e o fogo e a lenha e a água quente da térmica a distância que só existe na nossa cabeça o longe e o perto *quantas saudades de lágrimas por ti...*

(EMPREGADA na cozinha, sentada na cadeira, embalsamando, no seu colo, com um pano lilás, um objeto do tamanho de uma boneca grande ou de um bebê recém-nascido. Madrugada da sexta-feira santa, um pouco antes da aurora. Um silêncio aterrador.)

EMPREGADA - Hoje foi pendurado no madeiro aquele que pendurou a terra sobre as águas. *(Segurando a emoção)*. Hoje *(curta pausa)* foi pendurado no madeiro *(Longa pausa)* aquele que pendurou a terra sobre as águas. Hoje foi... *(Chora convulsivamente)*.

(Manhã de sol tímido. Dentro do balão à gás. A serração ainda insiste em cobrir a relva do campo. GIULIETTA apoiando o corpo na borda da cesta olha para o horizonte. MÉDICO segurando uma taça de champanhe olha para o PROFESSOR.)

PROFESSOR *(com uma empáfia natural de um professor)* - Muito, mas muito difícil. O balão de ar quente é o transporte mais seguro de acordo com o Ministério da Aeronáutica. Raramente acontecem acidentes, e se acontecem é porque pessoas ineptas se arriscam a conduzir.

GIULIETTA *(sem se virar)* - E como o senhor vai saber onde iremos pousar com toda essa serração lá embaixo?

PROFESSOR - Ora, o senhor pode ficar de fora, não é?

MÉDICO - Mas o senhor já quer descer? Mal começou o passeio! E por que ter que acordar de madrugada? Em respeito ao comedimento do dia de hoje?

PROFESSOR - Que engraçadinho este doutorzinho. (*Indo para perto de GIULIETTA*). Já temos uma certa intimidade. Pode me chamar pelo meu nome mesmo.

(*MÉDICO estica a sua taça na direção do PROFESSOR, tocando nas costas dele.*)

PROFESSOR - Mas já?

GIULIETTA (*se vira, para MÉDICO*) - Será que esse foguinho é seguro?

PROFESSOR (*achando graça*) - Este 'foguinho' é o queimador, movido a propano, que é um derivado do petróleo. Graças a ele, o balão se enche de ar quente e devido à densidade...

MÉDICO (*se abaixando e mexendo na cestinha de alimentos e bebidas*) - Então eu mesmo abro a champanha.

PROFESSOR - A Champanhe?

MÉDICO - Em português a gente diz champanha mesmo, o senhor é professor do que mesmo?

GIULIETTA - Esse negócio não tá sacudindo?

PROFESSOR - Claro que não, é por isso que a gente sai sempre bem cedo, pra evitar que o sol aqueça a...

MÉDICO (*pega a garrafa do líquido preparado pela EMPREGADA. Mostra pra GIULIETTA*) - Olha! Tinha até esquecido.

PROFESSOR - O que é isso?

GIULIETTA - Mas então quem que se lembrou? Eu não fui.

PROFESSOR - O brinde com *champanhe*, doutor, faz parte da própria história do balonismo! Não podemos abdicar dele. Quando em 1783...

MÉDICO (*levantando-se*) - Olha que lindo a cor do céu lá no fundo!

GIULIETTA (*abraçando-se no MÉDICO*) - Não fica andando dum lado pro outro!

(PROFESSOR observa o casal abraçado. Ele se abaixa, pega uma taça, afasta GIULIETTA do MÉDICO e entrega a taça a ela, sorridente.)

PROFESSOR - Chega de explicações técnicas, afinal de contas estamos num momento de diversão e não dentro de uma sala de aula.

MÉDICO - Ninguém deveria se divertir numa sexta-feira santa, professor.

GIULIETTA - Eu nem me lembro que a gente tá no meio da semana santa.

PROFESSOR - Lendas. Superstições. De dois mil anos atrás.

MÉDICO - Hoje é o dia de carregar a cruz.

GIULIETTA (*triste*) - Por que lembrar isso?

(MÉDICO se constrange. MÉDICO se vira para apreciar a paisagem.)

PROFESSOR - Ah, por favor, o senhor não vai estragar o nosso passeio, vai? Não existe motivo para tristeza, muito menos aqui de cima. Estamos a trezentos metros de altura, as condições atmosféricas estão perfeitas, e eu estou muito feliz de estar aqui em cima com você, minha querida. Uma sensação de liberdade como há muito eu não sentia. Continua com medo? Que bobagem. Pode ficar tranquila que há anos eu ando de balão, a minha licença está renovada e daqui a pouco a neblina já vai ter toda sumido e a gente vai poder pousar onde a gente quiser. Desde que não seja no topo de algum caquizeiro. (*Ri sozinho. Abaixa-se, pega a garrafa do suco vermelho e ergue-a.*) Curioso isto estar aqui na cesta, aquela serviçal esquisita deve ter colocado por engano. Que cor esquisita que tem isso aqui. Quase uma...púrpura. É por causa do sangue de Cristo? Ou será que não é o famoso e mitológico elixir do amor? (*Gargalha.*)

(COMPOSITOR caminhando no meio de uma serração intensa.)

K - Wären unsre Herzen immer dichtan einander...

(Na beira de um riacho. EMPREGADA, carregando o objeto embalsamado, desce um barranco com dificuldade até conseguir chegar na margem. Enrolada numa manta, de olhos fechados, ela escuta o silêncio. A serração ainda não foi embora.)

EMPREGADA - Uma coroa de espinhos foi colocada sobre a cabeça do Rei dos Anjos. Aquele que revestiu o céu com as nuvens foi revestido de

falsa púrpura. Aquele que libertou Adão, no Jordão, recebeu uma bofetada. O esposo da igreja foi pregado com cravos e o filho da virgem teve o lado aberto com uma lança. (*Abre os olhos, abaixa-se e deposita o objeto no riacho. As águas levam o objeto embora lentamente.*)

CORO

(*PAI e INTRUSA sentados na varanda. INTRUSA veste muita pouca roupa para a temperatura matinal. JARDINEIRO chega do jardim segurando uma bacia repleta de caquis junto ao corpo. JARDINEIRO fica olhando PAI e INTRUSA como se eles tivessem feito algo errado.*)

PAI - Te manda daqui.

(*JARDINEIRO faz menção de sair.*)

PAI - Espera.

(*Jardineiro para e se vira.*)

PAI - Já arrumou o meu carro que eu mandei?

(*JARDINEIRO grunhe.*)

PAI - Mas e como que o guri vai ser levado pro aeroporto? Ah, incomodação! Vai dar um jeito nisso. Sai!

(*JARDINEIRO sai.*)

INTRUSA - A criadagem aqui parece ser meio insolente. Dão muito trabalho?

PAI - É por causa dessa junção de gente. Tudo ideia daquele desmiolado do meu filho.

INTRUSA (*arrastando as palavras*) - Ah, então vocês sempre passam os feriados assim mais sozinhos, em família mesmo.

PAI (*atônito, olhando para INTRUSA*) - Eu não tenho mais família. Minha mulher e minha filha já morreram. Meu filho não se dá comigo. E meu irmão não é bem-vindo aqui. (*Conformado.*) Só sobra o meu neto.

INTRUSA (*lépida*) - Que tá indo embora.

(*PAI olha para INTRUSA incomodado. INTRUSA para de sorrir.*)

PAI - Precisa me lembrar?

(*Curta pausa.*)

INTRUSA (*em voz baixa, olhando pros lados*) - Ai, tô com fome...

PAI - Não é fácil preparar uma criatura e de repente perder ela. Eu entendo que é pro bem dele, mas saber que eu não vou poder estar do lado dele pra dizer o que que é certo e o que que é errado, me deixa...agitado. Ele só tem treze anos, é uma criança ainda.

INTRUSA - Mas ele vai prum lugar beeeem legal e de primeiro mundo. Se fosse assim um país tipo, sei lá, hmmm...Finlândia. Finlândia é país né?

PAI - Eu não sei onde que essa mulher se meteu, o café da manhã já tinha que estar na mesa. Ou ela acha que só ela acorda cedo nessa casa? Claro que tem os vagabundos...

INTRUSA (*Pega na mão do PAI*) - Viu! Eu sou como o senhor, não fico hoooras me revirando na cama.

PAI (*olhando pra INTRUSA e colocando sua mão sobre a mão dela*) - Ótimo. Eu gosto assim.

(*EMPREGADA passa correndo ao longe apressada.*)

PAI (*se levanta irritado, soltando a mão de INTRUSA*) - Maldita!

INTRUSA (*pegando na mão de PAI*) - Deixa ela pra lá. Daqui a pouco ela ajeita o café pra nós. (*Maliciosa.*) Ela e aquele jardineiro, eles...?

PAI - Não sei. Acho que sim.

INTRUSA - Bom. Pelo menos eles combinam. São da mesma classe.

PAI - Da mesma laia. Isso sim.

(*PAI se deixa cair no banco exausto.*)

INTRUSA - O que foi? Não tá se sentindo bem?

PAI - Não é isso. É que quando a gente carrega o mundo nas costas, os medíocres todos se voltam contra a gente. Na vida o mais difícil é construir. Destruir é fácil.

INTRUSA - Ah, coitadinho de ti. Quer uma massagem? Eu sou óóótima nisso.

PAI (*com um sorriso sacana*) - E por que não?

(*Os dois se olham com curiosidade sexual.*)

PAI (*percebendo algo ao longe*) - Mas eles já tão voltando?

INTRUSA (*decepcionada*) - Tão cedo!

(*MÉDICO, GIULIETTA e PROFESSOR chegam do jardim.*)

INTRUSA - Mas não iam ficar hoooras fora?

MÉDICO (*para PAI, preocupado*) - O nosso visitante ilustre já acordou?

(*PAI dá de ombros.*)

PROFESSOR - Eu também não entendi muito bem, tinha preparado a champanhe...

GIULIETTA - Tudo começou a balançar de repente.

MÉDICO (*em voz baixa, provocativo*) - Champanha...

INTRUSA - Se vieram pro café se deram mal.

MÉDICO - O passeio foi sublime. (*Olha com ternura para GIULIETTA.*)

INTRUSA - Deus me livre! E se um pássaro bicudo resolve furar o balão!

PAI - Aqui só tem morcego. Pouco pássaro.

PROFESSOR - Ninguém consegue alçar um vôo maior...

PAI - Bom dia, maninho! Preparado para a crucificação?

PROFESSOR - De quem? (*Olha rindo para todos*). Isto não constava na programação que eu recebi...

(*GIULIETTA se deixa cair numa poltrona.*)

MÉDICO - Vocês não podem imaginar a sensação de completude que o passeio dá.

PROFESSOR (*para INTRUSA, sentando-se ao lado dela*) - Isso jamais acontece. Os pássaros evitam o envelope e ele também é muito resistente.

PAI - Ele entende tudo de balões.

MÉDICO - Já percebemos isso.

PROFESSOR - Escutem essa! O doutor queria beber um líquido de origem duvidosa e de cor estranha ao invés da minha (*cerrando os dentes*) champanhe!

GIULIETTA - Era o elixir do amor.

PAI - Mas e essas moças bonitas precisam disso? Como se não chamassem a atenção de ninguém ...*(Olha para INTRUSA com malícia.)*

INTRUSA *(levanta-se e coloca-se à frente de todos)* - E qual de nós duas é a mais bonita? Hein?

PAI *(achando graça)* - Ela quer nos colocar numa situação complicada. Meu irmão que sabe tudo pode começar respondendo.

PROFESSOR - Eu vou é trocar a roupa pra poder tomar café, isso sim. Já tive que ouvir muita tolice no balão bem cedo. Hasta la vista! *(Sai.)*

INTRUSA *(frustrada)* - Que cara mais grosso!

(Ouve-se baixinho o tango vindo do quarto do viúvo.)

PAI - Mais outra incomodação pruma sexta-feira santa pra lá de lotada.

MÉDICO *(fazendo menção com a cabeça para GIULIETTA)* - Ela.

(Todos ficam surpresos. MÉDICO sai.)

PAI - Bom, eu vou dar um jeito nesse imprevisto com o café. Aí eu mando ela chamar vocês duas. *(Sai.)*

(INTRUSA se ajoelha junto às pernas de GIULIETTA.)

INTRUSA - Conta tudo.

GIULIETTA - Contar o que? Tava lindo.

INTRUSA - Ai que bom, mana. Eu não tava mais aguentando te ver down daquele jeito. Esse cara eu senti firmeza.

GIULIETTA - Que cara?

INTRUSA - Ué, o médico! Tu não achou que eu tava falando do velho, né? Eu sei que os dois tão babando por ti, mas tu não tá numa pindaíba danada.

GIULIETTA - Hum?

INTRUSA - O cara tá louco por ti! Não perde tempo.

GIULIETTA - Pindaíba?

INTRUSA *(Vai até a borda da varanda e fita o horizonte.)* - Ah, uns probleminhas de grana. Nada sério.

GIULIETTA - Por que que escondeu de mim? Eu já cansei de te dar uma mão, não ia ser a primeira vez.

INTRUSA - Vamos trocar de assunto.

GIULIETTA - Tu já te meteu em muita confusão, eu espero que desta vez tu...

(Curta Pausa).

INTRUSA - Esquece.

GIULIETTA *(empertigando-se na poltrona)* - Eu te conheço. *(Desconfiada.)* Tu não vai aprontar nada por aqui...

(O volume do tango aumenta.)

INTRUSA - Eu? Imagina! Isso aqui é um carnaval de loucos, eu sou fichinha perto dessa gente! Eu quero é aproveitar tudo o que eu puder com essa gente riiiica. Comer e beber do melhor. E se bobear ...*(passa a língua nos lábios)*. Tá ouvindo essa música? Teu ex vive cantando ela! *(olha pra cima)* Vem de algum quarto.

(GIULIETTA cantarola o tango.)

(No caquizeiro. COMPOSITOR escorado contra o tronco de um pé de caqui. MENINO num dos galhos. K em outro observa o diálogo dos dois.)

COMPOSITOR - Não gosta de piano?

MENINO - Não é isso. Eu prefiro o violoncelo. Só isso.

K - O velho. Sempre ele.

COMPOSITOR - Por que não pediu pra trocar de instrumento?

MENINO *(segura-se com as mãos no galho e fica se balançando)* - Ah, eu dou um jeito nisso lá na Suíça. Tu conhece a Suíça?

COMPOSITOR - Uhum. Um país bem legal. Tu não vai cair daí, guri?

MENINO *(achando graça)* - Claro que não. Tu nunca teve filho pelo jeito né?

COMPOSITOR - Não, por que?

MENINO - Se preocupa demais. A gente sabe se virar. *(Pula e cai na grama.)*

(COMPOSITOR corre pra perto de MENINO.)

MENINO - Eu tô bem.

COMPOSITOR - Eu me preocupo contigo.

MENINO - Mas por que?

(MÉDICO se aproxima.)

COMPOSITOR - Aconteceu alguma coisa?

MÉDICO (rindo consigo mesmo) - Várias.

MENINO - Ele tá meio nervoso, sei lá.

MÉDICO - Já tão tomando café e tão te chamando. E se tu não for...

MENINO - Tá, eu sei. Mas só falta um dia pra eu tá livre. (Sai dando pulos.)

(Curta pausa.)

MÉDICO - Tu te deu bem com o guri, não foi?

COMPOSITOR - Cruzamento de interesses em comum.

(MÉDICO ri.)

COMPOSITOR - Que foi?

MÉDICO - Eu preciso aproveitar e te falar daquele assunto que eu comecei ontem. En passant. O tempo tá correndo e de repente tu já foi embora de novo.

COMPOSITOR - En passant. De novo. Então vai, desembucha.

(MÉDICO hesita em falar.)

COMPOSITOR - É sobre a Giulietta? Olha, a gente já não...

MÉDICO - Nosso amigo asmático teve uma ideia brilhante, pra variar um pouco, e quer a nossa ajuda. A tua.

COMPOSITOR - Ajuda.

MÉDICO - Ele não se dá com o pai.

COMPOSITOR - Todo mundo sabe.

MÉDICO - Ele quer destruir o pai.

COMPOSITOR - Faz bem.

MÉDICO - De que jeito?

COMPOSITOR - Não sei.

MÉDICO - Pensa.

COMPOSITOR - Fala logo.

MÉDICO - O que que é a coisa mais importante pro velho?

COMPOSITOR - A música?

MÉDICO (*sacode COMPOSITOR pelos braços*) - Para! Depois desses anos todos tu ainda vai ficar fazendo de conta que nada aconteceu? Eu não posso acreditar que tu é uma réplica do velho.

COMPOSITOR - Eu não preciso disso.

MÉDICO - Precisa sim! Tua vida é uma merda, alguém tem que te dizer isso com todas as letras. Tu largou ela aqui nesse fim-de-mundo e ela definhou até morrer. E tu fugiu daqui por treze anos pra voltar desse jeito?

COMPOSITOR - Agora eu acho que tu tá indo um pouco longe demais no papel do bom conselheiro.

MÉDICO - Se tu não quer que um amigo te ajude a perceber que ainda dá tempo, ou melhor, sempre é tempo de dar a volta por cima e apagar o giz da lousa, eu é que não vou perder tempo com isso. (*Larga COMPOSITOR com força meio que empurrando ele*). Ele quer forjar um exame de DNA pra tirar o guri do velho, já que o pai não tem mais condições de mais nada.

(*Curta pausa.*)

COMPOSITOR - E alguém já contou isso pra ele? Ele é o pai da criança.

MÉDICO - Ele não tem mais sanidade mental.

COMPOSITOR - *Ele é o pai.*

MÉDICO - Não, ele não é o pai.

(*COMPOSITOR fica atônito.*)

MÉDICO - Eu já sei disso há muito tempo. Posso parecer o bufão de toda essa história, mas nesse caso o dramaturgo se enganou. Sempre

desconfiei. Já fiz um exame há tempos atrás, sem que ninguém soubesse, pra me precaver, caso alguma coisa acontecesse.

COMPOSITOR - Então o DNA...

MÉDICO - Pra todos os efeitos, eu vou forjar um exame com um pai falso, apenas pra tirar a guarda da família. Ele vai saber que não é mais o pai, mas vai achar que o verdadeiro pai é alguém que na verdade não é o pai de verdade.

COMPOSITOR - Tô tonto. Ele não é o pai?

MÉDICO - Isso agora não importa. Não, não é.

COMPOSITOR - Como que não importa? Esse...plano, vai acabar com ele de vez. (*Inseguro, com medo da resposta.*) E se sabe quem é o verdadeiro...

MÉDICO - É uma questão de escolher a quem ajudar e a quem prejudicar.

COMPOSITOR - Eu não quero prejudicar ninguém...ela teve alguém antes dele então?

MÉDICO - Prejudicar tu já prejudicou. Agora só iria consertar.

COMPOSITOR - Consertar...

MÉDICO - Ele tá morrendo. Dá essa alegria pra ele. Ou então o velho vai se dar bem mais uma vez.

COMPOSITOR - Me diz, ela teve mais alguém depois de mim? Não? Não, me diz que isso não é verdade.

MÉDICO - Quando tiver decidido o que fazer, me diz. (*Sai*)

COMPOSITOR (*segurando no braço de MÉDICO*) - Não, não vai. Espera. Por que nunca me contou? E agora?

SEXTA PARTE

RECITATIVO

(*Quarto do VIÚVO. VIÚVO deitado em cima das almofadas, olha com os olhos esbugalhados para o mesmo filme em super-8 na tela da sua cena anterior. Do seu lado, uma quantidade de cocaína sobre um espelho. Ao longo da projeção, ele vai tirando o som do filme e preenchendo os espaços mudos com a sua própria voz, enquanto cheira o pó branco.*)

VIÚVO - Mal, hoje é sexta-feira santa...

K (*envergonhada*) -..., tá frio, dá pra ver a neblina espalhada pelo gramado, filma ali, ...

VIÚVO (*com raiva*) - ...aqui ó, ...

K - ...em volta do caquizeiro (*a câmera foca a neblina em volta do caquizeiro*), deu, agora volta pra mim...

(*VIÚVO gargalha enquanto a câmera procura K em vão.*)

K -... pra mim, eu aqui (*a câmera filma K*) ...

VIÚVO (*berrando*) - ...bobo!...

K -..., hoje é o dia em que Jesus Cristo é crucificado pelos homens, mas (*coloca as flores na frente do rosto*) ...

VIÚVO (*falando ao mesmo tempo que K com exagerado deboche*) - ...apesar da tristeza e do luto...

K -... (*tira as flores da frente do rosto*) é um dia de alegria porque a morte é também um sacrifício... (*num tom mais natural*) e eu achei que nós nunca mais íamos passar uma páscoa juntos...

VIÚVO (*falando ao mesmo tempo em que K*) - ...o meu corpo um caralho sua puta, vadia, desgraçada, por que fazer isso, por que nunca ter dito essas coisas pra mim, fala!

K -... o meu corpo perto do teu o calor do teu rosto me esquentando e o fogo e a lenha e a água quente da térmica a distância que só existe na nossa cabeça o longe e o perto...

K -... quantas saudades de lágrimas por ti...

(*VIÚVO observa a tela branca e joga o espelho para cima dela, espalhando o pó branco pelo quarto. Silêncio.*)

(*Na sala de jantar, com grandes janelas que dão para o jardim. A neblina já se foi, o sol brilha com grande intensidade, encharcando o ambiente de luz. Por volta do meio-dia e meio. O almoço da sexta-feira santa, a última vez em que os que moram na casa e os que a visitam estão reunidos juntos.*)

DANÇARINO - Ônibus.

PAI - O melhor da festa.

MENINO - Lá longe.

K - Meu anjo, neste instante...

VIÚVO - Ardência nos olhos.

GIULIETTA - Soñar y nada más...

EMPREGADA - Cristo vai descendo ao Hades.

COMPOSITOR - Alguém podia fechar a janela?

MORIBUNDO - Falta pouco.

PROFESSOR - Figura patética na cabeceira da mesa.

INTRUSA - É um sacrifício, eu sei.

MÉDICO - Os canais do corpo expelindo esperma e ar.

DANÇARINO - Eu sou o número treze então?

INTRUSA - Delícia.

PROFESSOR - Abusado.

EMPREGADA - Tá bem protegido. Do mal e do pecado.

GIULIETTA - ...con mundos de ilusión...

(VIÚVO dá uma fungada.)

MORIBUNDO - Padeceu sob Pôncio Pilatos.

MÉDICO *(pleno de alegria)* - La Bohémienne Endormi, du Douanier Rousseau.

PAI - Feito de ébano e marfim.

K - Aguardando o destino.

COMPOSITOR - Rebobina.

MENINO - Como se fosse um avatar resplandecente de Vishnu.

EMPREGADA - Adoramos tua Paixão, ó Cristo.

(INTRUSA dá uma gargalhada escandalosa.)

COMPOSITOR - Calvário que não termina.

MORIBUNDO - Me dá tua mão.

GIULIETTA - Olha pra mim.

PROFESSOR (*animado*) - Isto dá quase cinco hectares.

DANÇARINO - Estraçalharam conosco.

PAI - Uma grande páscoa de verdade.

VIÚVO - É um dia de alegria, ela disse.

K - Já pintei os ovos. De púrpura.

MÉDICO - A fruta alcança a forma ideal para ser apreciada quando a pele, translúcida, começa a ganhar manchas amarronzadas, a textura se torna mole e a fragilidade evidente.

MENINO - Meu pai e minha mãe.

DANÇARINO - Uma nau de loucos.

PROFESSOR - Já dizia o poeta.

PAI - Sem ter onde cair morto.

EMPREGADA - Senhor das trevas.

INTRUSA - No meio das minhas pernas.

GIULIETTA - Quem me deu o elixir, sonhar y nada más...

MÉDICO (*sem muita certeza*) - Acho que fui eu.

COMPOSITOR - Daria pra alguém abrir a janela? Eu tô sufocando!

MORIBUNDO - Quanta euforia pra nada.

K - A gente provavelmente logo logo vai se encontrar.

VIÚVO - O fracasso é uma coisa lancinante.

MENINO - Principal estilo de época do século XVIII europeu, o rococó se desenvolve como uma sutílização à complexidade formal e aos excessos do barroco...

(INTRUSA avança para cima de PAI e os dois começam a se beijar de uma forma quase pornográfica. Todos os outros observam os dois por um instante e se voltam para a explicação do MENINO.)

MENINO - ..., apelando para a leveza, graça e para os coloridos suaves. O termo tem origem na palavra francesa rocalha...

PROFESSOR - Rocaille - tipo comum de decoração de jardins do século XVIII, com conchas e rochas.

MENINO - ...que se populariza por analogia ao termo italiano barocco. Os alemães...

(PAI se desvencilha de INTRUSA e vai até o busto de Beethoven sobre o piano, abraçando-o e olhando para o MENINO sorridente.)

MENINO - ...se antecipam ao empregar o termo em sua acepção moderna de estilo artístico... *(perdendo a paciência)* sentido pejorativo...Fiske Kimb...The Creation ... *(olha para todos)* cansei, vou terminar a minha mala. *(Sai subindo as escadas.)*

(PAI se senta ao piano abrindo a tampa do teclado e tirando a proteção de feltro.)

MÉDICO - ...A partir de então, o rococó deixa de ser visto como uma variante do barroco, passando a ser considerado um estilo autônomo, irreduzível ao barroco e ao clássico.

PAI - Ele é um gênio. Um gênio. *(Começa a tocar no piano o primeiro movimento da sonata para piano número trinta de Beethoven).*

DANÇARINO *(fazendo movimentos de dança circulares em torno da mesa da sala de jantar.)* - Estilo Regência. Festas Galantes.

(DANÇARINO pega na mão de PROFESSOR e o leva consigo. PROFESSOR pega na mão de INTRUSA. Quando passam pela sala em direção ao jardim, INTRUSA pega na mão do PAI. Os quatro saem jardim afora.)

MÉDICO - A vivacidade e elegância frívolas da aristocracia latifundiária.

COMPOSITOR - A dor e o sofrimento do resto da humanidade.

EMPREGADA *(recolhendo alguns pratos e indo para a cozinha)* - Adoramos tua Paixão, ó Cristo.

K - Festas Galantes. Amores que não se dissolvem com o vento.

GIULIETTA - Con un querer arrobador.

(VIÚVO sai de sopetão derrubando a sua cadeira e correndo em direção às escadas.)

MORIBUNDO *(olhando alternadamente para COMPOSITOR e MÉDICO)* - Aceito, então?

(*MÉDICO visivelmente inquieto. COMPOSITOR joga a cabeça por sobre os braços na mesa. Silêncio constrangedor. EMPREGADA volta e recolhe mais pratos.*)

GIULIETTA - Isto aqui não tem nada de galante. Eu vou pegar um ar. Ver onde aquela turba enlouquecida foi parar.

EMPREGADA (*com pratos na mão, indo para a cozinha*) - Adoramos tua Paixão, ó Cristo.

(*GIULIETTA sai para o jardim.*)

MÉDICO - A gente pode deixar isso prum lugar mais privado?

MORIBUNDO - É só dizer sim ou não. Qual o mistério?

COMPOSITOR (*olhando para MÉDICO*) - Não vai continuar com a tortura? É pra isso que vocês estudam tanto tempo, não é?

MÉDICO - A cena já terminou. Eles tão lá fora.

MORIBUNDO (*para COMPOSITOR*) - Topou?

MÉDICO - Ele tá confuso.

MORIBUNDO - Com o que?

COMPOSITOR - Isso é o de menos.

MORIBUNDO - Acabar com o filho da puta é o de menos? É o de mais. É demais! Não me abandona mais uma vez. Não nos abandona.

COMPOSITOR - Vocês tão de conluio. Tô com dor de cabeça.

MÉDICO - Aguenta no osso.

COMPOSITOR - Eu não preciso de sermão.

MORIBUNDO (*sem entender a reação de COMPOSITOR*) - Mas afinal, o que que... (*começa com uma crise de tosse.*)

(*MÉDICO acode MORIBUNDO. COMPOSITOR e MÉDICO se olham.*)

MORIBUNDO - Tá. A gente vê isso de tarde. Eu queria mesmo dar uma volta com vocês quatro. Lá no meio dos caquis, como se fosse há mais de vinte anos atrás, todos nem aí com o tempo, com a vida. Se o demente desse bailarino galante me deixar falar porque ele parece ter tomado *algumas coisas* antes de vir pra cá.

MÉDICO - E ainda chega no meio da confusão.

MORIBUNDO - O que que deu nele? Ele não topou? Não me diz isso.

MÉDICO - Os fantasmas do passado não aparecem só pra ti.

MORIBUNDO - (olha para K). Quero me despedir deles antes de ter que morrer.

(K faz menção para que MORIBUNDO suba para o seu quarto. MORIBUNDO sai em direção às escadas amparado por MÉDICO. COMPOSITOR esvazia um cálice de vinho. EMPREGADA entra e olha para COMPOSITOR.)

EMPREGADA - Adoramos tua Paixão, ó Cristo. (Muito lentamente.) Mostranos, pois, a tua ressurreição gloriosa. (Recolhe alguns copos e sai para a cozinha.)

(COMPOSITOR esconde o rosto com as mãos e chora. K se aproxima de COMPOSITOR e alisa o seu cabelo.)

TERCETO

(Sexta-feira santa, entre o calor do meio da tarde e o alívio trazido pelo crepúsculo. Em meio ao caquizeiro carregado de frutas. Quase uma cena saída de um quadro impressionista. Uma toalha de piquenique estendida no chão. COMPOSITOR sentado em cima de um galho numa das árvores. MÉDICO sentado sobre a toalha, com as costas contra o tronco da mesma árvore. MORIBUNDO deitado sobre a toalha, de lado, com a cabeça apoiada na mão, mais alta do que o resto do corpo. VIÚVO mastiga um caqui, na borda da toalha, de costas para o grupo, olhando para o longe. DANÇARINO movimentando-se das árvores até o grupo enquanto fala.)

DANÇARINO - E então fomos praticamente condenados à morte. A nossa ideia era fazer algo novo, com uma pegada contemporânea, liberar Beethoven dessa poeira milenar, desse approach careta e pesado. Usamos muito vermelho, muito roxo, a luz era incrível. Só que...

COMPOSITOR (com deboche) -...o público não tá preparado pra isso.

MORIBUNDO (para MÉDICO) - Eu não te disse?

DANÇARINO (senta-se ao lado de MORIBUNDO) - Ai, desculpa. Eu tô meio agitado, eu sei. Acontece que eu me joguei inteiro nessa proposta, juntamos na equipe só gente de primeira...

(MORIBUNDO aplaude COMPOSITOR.)

DANÇARINO (dando um tapa em MORIBUNDO) - ...bobo!

MORIBUNDO - Au! Eu tô morrendo, não te contaram?

DANÇARINO (*subitamente preocupado, para MÉDICO*) - Sério? Ai, gente. Foi pra isso que tu nos reuniu, depois de oito anos que a gente não ficava junto assim?

(*MÉDICO desmente com a cabeça como se fosse um exagero de MORIBUNDO.*)

VIÚVO - Treze. Quando meu filho nasceu.

DANÇARINO - Tudo isso?

VIÚVO (*pensativo*) - Filho...

(*MÉDICO e COMPOSITOR se olham.*)

VIÚVO - Lembram de quando a gente estudava tudo junto?

(*Pequena pausa tomada de melancolia repentina.*)

VIÚVO - Aquele era um tempo bom. Ninguém contava o tempo. Tudo era despreocupado e livre.

DANÇARINO (*sentando-se perto de VIÚVO, nas costas dele*) - E tu sempre foi um cara apaixonado pela vida. E lindo.

MORIBUNDO - E tu sempre quis dar pra ele.

DANÇARINO - Idiota. Tu sabe de quem que eu gostava.

MÉDICO - Eu não pegava ninguém. Até hoj... (*Fica sem jeito.*)

DANÇARINO (*para MORIBUNDO*) - E tu, gostava de quem? (*Malicioso*). Nunca te vi com ninguém. Sempre desconfiei...

VIÚVO - Ele gostava dela. Eu gostava dela. Todos gostávamos dela. Mas ela não tá mais aqui com a gente. Só resta carregar a cruz.

COMPOSITOR (*para VIÚVO*) - E ela gostava de ti.

VIÚVO (*levantando-se e caminhando por entre os pés de caqui próximos a eles. Cantarola*) - No despiertes si sueñas amores...

MORIBUNDO - Pois eu não tenho nem condições de saber o que que significa ser massacrado pela crítica, porque me enterraram vivo nesse lugar. (*Levantando-se com certa dificuldade, tossindo um pouco.*) Eu só entendo de caquis. (*Andando indo de um por um.*) O caquizeiro é uma planta de porte arbóreo e folhas caducas, que apresenta lento desenvolvimento inicial, mas é efetivamente perene, com longevidade de

várias dezenas de anos. *(Para si mesmo.)* Várias dezenas de anos...eu quero dizer pra vocês que eu vou morrer.

DANÇARINO *(comendo um caqui)* - Todos nós, querido.

MÉDICO - Só pra dar uma outra versão, *(olha para COMPOSITOR)* e eu já tô me especializando em ser o estraga-prazeres que diz aquilo que ninguém quer ouvir, *(para todos)* existe a necessidade de fatores biológicos e psicológicos para o desenvolvimento da asma brônquica.

MORIBUNDO *(indo em direção ao MÉDICO)* - E tu precisa de algum fator psicológico mais danoso do que... *(tropeça e cai)*.

(DANÇARINO acode MORIBUNDO. MORIBUNDO se desvencilha de DANÇARINO.)

VIÚVO *(olhando para COMPOSITOR)* - ...niña hermosa, que amar es soñar...

COMPOSITOR *(para VIÚVO)* - Era sempre pra cima de mim que tu vinha quando a gente fazia lutinha, lembra?

DANÇARINO - Bem coisa de bofe mesmo.

MORIBUNDO - Alguém prestou atenção no que eu disse, ou tá minimamente interessado? Bom, de repente seja melhor assim mesmo. Que a gente faça de conta que nada vai acontecer e assim eu desapareço feito um...

DANÇARINO *(fazendo movimentos com os braços)* - Uma borboleta luminosa!

MÉDICO - E o que que essas borboletas conseguiram na vida? Vocês nunca ficam pensando nisso?

VIÚVO - Nós três ficamos grudados nesse lugar, sem conseguir sair. No meio dos caquis, dos morcegos e dos cavalos.

(Ouve-se o som de um cavalo que passa por eles cavalgando. Eles se entreolham.)

DANÇARINO *(agarrando MÉDICO)* - Ai, meu Deus, o que que foi isso?

MORIBUNDO - É ela.

MÉDICO - A gente que ficou aqui tá acostumado com isso. Vocês que foram embora, não.

COMPOSITOR - Será mesmo?

MÉDICO - Não é o que parece.

DANÇARINO - Ela, quem, gente? Alguma égua fantasma?

VIÚVO - Isso mesmo. Uma égua.

MORIBUNDO - Tem pó? Eu preciso dum estimulozinho nessa minha patética despedida. (*Achando graça.*) Não podia esperar nada de diferente juntando vocês quatro...

VIÚVO - Só na casa. Mas eu trouxe baseado. (*Pega o papel e a erva de dentro do bolso.*)

MÉDICO - Não precisa nem anunciar a tua morte desse jeito.

DANÇARINO - Hum! (*Batendo palminha.*) Cannabis!

COMPOSITOR - Seja quem for, é um espírito do bem. A maconha afasta os maus.

VIÚVO (*enrolando o cigarro de maconha*) - Boa.

MÉDICO - No fundo, nenhum de nós vingou. Curioso, né?

DANÇARINO - Eu não acho. Eu fui morar numa cidade grande e aos trancos e barrancos tento sobreviver com a minha arte.

VIÚVO (*acendendo o cigarro*) - E não tem ninguém.

DANÇARINO - E nem tu.

(*Mal-estar generalizado.*)

DANÇARINO (*segurando no braço de VIÚVO*) - Ai, desculpa.

VIÚVO (*tragando do cigarro*) - Tô acostumado. Faz cinco anos que ela morreu. (*Entrega para MORIBUNDO.*)

COMPOSITOR - E algum de nós tem alguém?

MORIBUNDO - Eu tenho a minha irmã. (*Traga o cigarro.*)

DANÇARINO (*para VIÚVO*) - Tu tá suando, deixa eu secar o teu rosto.

VIÚVO - Eu não tenho mulher, eu não tenho filho.

(*MORIBUNDO devolve o cigarro para VIÚVO.*)

DANÇARINO (*passando um pano no rosto de VIÚVO*) - Como que não?

(*VIÚVO traga do cigarro e entrega para DANÇARINO.*)

MÉDICO (*de imediato*) - Ele tá indo estudar na Suíça. Embarca domingo bem cedo. Vão ficar separados, é isso que ele tá tentando dizer.

(*COMPOSITOR tenta se ajeitar no galho, o galho quebra e ele cai da árvore. MÉDICO se levanta. DANÇARINO vai até COMPOSITOR.*)

COMPOSITOR - Eu tô bem, eu tô bem. Foi só um susto.

VIÚVO (*procurando na grama*) - Porra, onde que tu deixou o beque?

DANÇARINO (*chorando*) - Tu tem razão. Eu também não tenho nada. Tudo uma ilusão mesmo. Pra que que a gente esperneia tanto, hein? Me explica.

MÉDICO - Se eu soubesse por que...

MORIBUNDO - Quanta lamúria. Sou eu que vou morrer gente, e não vocês.

DANÇARINO (*para MORIBUNDO*) - Me abraça?

VIÚVO (*encontrando o cigarro perto do COMPOSITOR*) - Tu quer?

COMPOSITOR - Acho que sim.

(*MORIBUNDO consola DANÇARINO como se montassem uma pietá sentados. VIÚVO reacende o cigarro e entrega para COMPOSITOR.*)

MORIBUNDO - Eu tô bem feliz de estar aqui com vocês. Isso soa piegas, mas eu sou um cara piegas. E foda-se o mundo. (*Para COMPOSITOR*). Eu não gosto de Beethoven.

(*COMPOSITOR dá de ombros e traga o cigarro.*)

MORIBUNDO - Eu odeio Beethoven!

(*MORIBUNDO e DANÇARINO gargalham juntos.*)

MORIBUNDO - Eu prefiro Humperdinck. (*Ri sozinho.*) Parece que a gente tá perdido no meio da floresta, os morcegos já comeram todos os miolinhos de pão que a gente foi largando pelo caminho.

MÉDICO - Tu não é piegas. Tu é rococó. E no fundo eu também sou.

DANÇARINO - Todos nós. Que momento de despojamento, hein? (*Encolhe-se mais ainda com a cabeça no colo de MORIBUNDO.*) De quem é a vez agora?

(*COMPOSITOR devolve o cigarro para VIÚVO.*)

VIÚVO (*examina o cigarro*) - Apagou. O menino não é meu filho.

DANÇARINO (*senta-se assustado*) - Eu não tava querendo dizer a vez de se despojar, eu só queria saber onde que tava o cigarro...

VIÚVO - Eu sempre desconfiei disso. Agora eu tenho certeza.

COMPOSITOR (*com ímpeto*) - E quem é o pai?

(*VIÚVO traga o cigarro olhando para COMPOSITOR.*)

MORIBUNDO - Uma das minhas partes preferidas é quando eles tão dormindo no meio da floresta e aparecem os quatorze anjos pra proteger eles.

MÉDICO - Esse monte de droga tá fazendo mal pra todos vocês, quase um delirium tremens.

(*VIÚVO reacende o cigarro.*)

MORIBUNDO (*cantarola*) - Reibrei, Reibrei, herrlicher Brei!

(*VIÚVO entrega o cigarro para COMPOSITOR. COMPOSITOR recusa.*)

MÉDICO - Vamo pra casa, Hänsel?

(*MORIBUNDO corre e sobe na mesma árvore em que o COMPOSITOR estava.*)

MORIBUNDO - Ninguém vai conseguir matar a minha joie de vivre, não vai mesmo, nem tu nem aquele maestro caduco. Ainda mais agora!

DANÇARINO - Por que tu tá em cima da árvore?

VIÚVO (*mostrando o cigarro pro DANÇARINO*) - Quer?

MORIBUNDO - Não. Por que ele vai perder aquilo que ele levou aaaanos pra ganhar. (*Cantarolando.*) *Tralala-lalala-lalalalala!*

(*DANÇARINO pega o cigarro do VIÚVO.*)

MÉDICO - Vem, desce.

VIÚVO - Que seria?

DANÇARINO (*tragando o cigarro e demorando para soltar a fumaça*) - O menino!

MÉDICO e COMPOSITOR - Como que tu sabe?

VIÚVO (*para COMPOSITOR*) - Algum filho da puta interessado em tango.

(*COMPOSITOR se vira para VIÚVO.*)

DANÇARINO - Ué, ele não é louco pelo menino? Qualquer um percebe isso. Até quem chega no meio do feriado e só participa de uma cena dessa parafernália familiar. (*Devolve o cigarro pro VIÚVO.*)

(*MORIBUNDO tem um acesso de tosse.*)

MÉDICO (*indo para perto de MORIBUNDO*) - Chega de palhaçada. (*Puxa MORIBUNDO para baixo com cautela.*)

MORIBUNDO (*descendo da árvore*) - Palhaçada! Olha só quem fala! O bufão da história! (*Gargalha tossindo ao mesmo tempo.*)

COMPOSITOR - Então vai ser difícil descobrir, o tango é um estilo muito popular por essas bandas. Pode ser qualquer um.

VIÚVO (*amassando o restinho do beque na terra com firmeza*) - Acabou.

MÉDICO - Se o pai e o tio ainda quiserem aproveitar o tempo que resta com o filho e o sobrinho, se apressem.

VIÚVO - Despertar es quebrar ilusiones y hallar, entre sombras, la amarga verdad. (*Sai.*)

(*MORIBUNDO sai amparado por DANÇARINO e MÉDICO. COMPOSITOR recolhe a toalha e os apetrechos do piquenique. K aparece sob uma égua ao fundo. COMPOSITOR percebe a presença dela.*)

K - No despiertes si vives soñando y en tu mente hay torrentes de sol; si en tus sueños se encienden suspiros que te cercan y acallan tu voz.

COMPOSITOR - Soñar y nada más, con noches de quietud, que, misteriosas, van, cantando amor y beatitud. Volar a las estrellas de divinos resplendores y, en esa eternidad, vivir un ideal... Soñar y nada más!...

CORO

(*O silêncio e a paz maravilhosa do grande sábado. Na cozinha. EMPREGADA sentada junto à mesa com aspecto cansado. Ela vai lentamente jogando folhas de louro no chão da cozinha.*)

EMPREGADA - Felizes aqueles que são irreprováveis em seus caminhos, aqueles que seguem na lei do senhor.

(*JARDINEIRO entra pela porta do jardim com algumas rosas. Ele sorri para ela. Ela olha para ele sem muita reação.*)

EMPREGADA - Eu gosto muito da palavra obediência. Do que ela quer dizer e mais ainda do som. Obediêência.

(*JARDINEIRO grunhe.*)

EMPREGADA - Eu sei que são palavras diferentes, ah, como eu entendo bem disso. E eu espero que assim como eu tu continue a entender também e prefira a obediência ao invés do amor. Ele raramente é retribuído.

(JARDINEIRO entrega uma rosa esquelética para EMPREGADA. EMPREGADA deixa escapar um pequeno sorriso de gratidão.)

EMPREGADA - O clima é de funeral, mas a vitória germina de dentro mesmo da derrota.

(JARDINEIRO grunhe e arranca as pétalas das rosas jogando pelo chão por cima dos louros.)

EMPREGADA - Esta é a nossa forma equivocada de amor. Olha pro chão. O louro e a rosa juntos desejando a morte que precisa ser aceita. A deles e a nossa.

(JARDINEIRO grunhe.)

EMPREGADA - Sim, esse dia vai ser longo, mas nós precisamos viver ele com toda a intensidade, com toda a modorra e imprecisão que o sábado de aleluia traz.

(JARDINEIRO para de jogar as pétalas e olha para EMPREGADA grunhindo.)

EMPREGADA - ...aleluia! Que deus se levante e que seus inimigos se dispersem. *(Levanta-se e vai até a pia.)* Os apóstolos estão todos dispersos e derrotados, mas os portadores de aromas vão executar o derradeiro ato de amor.

(MÉDICO entra. JARDINEIRO grunhe. EMPREGADA se vira e vê MÉDICO.)

MÉDICO - Eu vim aqui pra dizer que...

EMPREGADA - Obrigada.

MÉDICO - Quem te falou?

EMPREGADA - A tua devoção inabalável vai ser recompensada.

(MÉDICO fica estupefato.)

EMPREGADA - E além disso tu amainou os ventos e os morcegos. Eles vão soprar e voar com menos fúria.

(JARDINEIRO grunhe.)

EMPREGADA - Deixa ele em paz.

MÉDICO - O que que ele falou? O que que tinha naquela garrafa?

EMPREGADA - Uma recompensa pela tua generosidade constante.

MÉDICO - Ela tomou.

(JARDINEIRO grunhe rindo.)

EMPREGADA - Ele se diverte com o que não diz respeito a ele. Deixa ele ter estes pequenos momentos de alegria. Hoje é um dia de esperança.

MÉDICO - Então sou eu que tenho que te agradecer.

EMPREGADA - Eu me alegrei nas veredas do teu testemunho...

MÉDICO *(agachando-se e pegando um punhado de folhas de louro misturados com pétalas de rosa)* - Despertei de uma longa hibernação.

EMPREGADA - ...como se possuísse todos os tesouros.

MÉDICO *(pondo-se de pé)* - Feito as crianças que a bruxa enfeitiçou na ópera preferida do teu amigo lá em cima.

(JARDINEIRO grunhe rindo.)

MÉDICO - Ele tá animado hoje. Tão aprontando o que desta vez?

EMPREGADA - Ele disse que a bruxa sou eu e que tu nem desconfia disso.

(JARDINEIRO grunhe.)

MÉDICO - Traduz.

EMPREGADA - Ele tá te contando o que que a gente tá aprontando.

MÉDICO - Mas eu não consigo entender.

(EMPREGADA faz uma cara satisfeita. JARDINEIRO tira a arma da gaveta do armário e começa a limpá-la com um pano. MÉDICO observa preocupado. EMPREGADA puxa uma cadeira para MÉDICO sentar. EMPREGADA senta em outra cadeira. MÉDICO olha para JARDINEIRO e se senta. JARDINEIRO se apoia com as costas no armário e de pé escuta os dois.)

EMPREGADA *(dolorosamente)* - Há muito tempo atrás, uma mulher, jovem, com planos e o cabelo ainda comprido, aprendeu a maldade do mundo. Ela tentou dominar o medo e cultivar o pecado dentro dela.

(JARDINEIRO solta a arma na mesa e pega na mão de EMPREGADA.)

EMPREGADA - Essa mulher tentou refrear o ódio, porque o pecado tinha se transformado numa virtude, mas o príncipe das trevas habita este mundo e eu não fui poupada.

(*JARDINEIRO analisa a arma nas suas mãos.*)

EMPREGADA - Tu escuta o silêncio?

(*MÉDICO olha para os outros dois sem entender. EMPREGADA acende uma vela sobre a mesa. Ela pega nas mãos de MÉDICO e murmura algumas palavras.*)

EMPREGADA - Ó que alegria esta! Ó grande êxtase pelo qual tu inundaste os mortos detidos no inferno, fazendo luzir o lume em suas profundezas sombrias!

MÉDICO (*como se estivesse hipnotizado*) - Eu preciso contar que...

EMPREGADA - Não precisa nada. Deixa que o grande sábado dê conta disso.

(*INTRUSA entra na cozinha. JARDINEIRO rapidamente esconde a arma. EMPREGADA solta as mãos de MÉDICO, pega uma vassoura e varre o chão.*)

INTRUSA - Noooooossa! O que que tava acontecendo aqui? Já tinham me falado que o feitiço rolava solto, mas desse jeito? (*Agacha-se para pegar uma pétala de rosas. EMPREGADA impede com a vassoura. INTRUSA fica de pé.*) Tá bom. Não vou roubar nada do que é teu.

(*INTRUSA olha pra JARDINEIRO. JARDINEIRO sai para o jardim com a arma no bolso da calça.*)

INTRUSA (*para MÉDICO*) - Pessoal bem estranho esse. Dá até um certo medo. (*Debochada.*) Minha irmã disse que rolou até uma tal poção mágica por aí.

EMPREGADA - O elixir do amor?

(*MÉDICO olha para EMPREGADA. EMPREGADA larga a vassoura.*)

EMPREGADA - Tá precisando de alguma coisa?

INTRUSA - Eu tô dando uma olhada na casa...

EMPREGADA - Aqui não deve ter nada que lhe interesse.

INTRUSA - Acho que tem sim.

(*MÉDICO se levanta.*)

MÉDICO - Eu vou lá em cima ver como que vão as coisas.

INTRUSA (*maliciosa*) - Ela não dormiu mais com ele...

(*MÉDICO olha para EMPREGADA e sai.*)

EMPREGADA (*virando-se e apoiando o corpo na pia*) - Desembucha. Tenho mais o que fazer.

INTRUSA - Direta, hein?

(*EMPREGADA encara INTRUSA com severidade.*)

INTRUSA - O cara tem muita grana, não tem?

EMPREGADA - Muita. E tem um cofre no quarto.

INTRUSA - Um cofre.

EMPREGADA - A chave fica na gaveta da mesa de cabeceira dele.

INTRUSA - Nossa. Simpatizou comigo assim de uma hora pra outra?

EMPREGADA - A gaveta fica sempre aberta. Aqui ninguém precisa do dinheiro dele.

INTRUSA - Como tem gente que se dá bem na vida, né? Olha que injusto. Enquanto que tu te esborracha aí na pia e no tanque, ele tem tudo de tudo. E parece ter uma saúde...

EMPREGADA - De ferro. (*Vira-se pra pia e lava louça.*) Isso sim é muito injusto.

INTRUSA (*cautelosa*) - E eu podia pedir pra ti preparar pra mim uma beb...

EMPREGADA - Não vai precisar. O velho tá no seco há horas.

INTRUSA (*surpresa*) - Como que você sabe?

EMPREGADA (*vira-se para INTRUSA*) - Tu desceste sobre a terra para salvar Adão...

(*INTRUSA se levanta e começa a sair da cozinha assustada caminhando para trás e se apoiando nos móveis e parede.*)

EMPREGADA - ...e não o encontrando, ó Mestre, ...

(*INTRUSA sai.*)

EMPREGADA - ...tu foste procurar até no inferno. (*Gargalha de forma luciférica.*)

(*Na grande sala. MENINO ao piano. K deitada em cima do piano. COMPOSITOR sentado numa das poltronas observando o MENINO tocar.*)

MENINO inicia o segundo movimento da Sonata para piano número oito de Beethoven.)

MENINO *(para de tocar no final do terceiro compasso do segundo movimento da Sonata, virando-se para COMPOSITOR)* - Que vontade que essa gente tem de andar de balão! Eu não acho a menor graça.

COMPOSITOR - E do Oratório, tu gosta?

MENINO - Na verdade eu prefiro as composições dele que não têm voz.

COMPOSITOR *(achando graça)* - Mesmo? E por quê?

(Ouve-se um farfalhar de asas. Os dois procuram pela origem do som. COMPOSITOR vai até a janela e olha para fora.)

K - Tão teu quanto meu, tão meu quanto teu. Nosso. Assim como o sentimento que borbulha e transborda te fez voltar pra aquilo que nunca foi embora de ti, o amor jamais se perde porque o lugar dele pertence ao nosso interior e não a coisa alguma que fora dele se situe.

COMPOSITOR *(virando-se para MENINO)* - Os morcegos.

MENINO - Sempre que tem algum cantor junto não fica parecendo...

COMPOSITOR - Verdadeiro?

MENINO - ...sério.

COMPOSITOR *(indo para perto do MENINO)* - Sabia que esta é uma das obras mais criticadas dele exatamente por causa disso? Muitos dizem que ele se excede na dramaticidade das vozes. Ele escreveu o oratório em quatorze dias no período da quaresma e estreou num domingo de ramos.

MENINO - Sério?

COMPOSITOR - U-hum. A ideia do oratório serve pra ti.

MENINO - Pra mim?

COMPOSITOR - Ele fala da necessidade de tomarmos as nossas próprias decisões e arcarmos com elas.

(Novamente o som do morcego. MENINO e COMPOSITOR se encaram.)

K - Decisões são sempre provisórias tu resolveu voltar para descobrir o que sempre soube e a crueldade do tempo não vai ajudar a minimizar a dor da decisão tomada tarde demais mesmo que certa os morcegos dormem

nesse meio de tarde são as asas de vocês mesmos que a gente tá ouvindo bater de forma desesperada, de forma agitada, mas com ardor.

COMPOSITOR - Tu não tem medo?

MENINO - De morcego?

COMPOSITOR - Da viagem. Indo assim. Sozinho.

MENINO (*indo para a porta envidraçada e olhando para fora*) - Eu sempre fui meio sozinho mesmo. Não vai ser nenhuma novidade. (*Indo até o piano*). Minha mãe morreu eu tinha oito anos. (*Fecha a partitura*). E o meu pai...

K - Por que este sofrimento tão fundo em que fala mais alto a necessidade?

MENINO - ...tu conhece o meu pai.

COMPOSITOR - Conhece?

K - Conhece sim.

COMPOSITOR - Eu disse que conheço.

MENINO (*fechando a tampa do piano*) - Conhece mesmo?

COMPOSITOR (*confuso*) - Bom...eu acho que sim.

K - Será que o nosso amor consegue existir apenas com sacrifícios sem ter que exigir tudo o tempo todo?

COMPOSITOR - É. Acho que sim.

MENINO - Pelo jeito vocês não se viam há muito tempo né?

COMPOSITOR (*com culpa*) - Muito.

MENINO - Ele foi ficando cada vez pior. E eu cada vez mais sozinho. Meu tio me disse que vocês eram bem amigos. Todos vocês.

(*COMPOSITOR assente com a cabeça.*)

MENINO - Eu vou pro meu quarto.

COMPOSITOR (*enfático*) - Não, não vai.

(*MENINO fica sem entender o pedido de COMPOSITOR.*)

COMPOSITOR - Eu só quero te dizer que...

K - Tu consegues mudar isso, que eu não seja completamente tua e que tu não seja completamente meu?

COMPOSITOR - ...eu gosto muito do Oratório. E depois que eu cheguei aqui, falando dele e ouvindo ele mais vezes, parece que eu gosto mais ainda. Mais do que eu podia imaginar. Muito mais.

MENINO - Tá bom. É legal a gente saber do que que a gente gosta.

(GIULIETTA entra vinda das escadas.)

MENINO *(para COMPOSITOR)* - Viu, não sou só eu que não vê a mínima graça em andar de balão.

GIULIETTA - Preferi descansar. Muita gente junta.

MENINO - É verdade. Nunca tinha visto tanta gente reunida nesta casa.

GIULIETTA - É o espírito da páscoa.

MENINO - Que espírito é esse?

K - Até o momento em que eu possa mandar a minha alma abraçada por ti para o mundo dos espíritos.

COMPOSITOR - Ela não tá falando de um espírito específico, mas da atmosfera geral.

MENINO - Hum. Eu vou nessa. *(Sai.)*

GIULIETTA - O pior cego é aquele que não quer ver.

COMPOSITOR - Não exige demais duma criança de treze anos.

(GIULIETTA ri.)

COMPOSITOR - Que foi?

GIULIETTA - Nada.

COMPOSITOR - Alguma mágoa?

GIULIETTA - Ao contrário. Eu tenho que te agradecer.

COMPOSITOR - Então agora é a minha vez. Deus escreve certo por linhas tortas.

GIULIETTA - Imagina a brigaçada que deve tá dentro daquele balão. Minha irmã já tinha bebido algumas antes de eles saírem.

COMPOSITOR - Tu tá outra pessoa desde que a gente chegou.

GIULIETTA - Tu também.

COMPOSITOR - Mas eu digo pra melhor. Mais descontraída, mais leve.

GIULIETTA - Vai ver que o caqui tem uma propriedade que eu desconhecia.

COMPOSITOR - Tu e mais gente também.

GIULIETTA - Eu parei de chorar.

COMPOSITOR - Ele gostou muito de ti.

GIULIETTA - E de usar Beethoven pra me lamuriar.

COMPOSITOR - Bem ao contrário do mister-dança-contemporânea que quando viu o livro do testamento no sofá não parou mais de relembrar tintim por tintim cada uma das críticas. Agora quer me convencer a montar o Cristo no Monte das Oliveiras.

GIULIETTA - Críticas não irão faltar...

(Os dois riem juntos.)

COMPOSITOR - Pelo menos alguém vai terminar esta páscoa feliz.

GIULIETTA - Dois alguéns ... No despiertes si sueñas querereres, que sin duda soñar es vivir...

COMPOSITOR - Mientras tu alma vislumbre ternuras, verás, niña hermosa, que el mundo es feliz.

GIULIETTA E COMPOSITOR - Soñar y nada más, con mundos de ilusión...

(VIÚVO entra vindo das escadas de forma sub-reptícia sem ser percebido.)

GIULIETTA E COMPOSITOR -... Soñar y nada más, con un querer arrobador...;Soñar que tuyo es él y vive para ti!...

(COMPOSITOR percebe VIÚVO e para de cantar. GIULIETTA para de cantar e se vira para VIÚVO. VIÚVO encara COMPOSITOR. VIÚVO sai correndo para o jardim. COMPOSITOR tenta segurá-lo, mas não consegue, caindo por sobre o sofá. COMPOSITOR corre até a varanda. GIULIETTA corre atrás.)

GIULIETTA - Que que houve?

COMPOSITOR - Merda.

K - Meu eterno amado, às vezes feliz, às vezes triste, esperando pelo destino, pra ver se ele nos contempla.

(VIÚVO passa em disparada galopando uma égua. EMPREGADA entra pela porta da sala de jantar.)

EMPREGADA - Demorou pra acontecer.

COMPOSITOR - Não era pra ter sido assim.

EMPREGADA - Era pra ter sido como? As coisas são como elas devem ser. E depois o arrependimento não traz elas de volta. (Colocando a mão no ombro de GIULIETTA.) Querida, tu não faz parte disso. A tua felicidade já tá garantida e desse lugar ela não faz parte. Tu me deixa sozinha com ele?

GIULIETTA (sem jeito) - Claro.

EMPREGADA - Vai lá em cima ver se o menino ainda precisa de alguma ajuda pra fechar a mala. Faz uma semana que ele tá fazendo isso. Parece que tem alguma coisa que tá impedindo ele de ir embora. (Para COMPOSITOR, enfática e pausadamente). Mas ele tem que ir.

(GIULIETTA assente com a cabeça, olha pra COMPOSITOR e sai.)

EMPREGADA - Não foi o crápula que matou ela.

COMPOSITOR - Eu não preciso ouvir isso depois do que a gente acabou de ver.

EMPREGADA - Ele já desconfiava. Desconfiar é saber pela metade.

COMPOSITOR - Vai acabar voltando.

EMPREGADA - Dessa vez, não. Tá no elemento dele agora. Deixa ele em paz.

COMPOSITOR - Não posso, ele é meu amig...O menino vai ficar sem pai também?

(EMPREGADA encara COMPOSITOR).

COMPOSITOR (faz menção de ir para a escada) - Eu vou lá falar com ele.

EMPREGADA (segurando no braço de COMPOSITOR) - Ele não precisa saber de nada. Vai jantar, vai dormir, vai embarcar, como se estivesse entrando num sonho. Dum pai assim ele não precisa. Nunca precisou.

COMPOSITOR - E por que eu iria acreditar em ti? Que verdade é essa que odeia? Tu deve achar que eu não tenho nenhum sentimento, que tudo sempre foi muito fácil de decidir.

EMPREGADA - Acredita no que tu quiser. Não tenho como saber o que passa na cabeça dos outros. Ela sofreu muito.

COMPOSITOR - E eu não?

EMPREGADA - Não foi ela que te deixou.

COMPOSITOR - Para com essa tortura.

EMPREGADA - Tu não precisa de ninguém pra te torturar. (*Fazendo menção com o dedo esticado.*) Este lugar aqui já faz isso por mim. A lembrança viva desse lugar.

COMPOSITOR - Para... (*chora.*)

EMPREGADA - Ela te amava acima de todas as coisas.

COMPOSITOR - Não...

EMPREGADA - Cada um de nós precisa morrer um pouco hoje, como o Cristo. Eu. Tu. (*olha para K. olha para COMPOSITOR.*) E se tu for um pouco sábio, pra não repetir sempre o mesmo erro, escuta o que os galhos do caquizeiro tão te dizendo.

COMPOSITOR - Traz ela de volta.

EMPREGADA (*seca*) - Ó, que alegria esta!

COMPOSITOR - Diz pra mim onde que ela tá.

EMPREGADA - Ó grande êxtase pelo qual tu inundaste os mortos detidos no inferno, fazendo luzir o lume em suas profundezas sombrias!

COMPOSITOR - Não me deixa.

(*K abraça e conforta COMPOSITOR. EMPREGADA sai.*)

COMPOSITOR - Ah demônio infame! Não consigo encontrar...! Para onde ela foi? Para onde estás indo com a minha amada? Ficou invisível com os poderes de tua ira? Mas não continuará por muito tempo assim! Voou para os céus? Pregou-me uma mentira? Mas seu coração arde de amor por mim! Não pode voltar para os que a amaldiçoaram, mas também não pode ficar aqui comigo. Que destino, que sorte é essa que lhe legaram? Deixar de procurá-la não consigo!

SÉTIMA PARTE

CORO FINAL

(No quarto do MORIBUNDO. MORIBUNDO sentado na poltrona com aspecto cansado. MÉDICO de pé apoiado de costas para a janela.)

MORIBUNDO - Não me olha desse jeito.

MÉDICO - Não sei olhar de outro.

MORIBUNDO - Tu algum dia achou que os cinco iam se reunir mais uma vez?

(MÉDICO sacode a cabeça negativamente.)

MORIBUNDO (cantarolando) - Sei que antes da minha morte eu sei que esse dia chegará.

MÉDICO - Para de falar um pouquinho agora e te preserva pra próxima rodada da quermesse que tu inventou.

MORIBUNDO - Merecia um prêmio, não merecia?

MÉDICO - Eu é que merecia. Me desdubro em trinta pra dar conta dessa tua trama de vingança. Parece até um melodrama barato.

MORIBUNDO - Nisso o eminente professor leva larga vantagem, ele chamaria isto de tragédia de vingança.

MÉDICO - Viu a cor dos caquis nas árvores? Vermelho-sangue.

MORIBUNDO - Eu nem me lembrava mais que despertava paixões. Coitado. Tem a ilusão de que se deu bem na vida só porque foi embora daqui. Isso aqui nunca vai sair de dentro de nenhum de nós. Enquanto durarmos nessa esfera dos vivos. Que de vivos, alguns tem muito pouco.

MÉDICO - Já te expliquei mil vezes que a fisiopatologia clássica atribui à asma brônquica um desequilíbrio constitucional nos receptores beta-adrenérgicos da mucosa brônquica que é quando os leucócitos liberam certas substâncias que produzem a bronco-constricção em resposta a estímulos adversos. A tua duração vai depender da forma com que tu te proteger destes estímulos.

(Curta pausa.)

MORIBUNDO - Ele topou?

(MÉDICO encara MORIBUNDO por um tempo. MÉDICO vai até MORIBUNDO, abaixa-se de frente a ele, apoiando as duas mãos nos ombros dele.)

MÉDICO - O meu prêmio vai ser uma charrete. Eu vou querer sempre ir até a cidade dentro dela pra que todos vejam o quanto eu sou importante e o quanto eu me dei bem na vida ajudando os outros. (*Dá dois tapinhas no ombro de MORIBUNDO e sai.*)

(*MORIBUNDO olha MÉDICO sair. MORIBUNDO baixa a cabeça. Longa Pausa. MORIBUNDO vai até a janela, abre-a e dá um longo suspiro. MORIBUNDO tosse de leve.*)

MORIBUNDO - Então ela contou ao rei a maldade e que a bruxa perversa e a sua filha eram as culpadas do que tinha acontecido com ela. O rei ordenou que elas fossem apresentadas diante do tribunal, e o julgamento foi decidido em condenação para elas. A filha dela foi levada para a floresta onde ela foi feita em pedacinhos pelos animais selvagens, mas a bruxa foi atirada no fogo e queimada até virar brasa. E quando ela estava sendo queimada, o veadinho mudou o seu aspecto e tomou a forma humana novamente, então a irmãzinha e o irmãozinho viveram felizes juntos até o fim dos seus dias.

(*Na grande sala. DANÇARINO massageia MORIBUNDO, que está sentado numa poltrona. INTRUSA sentada a sua frente presta atenção no DANÇARINO. PROFESSOR sentado do lado de INTRUSA escuta DANÇARINO com ceticismo no olhar. PAI sentado na banquetta do piano participa animadamente da discussão. GIULIETTA sentada um pouco mais afastada troca olhares com MÉDICO, que se apoia na estante de livros e volta e meia olha para COMPOSITOR que está de pé na janela que dá para o jardim olhando para fora.*)

DANÇARINO - Isso tudo eu já ouvi: longo demais, óbvio, hermético e muito rococó. Mas afinal, o que são...palavras?

PAI - O que tu talvez não consiga entender, com essa tua insistência no afetivo e no sensorial, é que qualquer obra de arte temporal... entende o termo temporal?

(*DANÇARINO faz uma careta para PAI.*)

INTRUSA - Eu não. Me explica?

PROFESSOR - É o que ele mais gosta de fazer pra exibir a sua inteligência.

PAI - Quer tu dar a explicação?

DANÇARINO - O público quer criar uma conexão experiencial, ele quer...

INTRUSA - Ai, cala essa boca. O público sou eu. Uma pessoa normal. Vocês não são medida pra público nenhum.

GIULIETTA (*debochada*) - Se tu fosse a medida, eu teria pena de qualquer artista. (*Sai para a varanda.*)

PROFESSOR (*pega na mão de INTRUSA*) - Temporal significa uma obra de arte que tem começo, meio e fim.

INTRUSA - Mas tem alguma que não tem?

MORIBUNDO - Uma escultura não tem. Ei! Pega leve.

MÉDICO (*indo para a janela que dá para o jardim, para COMPOSITOR*) - Ele tá se aproveitando de ti, isso sim, já que na hora do passeio não rolou.

(*COMPOSITOR sai com a chegada de MÉDICO e vai para a estante.*)

DANÇARINO - É que pelo jeito esse tipo de coisa só rola no passeio de balão (*para PROFESSOR*), né professor?

(*PROFESSOR se constrange. Levanta e vai se servir de conhaque.*)

PAI - Vocês vão acabar com a arte.

(*COMPOSITOR se vira para PAI.*)

PAI - Vão afugentar o público. Se é que já não fizeram isso. (*Serve-se de conhaque.*)

INTRUSA - Foi bem isso que eu disse pro meu cunhad...ex-cunhado.

(*MÉDICO e INTRUSA se olham.*)

COMPOSITOR - O que que tem eu?

DANÇARINO - A gente sai de um lugar onde todo mundo baixa o pau no nosso trabalho pra se esconder no meio do mato e dar de cara com um bando de gente que faz a mesma coisa! Eu, hein!

MORIBUNDO - Essa discussão não vai dar em nada.

(*PAI vai se sentar numa das poltronas.*)

MÉDICO (*para PAI*) - Não seremos presenteados com nenhum recital hoje? (*Sai para a varanda.*)

PAI - Não. Hoje é um dia de reclusão. Não tem música.

MORIBUNDO - Dia de morto.

PROFESSOR (*com o copo na mão, sentando-se no braço da poltrona em que está sentada INTRUSA*) - Eu nunca passei uma páscoa tão animada na minha vida.

INTRUSA (*para PROFESSOR*) - Ah, nem oferece pras visitas?

PROFESSOR (*para PAI*) - Olha só, já tão me considerando dono da casa!

PAI - Quem ri por último ri melhor.

MORIBUNDO - Ah, certamente.

INTRUSA (*vai servir-se de conhaque*) - Pra terminar com esse assunto que é muuuuuito chato. O espetáculo foi uma bosta, não tinha história nenhuma, e aquilo nem dá pra se chamar de dança.

DANÇARINO - Eu não faço arte pra agradar ninguém.

COMPOSITOR (*para PAI*) - Nós vamos trabalhar com o oratório.

(*Curta pausa. Misto de tensão e surpresa.*)

MORIBUNDO (*levanta-se de sopetão e vai até o piano*) - Humperdinck!

(*DANÇARINO leva um susto e dá um passo para trás. INTRUSA vai se sentar no braço da poltrona de PAI.*)

PAI - Hoje não é primeiro de abril.

INTRUSA - Essa foi pra mim?

PROFESSOR - Acho ótimo. Era o que faltava pra coroar a queda de Solness. (*Para INTRUSA.*) Solness é uma personagem duma peça de teatro que teme a concorrência da juventude e no final ele...

MORIBUNDO - Se mata. (*Começa a tocar suavemente 'Ein Männlein steht im Walde' da ópera Hänsel und Gretel no piano.*)

COMPOSITOR (*segurando DANÇARINO*) - Eu tive umas ideias ótimas nesses poucos dias aqui. E eu tenho certeza que tu vai embarcar nessa viagem.

PAI - E os mortais podem saber do que vai se tratar?

COMPOSITOR - Ainda não. (*Para MORIBUNDO*). Vai acabar acordando o guri lá em cima.

(*MORIBUNDO para de tocar. Vira-se para INTRUSA.*)

MORIBUNDO - Ele se joga de cima de uma torre beeeem alta.

INTRUSA - Ai! Que coisa mórbida!

COMPOSITOR - O nosso grande problema (*aponta para si e para o DANÇARINO*), nosso, porque somos uma equipe e escutamos um ao outro, é que a arte burguesa nos considera, pra usar um termo do maestro, muito herméticos, enquanto que o pós-modernismo vazio, nos considera muito semióticos.

INTRUSA (*esvaziando o copo*) - Um é mórbido e o outro fala grego.

COMPOSITOR - Nossa proposta ético-estética não é nem a de agradar as massas alienadas e muito menos de fazer coro ao escapismo pós-moderno que se pretende vanguarda, mas no fundo coaduna com o capitalismo neoliberal.

PAI - Isso não é conversa de músico.

PROFESSOR (*batendo palmas*) - Muito bem! Um artista politizado. (*Para PAI*). É disso que o público sente falta, de alguém que tenha algo para dizer, algo de consistente. (*Vai servir-se de conhaque.*)

INTRUSA (*vai atrás de PROFESSOR, meio que tropeçando*) - Eu também quero, eu também quero... (*gargalhando.*)

MORIBUNDO - Sorte de vocês, poderem refletir sobre um trabalho prazeroso. (*Para PAI.*) Não ter tido o azar de ficar afundado onde o diabo perdeu as botas, no meio duns caquizeiros sem folha, fazendo contas da quantidade de caixa que cabe num caminhão.

PAI - Tava demorando.

PROFESSOR - Aqui se faz, aqui se paga.

PAI - Pois tu deveria saber isso melhor do que ninguém. Esses dois tiveram um tropeço, mas tu, fracassou durante a vida toda.

INTRUSA (*rindo, bêbada*) - Ai, gente, calma! Vocês tavam se comportando tão bem até agora...

DANÇARINO - Agora então eu vou falar.

MORIBUNDO (*debochado*) - Mas é só isso que tu...

DANÇARINO (*gritando*) - Deixa eu falar!

COMPOSITOR (*botando o dedo nos lábios*) - Psssst! Tem gente dormindo!

(*MÉDICO e GIULIETTA entram da varanda.*)

INTRUSA - Mas pra que tanta preocupação com esse menino! Ele nem filho teu é!

MORIBUNDO (*abusado*) - E se assim, por uma suposição, algo totalmente inimaginável e fora de cogitação, ele fosse?

(*MÉDICO e COMPOSITOR se olham.*)

PROFESSOR (*Para pai, bêbado*) - O problema é que tu não entende que o termo rococó é um adjetivo positivo e que sugere graça, refinamento e elegância.

DANÇARINO - A última coisa que eu tenho a dizer, porque pra mim essa conversalhada inútil termina aqui, é que o artista jamais, escutem bem, ja-mais, tem a necessidade de se justificar, seja perante o público, seja perante as autoridades, porque a liberdade poética deve estar acima de qualquer cerceamento de gosto ou de moral, e assim eu me despeço de vocês, e de vocês, e me recolho a minha insignificância criadora, às noites mal dormidas, aos pensamentos martirizantes aos soluços inaudíveis da turba ignota, esteja ela em cima, embaixo, ou do lado. (*Sai em direção às escadas.*)

INTRUSA - Ai, gente, ele decorou essa parte, né? (*Gargalhando*) Só pode ser...

MÉDICO (*para PAI*) - A gente tem um recado do jardineiro.

PAI (*levanta-se cambaleante da bebida em excesso*) - Esse filho da puta não conseguiu consertar o meu carro.

GIULIETTA - Ele disse que o cara da oficina vai vir buscar na segunda-feira.

PAI - Mas eu preciso levar meu neto pro aeroporto essa madrugada!

MORIBUNDO - Seu neto e meu sobrinho. (*Para INTRUSA.*) Vai morar na Suíça. Um show! O que que a gente não faz por um neto, né...

PROFESSOR - E o que que o prodígio é meu então? Deixa ver...

MÉDICO (*olha para GIULIETTA*) - Nós levamos.

COMPOSITOR (*de imediato*) - Não. Levo eu.

MÉDICO - Tu não conhece a estrada, fácil de se perder.

MORIBUNDO - Eu falei que era aqui que o diabo tinha perdido as botas.

PROFESSOR - ...se ele é neto do meu irmão, então ele é meu...

INTRUSA (*para COMPOSITOR*) - Lembra como a gente custou até achar pra chegar aqui?

PROFESSOR - ...sobrinho-neto, (para INTRUSA) acertei?

(COMPOSITOR sai pela grande porta do jardim.)

PAI - Eu que queria levar pra me despedir dele no aeroporto.

MORIBUNDO - O senhor sabe dirigir carro automático, papi? Nunca quis aprender. Viu no que que deu? (Toca 'Suse liebe Suse' da ópera Hänsel und Gretel no piano.)

PAI - Para de tocar essa merda!

PROFESSOR - Só um momentinho, ele disse que vocês vão juntos pro aeroporto?

GIULIETTA - Sim. Qual o problema?

PROFESSOR (levantando-se com dificuldade) - Então eu desafio o senhor para um duelo.

INTRUSA - Pra onde foi que me trouxeram? Que lugar é esse?

(MORIBUNDO toca mais alto. PAI empurra PROFESSOR que cai no chão. INTRUSA grita. MÉDICO segura PAI. PAI tenta se desvencilhar. MORIBUNDO sai correndo para o seu quarto. INTRUSA puxa GIULIETTA para longe do grupo. GIULIETTA se desvencilha de INTRUSA e ajuda PROFESSOR a se levantar. MÉDICO e GIULIETTA carregam PROFESSOR para o quarto dele. COMPOSITOR entra.)

PAI (para COMPOSITOR) - Eu vou ficar a noite inteira aqui acordado pra poder me despedir dele, a única coisa de bom que a vida me deixou. Fui eu que provoquei tudo isso, eu sou o responsável pela minha própria solidão, mas quando a gente percebe a decisão tomada, parece que...

(Ouve-se o farfalhar de asas. COMPOSITOR sobe correndo as escadas.)

INTRUSA (aproximando-se de PAI de forma libidinosa) - Ficamos sozinhos. Só os dois. Nenhuma ideia de algo...interessante pra se fazer?

(PAI pega na mão de INTRUSA e leva-a para o seu quarto.)

(No quarto do VIÚVO. K sentada em cima das almofadas. COMPOSITOR entra correndo e para no meio do quarto ofegante. COMPOSITOR olha para a tela em branco.)

K (*dona de si*) - Hoje é sábado de aleluia, tá quente, dá pra ver o calor que envolve o teu corpo, filma ali, ali, ó, esta tela branca imensa e encardida, deu, agora volta pra mim, pra mim, eu aqui.

(*COMPOSITOR se aproxima da tela e acaricia o tecido branco rugoso.*)

K - Bobo, hoje é a vigília pascal, a mãe de todas as santas vigílias, o dia em que se honra a sepultura de Jesus Cristo e a sua descida ao mundo dos mortos, mas apesar da tristeza e do luto é uma noite de alegria porque a morte é também uma promessa de ressurreição.

(*K vai até COMPOSITOR e o abraça por trás.*)

K - E eu achei que nós nunca mais íamos passar uma páscoa juntos o meu corpo perto do teu o cheiro do teu pescoço me excitando e o filme e o tango e a penumbra a distância que só existe na nossa cabeça o longe e o perto o meu coração tá tão cheio de coisas pra te dizer...

(*MORIBUNDO entra. K solta COMPOSITOR.*)

K - Irmãozinho.

MORIBUNDO - Eu fui atrás de ti e me disseram que tu tinha subido correndo as escadas e eu imaginei que tu só poderia estar aqui mesmo, afinal esse era o quarto dela, né?

(*COMPOSITOR olha desolado para MORIBUNDO.*)

MORIBUNDO - Esse momento, aqui nesse quarto, não me pertence, eu sei, mas eu não podia deixar de te dizer muito obrigado. Sem ti a minha história não poderia ser contada. (*Pausa.*)

(*MORIBUNDO vai até COMPOSITOR e o abraça com força.*)

MORIBUNDO - Pra ti, ela era a princesa, pra mim, a minha irmãzinha. Eu vou falar pra ela que tu nunca esqueceu ela, depois de todos esses anos.

(*MORIBUNDO solta COMPOSITOR. COMPOSITOR vai até as almofadas e se deita aninhado em K. COMPOSITOR adormece enquanto MORIBUNDO fala.*)

MORIBUNDO (*para K*) - O irmãozinho pegou a irmãzinha pela mão e disse: - "Desde que a nossa mãezinha morreu não fomos mais felizes, e a nossa madrastra bate em nós todos os dias, e se tentamos nos aproximar dela, ela nos expulsa com os pés. A nossa refeição são os pedaços de pães duros que sobram, e o cachorrinho que fica debaixo da mesa tem mais sorte, porque para ele ela joga pedaços melhores. Tomara que o céu tenha pena de nós. Se a nossa mãe soubesse! Venha, vamos sair e andar pelo mundo.

(Pausa curta.)

MORIBUNDO - Ele não sabe de nada. Até daqui a pouco.

(MORIBUNDO sai.)

K - Ele sabe sim. Sempre soube. A gente sempre sabe. Só tenta fazer de conta que não.

(MÉDICO entra sorrateiramente e fecha a porta com cuidado. Olha para COMPOSITOR dormindo nas almofadas. Vai até ele pé ante pé e larga um envelope junto ao corpo do COMPOSITOR. MÉDICO sai do quarto.)

(Curta pausa.)

K *(afagando o cabelo de COMPOSITOR)* - Tu, tu, o meu amor, o meu tudo, adeus, ah, continua me amando, não ignora jamais o tão fiel coração da tua amada. Pra sempre tua. Pra sempre meu. Pra sempre nosso.

(Na Cozinha. Um pouco antes das seis horas da manhã. Um tênue sinal da aurora do lado de fora da janela. Uma profusão imensa de velas apagadas de diferentes cores e tamanhos. Por sobre a mesa vários ovos de galinha coloridos de diferentes cores. EMPREGADA, de olhos fechados e de pé, ao lado da mesa, veste um vestido claro.)

EMPREGADA - Cristo ressuscitou dos mortos. Pela morte ele venceu a morte. Aos que estavam no túmulo, Cristo deu a vida.

(MÉDICO e GIULIETTA entram. EMPREGADA abre os olhos e sorri para os dois. MÉDICO e GIULIETTA olham estupefatos para o cenário colorido na cozinha. EMPREGADA acende duas velas e entrega cada uma delas ao MÉDICO e a GIULIETTA.)

EMPREGADA - Podem acender. São vocês dois que precisam fazer isso.

(MÉDICO e GIULIETTA acendem as velas.)

EMPREGADA *(exultante)* - Que Deus se levante e seus inimigos sejam vencidos e seus adversários fujam diante de sua face. Tal como o fumo se dissipa assim eles sejam dispersados à semelhança da cera que se derrete diante do fogo.

(JARDINEIRO entra do jardim. EMPREGADA corre até um dos cantos da cozinha e pega uma cesta tapada por um pano de prato.)

EMPREGADA *(entregando a cesta para JARDINEIRO)* - Este é o café da manhã deles. Eles não podem perder mais tempo aqui nesta casa. Leva

pro carro. Tem café, sanduíche, iogurte, bolo...ah! (*Pega alguns ovos que estão sobre a mesa e coloca dentro da cesta*). Já tava me esquecendo. (*Para MÉDICO com alegria.*) É muito júbilo!

MÉDICO - Alguém tá acordado?

EMPREGADA - Não, nem deve. Ninguém. Levem o menino pro carro e vão duma vez. (*Para JARDINEIRO.*) Ajuda eles. Vão logo!

GIULIETTA - O elixir tá na cesta?

EMPREGADA - Vocês não precisam mais disto. Ressuscitando, tu saís do túmulo como de uma câmara nupcial. A história da salvação é um drama de amor, como o de vocês.

(*EMPREGADA tira as velas das mãos deles. GIULIETTA e MÉDICO se olham.*)

EMPREGADA - Um imenso cântico dos cânticos no qual Deus procura pela humanidade que se desviou dele pra lhes devolver o primeiro amor. Beijem-se.

(*GIULIETTA e MÉDICO se olham confusos mas achando graça. JARDINEIRO tapa os olhos com as mãos. MÉDICO e GIULIETTA se beijam.*)

EMPREGADA - Que todo o universo esteja em festa, toda a terra...pois ele ressuscitou, o Cristo, alegria eterna.

MÉDICO - Não vai querer se despedir dele?

EMPREGADA - Não. Ele deve se manter purificado e ir embora daqui sem ver ninguém além de vocês dois, que simbolizam a vida e a luz. Vão. Rápido.

(*JARDINEIRO sai pela porta do jardim. MÉDICO leva GIULIETTA pelo braço até a porta que dá para o interior da casa. GIULIETTA para e corre até EMPREGADA. GIULIETTA abraça EMPREGADA. GIULIETTA sai apressada pela porta que dá para o interior da casa. MÉDICO sai atrás dela. EMPREGADA acende o resto das velas. Ouve-se o barulho do carro indo embora. EMPREGADA coloca a vela de volta no castiçal e reza com as mãos tapando o rosto. PAI entra na cozinha.*)

PAI (*descontrolado*) - Por que não me acordaram? Cadê o meu neto? Me devolvam ele!

EMPREGADA - Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, inferno, a tua vitória?

PAI - Cala essa boca sua grega idiota, sua vagabunda! Me dá meu neto de volta!

EMPREGADA - Ele já seguiu o caminho dele. Disse que não queria se despedir de ninguém.

PAI (*chocado*) - Ele disse isso? Como assim, ninguém? Eu não sou um ninguém.

EMPREGADA (*servindo uma aguardente num copo e dando para PAI*) - Ó, bebe isso que vai te fazer bem.

PAI (*pega o copo e esvazia ele de um só gole*) - Não me deixa nessa hora. Eu preciso de ti.

(*EMPREGADA abraça PAI com um sorriso mau.*)

PAI - Eu vou ficar sem ninguém se tu não cuidar de mim como tu sempre fez. Meu guri se foi. Eu vou ter que vender essa casa.

EMPREGADA (*desvencilha-se de PAI e serve outro copo de aguardente pra ele*) - Mas vai querer que uma grega vagabunda cuide de ti?

(*PAI toma a aguardente.*)

EMPREGADA - Lá em cima tem coisa melhor. Carne nova.

PAI (*fica de costas para EMPREGADA*) - Eu não consegui. É só contigo.

EMPREGADA - Fui eu que nunca consegui.

(*PAI se vira.*)

EMPREGADA - Eu sempre fiz com nojo. Com asco.

PAI - Isso é tudo mentira...tu gemia gostoso...

EMPREGADA - Eu sobrevivia! Era isso que eu fazia. (*Vira-se para a janela.*) Tu nos prometeste sem mentira de estar conosco até a consumação dos séculos, ó Cristo! E nós, fiéis, nós conservamos esta palavra como a âncora de nossa esperança, e permanecemos na alegria.

(*PAI vai até EMPREGADA e agarra-a, tentando beijá-la no pescoço. EMPREGADA se livra de PAI e vai até o outro lado da mesa. JARDINEIRO entra pela porta da cozinha com uma cara assustada.*)

PAI - Sua puta! Vadia! Eu te sustentei todos esses anos nessa casa. De graça. Tu e esse teu ajudantezinho de merda. Um quase-animal. Mas presta bem atenção, vocês vão ter o que vocês merecem. Não perdem por esperar. E agora eu vou terminar o meu serviço porque, como sempre, tu (*segura o seu pênis por fora da calça*) me deixou bem animadinho. (*Sai apressado em direção à escada.*)

EMPREGADA - Vai, mas não esquece de conferir se o que que tu esconde dentro do cofre ainda tá lá.

(PAI volta-se para EMPREGADA.)

EMPREGADA (dando as costas para PAI) - Ela tava só atrás disso.

(PAI olha para JARDINEIRO. PAI pega uma faca afiada e sai.)

EMPREGADA (de olhos fechados) - Pequei mais que a pecadora, ó bom Deus, mas não te ofereci torrentes de lágrimas. (Vai até a mesa, quebra um ovo e come-o. Olha para JARDINEIRO.) Vai ficar aí parado? Agora esse daí sobe. Encontra o cofre remexido e mata ela. E a gente chama a polícia. Simples assim. E assim, eu fico com a culpa toda pra mim e pago as contas no dia da minha morte. Ele anda tossindo muito e precisa ter um pouco mais de paz na vida a partir de agora e se depender de mim é isso que vai acontecer.

(JARDINEIRO encara EMPREGADA assustado.)

EMPREGADA (rallentando, para JARDINEIRO) - Eis que o esposo vem no meio da noite. Feliz o servo que ele encontrar vigilante. Aquele, porém, que encontrar imprevidente, será considerado indigno de acompanhá-lo.

(JARDINEIRO grunhe com medo.)

EMPREGADA (agarrando os braços de JARDINEIRO) - Sozinho em direção ao riacho? Por que não me disse logo? Deus me dai as forças necessárias. (Sai correndo pela porta do jardim.)

(JARDINEIRO pega um ovo pintado de vermelho. Tira a arma do bolso e coloca sobre a mesa. Quebra o ovo. Come o ovo lentamente. Apaga as velas acesas com cuspe nos dedos polegar e indicador.)

JARDINEIRO - Wir haben ihn gesehen nach diesem Berge gehen, entfliehen kann er nicht, ja, seiner wartet das Gericht.

(JARDINEIRO pega a arma da mesa e sai em direção às escadas.)

(No pomar dos caquizeiros. O céu já mostra a vitória dos raios do sol sobre as trevas da noite. K sentada em cima de um galho. MORIBUNDO pende de outro galho, enforcado por uma corda no pescoço. EMPREGADA entra correndo e vai diminuindo a velocidade à medida em que chega perto dele. Cai de joelhos no chão. MORIBUNDO se desvencilha da corda e cai no chão de pé. MORIBUNDO estica os braços para K. K se joga nos braços dele. Os dois fazem menção de ir embora.)

MORIBUNDO - Olha, uma criança!

K - De onde é que ela vem?

EMPREGADA - Finalmente libertada.

K - Os olhinhos dela ainda estão fechados, mas ela dorme e sabe cantar tão bem!

EMPREGADA - Toquem em mim, pra que eu possa despertar.

MORIBUNDO (para K) - Faz tu, eu não tenho coragem.

(K toca no rosto de EMPREGADA.)

EMPREGADA - Tu também precisa tocar para que eu acorde e possa ver a luz do sol.

(MORIBUNDO toca no rosto de EMPREGADA. EMPREGADA abre os olhos e sorri. K pega na mão de MORIBUNDO e na mão de EMPREGADA. Os três saem juntos.)

(No quarto do viúvo. COMPOSITOR dorme em posição fetal por sobre as almofadas. O filme começa a rodar sozinho sem som. O tango começa a tocar sozinho. COMPOSITOR desperta, senta-se e tenta reconhecer onde está. Vê o filme na tela. Percebe o envelope no seu colo. Coça os olhos. Reconhece o lugar. Abre o envelope com pressa. Lê o conteúdo do exame de DNA. Olha para o filme na tela enquanto que vai baixando lentamente os braços. O tango não para de tocar. A luz cai lentamente.)

FIM